UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

"A ALIANÇA FAMILIAR NA ADAPTAÇÃO
ESCOLAR INEFICAZ".

Candidata: CÉLIA MARIA BLINI DE LIMA

Orientadora: Professora Doutora Eda Marconi Custódio

Dissertação apresentada ao Instituto
de Psicologia, Universidade de São
Paulo, como parte dos requisitos pa
ra obtenção do grau de Mestre em
Psicologia - área de concentração
PSICOLOGIA ESCOLAR.

Comissão Julgadora

Doutora Yvonne Alvarenga Gonçalves Khouri Yvonne G. Khouri

Professor Titular Walter Trinca Walter Trinca

Professora Doutora Eda Marconi Custódio Eda M. Custódio

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**TÍTULO: A ALIANÇA FAMILIAR NA ADAPTAÇÃO
ESCOLAR INEFICAZ**

CANDIDATA: CELIA MARIA BLINI DE LIMA

ORIENTADOR: PROF^A DR^A EDA MARCONI CUSTÓDIO

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de **Mestre em Psicologia** — área de concentração Psicologia Escolar.

SÃO PAULO

1991

"Minha família anda longe
Reflete-se em minha vida,
mas não acontece nada:
por mais que eu esteja lembrada,
ela se faz de esquecida:
não há comunicação!
Uns são nuvem, outros lesma...
Vejo as asas, sinto os passos
de meus anjos e palhaços
numa ambígua trajetória
de que sou o espelho e a história.
Murmuro para mim mesma:
'É tudo imaginação!'
Mas sei que tudo é memória..."

CECÍLIA MEIRELES

A

JULIA e LUCAS,
meus filhos.

que me permitiram a
experiência mais profunda
e viva de compreender o
que é a criação e o com-
promisso que se tem com
ela.

A

JORGE,

meu querido companheiro,
com quem tenho aprendido
que criar é um ato de co
munhão, amor e paciência.

A

MEUS PAIS (in postumo),

que me ensinaram a lutar
pela vida e amá-la.

Aos

MEUS IRMÃOS,

Dema, Lourdes, Nilce e Nelson
que, com seu carinho, experiên-
cia e esperança, tem me ajuda-
do a crer no amanhã.

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Eda Marconi Custódio, minha orientadora, que favoreceu um clima de confiança para a realização deste trabalho, contribuir com sugestões e críticas para o seu desenvolvimento, apoiando-me e incentivando-me.

À Sra. Ana Maria Trapè Trinca, minha analista, que com sua arte e sabedoria, tem me acompanhado durante tantos anos, auxiliando-me no encontro comigo mesma, contribuindo de forma especial para o aumento da minha autoconfiança.

Ao Prof. Titular Walter Trinca, que com sua forma de ser e de praticar a psicanálise, seguindo uma concepção mais humanista e sensível, tem representado um guia especial no desenvolvimento da minha prática clínica.

À Dra. Maria José Andrade de Souza, minha supervisora, que muito tem ampliado a compreensão do funcionamento mental dos meus pacientes, bem como tem me ensinado uma prática psicanalítica coerente com os princípios humanos.

À Profª Drª Yvonne Gonçalves Khouri, com quem iniciei meu caminho dentro da Psicologia na área da Educação, e

aprendi o respeito à criança, a importância de considerá-la dentro de um contexto mais amplo e que, pelo crédito em mim e no meu trabalho contribuiu significativamente para o meu crescimento.

Ao Prof. Titular Ryad Simon, que colaborou principalmente na supervisão dos casos clínicos, contribuição fundamental para o entendimento da situação emocional dos sujeitos.

A Walquiria Fonseca Duarte, querida amiga, pelo seu incentivo, apoio e respeito a mim e ao meu trabalho, responsáveis pelo início da minha experiência no Mestrado e pelas contribuições inestimáveis neste trabalho.

A Audrey Setton Lopes de Souza, cara amiga, pela paciência e disponibilidade com que me auxiliou na análise dos casos e no conjunto do trabalho.

Às psicólogas Elaine Maria de Faria Bagdade, Eliane Marysa Faitarone Silva, Heloisa Antiori Sêrpico, Marina Arnhold, Renata Longobardi Fidalgo, que me ajudaram no atendimento dos casos desta pesquisa e contribuíram com seu apoio e admiração ao meu trabalho.

Aos meus pacientes, com quem muito tenho aprendido sobre a natureza humana e o funcionamento psíquico e com quem muito tenho aprendido sobre a natureza humana e o funcionamento psíquico e com quem tenho podido desenvolver minha prática clínica.

Às crianças e pais desta pesquisa, que tornaram possível este estudo, contribuindo para o levantamento dos dados, que permitiram através da análise, hipotetizar conclusões úteis para as crianças e suas famílias.

À Escola da Fundação Bradesco, em especial à Sra. Diretora Regina Célia Mello Devitte e à Orientadora Educacional Regina Célia Santos Petian, que intermediou nosso contrato, pela abertura e apoio oferecidos, sem o qual este trabalho teria sido inviabilizado.

Aos meus sogros, Conceição e Artur, pela confiança que eles depositam em mim e que tem me servido de estímulo.

A todos os amigos que direta ou indiretamente colaboraram para a realização desta experiência.

À Terezinha Aparecida Rolim da Silva, pela apresentação gráfica do material.

Ao Reinaldo Joaquim Ruivo, que me ajudou no levantamento bibliográfico, o que muito contribuiu para enriquecer o trabalho.

Ao CNPQ, que financiou esta pesquisa no período de março de 1988 a agosto de 1990.

Agradeço especialmente ao **Lucas, Julia e Jorge** que souberam esperar com paciência meu retorno ao lar, e que me apoiaram com seu amor, dando-me forças; às minhas irmãs **Lourdes e Dema** e à minha secretária **Neide** que cuidaram de meus filhos nas minhas ausências, garantindo meu espaço e tranquilidade, sem o qual certamente este trabalho não teria sido realizado.

V

LIMA, C. M. B. - A Aliança Familiar na Adaptação Escolar Ineficaz. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 381 pp.

R E S U M O

Este estudo pretende investigar os aspectos psicodinâmicos da família que poderiam entrelaçar-se na adaptação escolar ineficaz, colaborando para a instalação de dificuldades na aprendizagem quer frente aos conteúdos formais, ou frente às atitudes não favorecedoras de um bom desempenho.

Para a realização do estudo foi utilizado o material de 9 crianças de ambos os sexos, com idade variando entre 5 e 10 anos, provenientes de escolas particulares e com queixas escolares. Desse material foram discutidas a relação entre a família e a criança através das Entrevistas com os pais—Anamnese e Trigeracional—e dos Desenhos de Famílias com Estórias, aplicados aos pais e às crianças, sem contudo reduzir as dificuldades de cada criança às influências de sua família.

Procuramos demonstrar que é possível encontrar um sentido para o sintoma, se o analisarmos dentro do contexto da história pessoal e familiar e se tivermos acesso aos objetos internos de família, desde que utilizemos como substrato teórico a Psicanálise.

A análise do material demonstrou que é possível detectar as fantasias presentes nos pais e nas crianças, a forma como elas são apresentadas em seu discurso manifesto e a relação desses resultados com as dificuldades escolares.

Os resultados indicam que a adaptação escolar ineficaz é consequência do desenvolvimento onde o emocional desempenha um papel inibidor, sendo a estruturação emocional da família e a atualização de suas relações essenciais para a adaptação escolar eficaz.

Os dados revelaram que as famílias apresentam-se com características específicas, com traços de imaturidade e insegurança, presas ao passado e, portanto, incapazes de conter as ansiedades de seus filhos, condição essencial para o desenvolvimento. Indicam a presença de pais aparentemente perfeitos (perfeição mecânica) e não de pais satisfatórios.

As crianças apresentaram uma relação particular com o alimento (inapetentes ou vorazes) e dessa forma mantêm as mães realmente ocupadas com elas, o mesmo acontecendo no correspondente às dificuldades escolares, revelando a falta da mãe internalizada, o alento para estarem sós.

Pudemos hipotetizar, portanto, falhas nos processos primários de introjeção da realidade e consequente fi-

xação em estágios anteriores do seu desenvolvimento, possivelmente a fase oral.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	V
SUMMARY.....	VIII
I - AS RAÍZES DO TRABALHO.....	1
II - INTRODUÇÃO.....	5
A. UM JOGO DE RELAÇÕES: A CRIANÇA, A FAMÍLIA E A ESCOLA.....	9
B. O NASCER DA INDIVIDUALIDADE.....	14
C. UM LUGAR PARA A FAMÍLIA.....	24
D. O EU SINTOMÁTICO E SUA RELAÇÃO COM OS OUTROS.....	35
E. UM MOMENTO PARA OUTROS TRABALHOS.....	43
III - OBJETIVOS.....	50
IV - METODOLOGIA.....	52
A. SUJEITOS.....	52
B. INSTRUMENTOS.....	54
1. ENTREVISTAS.....	55
1.1. ENTREVISTA TRIGERACIONAL...	55
1.2. ENTREVISTA DE ANAMNESE.....	57
2. DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS (DF-E).....	57
2.1. JUSTIFICATIVA PARA O USO...	57
2.2. EVIDÊNCIAS DE SUA EFICÁCIA.	58
2.3. NORMAS PARA APLICAÇÃO.....	59
3. TESTES DE MATRIZES PROGRESSIVAS DE RAVEN.....	60

C.	PROCEDIMENTOS.....	60
1.	A APLICAÇÃO DO MATERIAL.....	60
2.	ANÁLISE DOS DADOS.....	61
V	- ALGUNS RESULTADOS.....	63
A.	CASOS CLÍNICOS — APRESENTAÇÃO DOS DADOS E SÍNTESE DOS CASOS.....	65
B.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	339
B.1.	ELES, OS PAIS.....	340
B.2.	ELAS, AS CRIANÇAS.....	347
B.3.	ELES E ELAS.....	355
VI	- UM MOMENTO PARA REFLETIR.....	363
VII	- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	374

ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

QUADRO I.....	53
TABELA I.....	64

ABSTRACT

This study investigated the familiar psychodynamic aspects which could be involved in ineffectual school adaptation, inducing learning disabilities either with respect at formal contents or disturbed behaviour.

To develop this study, were used 9 children material of both sex, aged 5 to 10 belonging to particular schools and presenting school complaints. From this material were discussed the family and children interaction by using parents interview to obtain data from personal and familiar story, Proceeding of Family Drawings with Stories (DF-E) applied on parents and children, without reducing however the child difficulties of the family involvement.

This investigation intends to show that it is possible to find a meaning of the symptom, if were analysed in personal and familiar story and if we have access to the internal family objects, since we utilize psychoanalysis as theoretical substract.

The analysis of material has demonstrated that it is possible detecting parents and children fantasys the way they appear in their manifest speech, and

how these results are related with learning disabilities.

Results point out that ineffectual school adaptation is consequence of the kind of development where the emotional plays a inhibitor role, being the emotional struturation of family and the updating of their relation, essential to the effective school adaptation.

Data have showed that families have specifical characteristics, immaturity and insecurity traces, reported to the past and therefore unable of containing the anxiety of their children, essential condition to development. They indicate the presence of supposed perfect parents (mechanical perfection) and not of satisfactory parents.

Children have expressed a particular relation with food (inapetents or voracious) and by this way maintaining their mothers really engaged with them, occourring the same with regard to the school difficulties, revealing a lack of internalized mother, the breath to be alone.

We can, therefore hypothesize faults in primary processes of interning reality and consequent fixation in former stages of development, possibly oral phase.

I. AS RAÍZES DO TRABALHO

Senti que seria importante apresentar de uma forma mais pessoal este trabalho que, num sentido mais profundo, refere-se à busca da integração e da identidade pessoal e profissional. Esta certamente não é uma busca particular, pois é uma questão de toda a humanidade, pertence a todas as pessoas... Torna-se, no entanto, original na sua forma de acesso, no caminho que é escolhido para alcançá-la.

Aprendi também nesta experiência que só é possível falar sobre um trabalho quando ele está terminado e adquire um significado interno. Talvez por isso este se tornou o momento mais fácil e o mais difícil de ser realizado.

Escolhi como caminho para a apresentação deste estudo, falar um pouco de mim e da minha história.

Tenho perseguido de forma apaixonada em minha vida, o significado de cada experiência vivida: das coisas, da existência e de mim mesma.

Sinto que abro as portas do meu ser para deixar entrar as mensagens que vem de toda parte. Assim eu cresço e cada vez mais me aproximo de uma parte de quem sou.

Neste mosaico de experiências, vou juntando as partes e me diferenciando dos outros, do mundo, criando minha identidade; como num quebra-cabeça, quando as partes se integram e vão configurando uma imagem — única, particular, definida.

Comecei como todas as pessoas, pequena, numa família e misturada com minha mãe, depois meu pai e meus irmãos. Fui me diferenciando e, a cada passo, criando algo novo dentro e fora de mim, o que me encantava — era a experiência de liberdade, e me desesperava — eu me sentia só, afastada deles.

...

Eu tendia a voltar para eles — era difícil suportar a solidão. Busquei então novas parcerias, pois eu procurava a segurança, o bem estar e imaginava que poderia encontrar na companhia de alguém.

Construí então uma nova família e me misturei com meu companheiro. Aos poucos, novamente, fui procurando minha individualidade e descobrindo que eu podia ser separada dele e compartilhar com ele a minha existência. E desta união nasceram novos seres, em cuja convivência, novamente eu me confundo e ao mesmo tempo em que me encontro e me reconheço a cada dia, posso vê-los, reconhecê-los e ajudá-los nesta difícil arte de crescer e se individualizar.

E nós fizemos a nossa casa, construímos o nosso lar, que nos abriga e nos protege, onde eu me sinto, cada

vez mais, com possibilidade de existir diferenciada deles, sem tanto medo.

Assim também foi o meu caminho em busca do conhecimento e da experiência profissional.

Fui crescendo com estranheza diante das dificuldades que o saber me impunha. Com atropelos, com alguns embaços frente a minha própria capacidade, coloquei-me sempre humilde diante das experiências, até demais, às vezes como quem não sabia nada.

...

E aqui estou passando um conhecimento. Nascido de muitas angústias de muitos momentos de reflexão e, principalmente da própria experiência, que se dividiu em dois grandes momentos — um na escola, outro na clínica (a cisão conteve a ansiedade inicial), tento a integração (representada por todo o sofrimento da realização) e proponho juntar cada peça deste mosaico com o intuito de buscar um significado.

Eu me confundo com meu trabalho: ora falo de mim ora da experiência que realizei, mas talvez hoje eu possa dizer da vibração e do sofrimento que é a busca da identidade tanto pessoal como profissional. Somente agora sei que posso existir separada de meus pais e irmãos e que posso construir algo em qualquer parte — na relação com quem amo e no meu trabalho.

Neste momento, ultrapasso alguns obstáculos, assimilo os embaraços e venço parte das minhas dificuldades: acredito que posso contribuir, que meu saber não é "*nada*", que posso oferecer um conhecimento vindo de mim e de minhas experiências.

II. INTRODUÇÃO

Nossa experiência profissional tem sido dividida entre a atuação na área de Educação e de Clínica, e este trabalho de pesquisa representa, de alguma forma, a tentativa de integrar essas práticas e buscar respostas a algumas das muitas angústias que, só com a prática educacional, não puderam ser aliviadas, mas evidenciadas.

Cada vez mais acreditamos que a prática profissional do psicólogo, quando analisa uma criança, deve levar em consideração o conjunto de forças e interferências a que ela está sujeita: sua própria natureza, a família, a escola, num âmbito mais particular, e a sociedade, num âmbito mais amplo.

Sabemos da tendência, ao examinar uma criança com problemas de adaptação escolar de qualquer natureza, de relacionar suas dificuldades a deficiências ou desajustes particulares dela. Por outro lado, entendemos e concordamos que a ação da instituição escolar e as pressões e expectativas da família sobre a criança podem ter papel ativo e importante em seu comportamento. Numa tentativa de sobrevivência, de encontrar um lugar onde possa receber amor e atenção, a criança pode submeter-se a papéis que, livre de pressões, não escolheria, ou pode colocar-se de forma

desajustada, por ser essa a única expressão possível para o seu eu num sistema de relações a que pertence.

Acreditamos no pressuposto de que a patologia mental é um sintoma resultante de um conjunto de tendências e relações e que precisamos buscar o seu sentido latente. Pensamos que este possa ser aclarado se pudermos localizar essa criança "doente" dentro da dinâmica familiar e o que isso representa para a criança e para sua família.

Utilizaremos neste estudo desde o título aos resultados e análise o termo adaptação ineficaz, para caracterizarmos quaisquer respostas desadaptadas da criança à situação escolar, sejam elas manifestadas na área da aprendizagem, ou comportamento. Desta forma estaremos considerando tanto problemas pedagógicos como distúrbios de comportamento — dispersão, agitação, agressividade, entre outros.

Para definirmos adaptação ineficaz, nos baseamos no conceito de Simon (1989, p. 20).

"Quanto mais o conjunto de respostas seja adequado, mais eficaz será a adaptação do sujeito. Ou a adaptação será eficaz ou será não eficaz."

As respostas de uma pessoa podem ser adequadas em certas áreas e menos em outras. A prática tem nos mostrado que a adaptabilidade geral pode ser apreciada segundo quatro setores de funcionamento que chamamos:

1. afetivo-relacional, compreendendo os

sentimentos, atitudes e ações com relação à si próprio e ao semelhante;

2. produtividade, relacionado ao trabalho, estudo ou qualquer atividade produtiva, mesmo de natureza artística, filosófica ou religiosa, considerada como ocupação principal do sujeito no período avaliado;
3. sócio-cultural, abrangendo os sentimentos, atitudes e ações com relação à estrutura social, aos recursos comunitários e aos valores e costumes do ambiente em que vive;
4. orgânico, compreendendo o estado e funcionamento do organismo do sujeito bem como seus sentimentos e ações em relação ao próprio corpo.

Assim, quando nos quatro setores aqui considerados, o conjunto das respostas do indivíduo puder ser considerado como **'adequado'**, a adaptação será classificada como **'eficaz'**. Quando em algum setor o conjunto de respostas for considerado **'pouco adequado'** ou **'pouquíssimo adequado'**, a adaptação será classificada como **'não-eficaz moderada'** ou **'severa'**.

Consideraremos portanto, a criança que apresenta respostas desadaptadas na situação escolar, sejam elas de natureza emocional ou pedagógica, como apresentando uma adaptação ineficaz, pois estaria, com uma queda principal no setor da produtividade.

Pretendemos, através deste estudo, procurar possíveis relações entre a adaptação escolar ineficaz e os indicadores psicodinâmicos da família, que poderiam promover a não aprendizagem, e/ou a desadaptação em crianças com queixas escolares cujos psicodiagnósticos não tenham revelado comprometimentos orgânicos ou maturacionais.

Sabemos que a família, que aqui consideramos como Richter (1979), um sistema complexo de relações cujos canais de comunicação se dão de forma consciente (manifesta) e/ou inconsciente (latente), pode atuar sobre a criança favorecendo seu desenvolvimento e o desempenho escolar, da mesma forma que pode impedir o fluxo natural do crescimento, trazendo como consequência a não utilização pela criança dos seus recursos intrapsíquicos e uma possível instalação do sintoma.

Nossa experiência com crianças tem nos mostrado que muitas delas com o sintoma de baixo rendimento escolar, encontram-se de alguma forma impedidas de um desempenho satisfatório devido a problemáticas emocionais, diversas vezes relacionadas a situações conflitivas na família, que não aparecem de forma explícita.

O trabalho clínico com crianças e pais nos revela como, a partir da elaboração de tais conflitos (familiares e individuais), o rendimento de tais crianças melhora sensivelmente. Acreditamos que uma intervenção adequada seja capaz de permitir que elas utilizem melhor seu potencial.

Muito freqüentemente a própria dinâmica familiar conflitiva age como um impeditivo para um melhor aproveitamento do trabalho escolar. Se fôr possível um bom diagnóstico do grupo familiar, de modo a se explicitar a dinâmica geradora de conflitos e a forma como esta atua no sen-

tido de reprimir a capacidade da criança de usar seu pensamento de forma construtiva, isto nos permitirá um levantamento dos indicativos da psicodinâmica familiar de tais crianças que atuam como fator de adaptação ineficaz.

Temos observado a influência da família no psicodinamismo da criança tanto frente à aprendizagem escolar, como em todo seu desenvolvimento, atuando como elemento facilitador ou inibidor do seu desenvolvimento normal.

Richter (1979, p.22) coloca que

"os pais estão sempre trazendo seus filhos aos psicoterapeutas para melhorar o rendimento escolar de seus rebentos. Na maioria das vezes, porém, os problemas escolares são expressão de conflitos que, na sua raiz, nada tem a ver com o trabalho".

Ainda acrescenta que este sintoma poderia ser a "chance da criança ser livre e escapar à imposição de um papel, representaria os "restos mortais da sua saúde psicológica".

A. UM JOGO DE RELAÇÕES: A CRIANÇA, A FAMÍLIA E A ESCOLA

A família vai orientando a criança desde o seu nascimento até a fase adulta, promovendo a evolução

desde o brincar com o próprio corpo (primeiros meses de vida) até chegar ao trabalho, que se "aprende primeiro como brincadeira, depois como colaboração no lar e, finalmente, mediante as tarefas escolares" (Soifer, 1982, p. 24). Paralelamente a esta aprendizagem, continua Soifer,

"a família ensina o respeito, o amor e a solidariedade — pedras angulares da convivência e único contrapeso útil para os sentimentos de ódio, inveja, rivalidade e ciúmes derivados dos conflitos infantis" (id, ibid, p. 24).

Os pais portanto, através da sua autoridade, transmitem aos filhos seus conhecimentos e experiência de vida, ajudando-os a discriminar a realidade da fantasia. Essa imagem protetora e orientadora dos pais, constitui a base da formação do superego. Nesse sentido, a tarefa principal dos pais é ensinar e limitar as fantasias da criança, dar a noção sobre a realidade, condições necessárias para o desenvolvimento do pensamento, atividade que serve para suportar as tensões internas e adiar a satisfação.

Assim as funções básicas da família são ensino e aprendizagem, a defesa da vida e a evolução adaptativa da criança.

A escola, como a família, tem também como finalidade principal o ensino e a aprendizagem, cabendo a essa instituição oferecer "um sistema de conhecimentos fundamentados sobre um certo número de regras de aprendizagem, no-

vas formas de adaptação social" (Ajuriaguerra, 1983, p. 803).

O mesmo autor diz que:

"Os pais parecem ausentes nesta sociedade nova que é a escola, mas na verdade ocorre o oposto. Se para a criança é um campo novo de experiências, no qual ela revive e assume seus problemas familiares sob novas formas (e isto constitui um progresso no quadro geral da evolução da personalidade), para os pais a escolaridade da criança representa uma recolocação de seus problemas pessoais; eles podem sentir a escolarização como uma separação, como um início de autonomia para a criança, como as premissas da individualização socialmente aceita, como uma transferência de autoridade oficialmente reconhecida (o conhecimento que a criança adquire lhe é oferecido por outra pessoa), e a sociabilidade nova como uma ameaça à unidade do grupo familiar... Além disso, a escolaridade da criança desperta nos pais seus próprios problemas escolares ou trazem à tona, inconscientemente, suas ambições ou desejos insatisfeitos" (id, ibid, p. 806).

Assim a família e a escola podem ser consideradas como dois subsistemas com um elemento comum, a criança. Em situações que a criança apresente problemas de adaptação escolar existe uma participação recíproca da escola e da família, onde os sistemas identificam-se como responsáveis ou culpados e tendem a projetar seus sentimentos na criança causando seus sintomas. Em seu artigo, Platone (1990) afirma que:

"o aluno é o elemento de ambos os sistemas, que está submetido às contradições

do funcionamento da família e da escola. É o elemento mais frágil por ser um indivíduo em pleno processo de desenvolvimento e por não ter os recursos e as destrezas de analisar os meta-processos envolvidos em sua própria adaptação. A falta de interações afetivas que lhe permitam desenvolver um sentimento de pertinência, a carência de normas de funcionamento e de uma hierarquia consistente de autoridade, as expectativas às vezes divergentes entre a escola e o lar enquanto condutas desejáveis, originam uma confusão na criança, que se manifesta em comportamentos considerados sintomáticos por um ou por ambos sistemas".

Embora consideremos que a escola, também um sistema particular de relações, atua sobre a criança criando expectativas sobre sua adaptação e produtividade, em nosso trabalho não trataremos deste aspecto da interferência.

Gostaríamos, no entanto, de apresentar algumas idéias, tiradas de nossa experiência ou da nossa concordância com autores que discorrem sobre o tema.

Sabemos que a escola é para a criança uma nova realidade, onde ela vai repetir suas atitudes perante as tarefas da vida em geral, e vai por outro lado, levá-la a uma nova experiência, onde ela é exigida como um ser ativo, com posicionamento próprio. Deixa, nesse momento, uma condição mais passiva de ser cuidada e essa tarefa de adaptação às novas exigências, impostas pela escola, às vezes representa para a criança algo insuperável (Klein, 1923).

Se representa uma etapa da vida da criança tão difícil e significativa, a situação se agrava quando a escola

não recebe a criança livre de expectativas, para realizar a partir desse encontro, uma experiência de conhecimento. Impondo seus princípios de funcionamento, distancia-se da criança, torna-se um objeto assustador com o qual ela não pode entrar em contato, transforma-se numa experiência não digerível.

Acreditamos que há, mais comumente, uma expectativa de que a criança encontre seu lugar na escola, um lugar que já está estabelecido, um papel a preencher. Por outro lado, a escola, por todo seu preparo, organização e experiência, é que poderia ser o lugar onde a criança realiza sua experiência de conhecimento, onde inicialmente ela possa existir como é — um aluno inexperiente, cheio de ansiedades e angústias, que vai sendo acolhido e exigido gradativamente na medida em que esse contato vai ficando menos assustador. Se a criança pode compreender, através de uma experiência emocional, a razão para os novos conhecimentos, ela pode tornar-se um aprendiz produtivo na escola.

A escola, dentro dessa visão, pode representar os pais acolhedores e contínuos que a criança já teve desde o nascimento ou os pais distantes e impositivos. Pode ainda representar uma nova e boa experiência para as crianças que nasceram em lares desorganizados e confusos, e nesse caso permitir uma experiência de esperança na própria vida.

A integração da criança à escola depende portanto, não só das condições pessoais dela, das influências de seu lar, como também da forma como esta instituição se coloca diante da criança.

B. O NASCER DA INDIVIDUALIDADE

Uma das contribuições mais significativas que a pesquisa psicanalítica nos ofereceu até hoje foi a descoberta dos processos mentais, subjacentes ao desenvolvimento da consciência no indivíduo. Em contrapartida às tendências instintivas, Freud descobriu a existência de forças contrárias a elas, forças adaptativas, representadas desde o nascimento da criança pela relação com seus pais. Assim, como coloca Klein (1934, p. 335), *"a consciência da pessoa é um precipitado ou uma expressão de suas primeiras relações com os pais"*. A criança incorpora os pais, que se transformam numa parte diferenciada do ego — seu superego — que representa certas exigências e reprovações e que se opõem aos seus impulsos instintivos.

Assim, ainda segundo a autora, a criança tem impulsos sádicos dirigidos inicialmente ao seio da mãe, desde que ela nasce e sua evolução se dá por mecanismos de introjeção e projeção.

"Desde o começo o ego introjeta objetos 'bons e maus', sendo o seio da mãe o protótipo de ambos — dos objetos bons quando a criança o consegue, e dos maus quando lhe é negado. Isto se deve a que o bebê projeta sua própria agressão sobre estes objetos, que sente serem maus, e não somente porque frustram seus desejos: a criança os concebe como realmente perigosos — perseguidores que ela teme irão devorá-lo, esvaziar o interior de seu corpo, cortá-lo em pedaços, envenená-lo, que, em resumo, planejam a destruição por todos os meios que o sadismo pode imaginar. Estas imagens(*), que são um quadro fantásticamente deformado dos objetos reais sobre os quais se baseiam, são instaladas pelo bebê não só no mundo exterior mas, pelo processo de incorporação, também dentro do ego. Isto explica porque crianças muito pequenas passam por situações de ansiedade" (id, ibid, pp. 355-356).

Na teoria kleiniana, a evolução da fantasia está determinada pelo processo de desenvolvimento mental, isto é, sua qualidade característica marcará o momento evolutivo da vida psíquica naquele instante.

Segundo a autora, as fantasias, as ansiedades e defesas que formam a estrutura básica a partir do qual se configuram a relação com os objetos, são organizadas em função de determinada 'posição', que equivale desta forma ao tipo de relação de objeto que será realizada pelo

---

(*) imago — "Protótipo inconsciente de personagens que orienta de preferência a forma como o indivíduo apreende o outro: é elaborado a partir das primeiras relações inter-subjetivas reais e fantasmáticas com o meio familiar" (LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 305).

indivíduo. Klein define dois tipos de posição, que mencionaremos a seguir, de forma mais detalhada, as quais, em síntese, são determinadas pelo nível de estruturação egóica e pela capacidade para lidar com os impulsos de amor e ódio, que vão desde uma relação psicótica do ego frente ao objeto, ainda parcial, até seu amadurecimento em direção a uma maior integração do ego e dos objetos.

Citaremos a definição de relação de objeto dada por Laplanche e Pontalis (1970, p. 576).

"expressão usada para designar o modo de relação do indivíduo com seu mundo, relação que é o resultado, complexo e total, de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasmática dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa. Fala-se das relações de objetos, ou em referência a momentos evolutivos (ex. relação de objeto melancolia)".

A ansiedade predominante, nos primeiros três meses do bebê é a de que os objetos perseguidores serão incorporados pelo ego e o dominarão e aniquilarão. Essa fase Klein chama de posição esquizo-paranóide: *"a ansiedade predominante é a paranóide e o estado do ego e de seus objetos é caracterizado pela divisão (splitting), que é esquizóide"* (Segal, 1973, p. 38). É a cisão que permite ao ego emergir do caos e ordenar suas experiências e é precondição da integração posterior, base da faculdade de discriminação, originada da diferenciação entre bom e mau.

Destacamos aspectos do desdobramento da divisão

que permanecem em períodos posteriores que, como coloca Segal, não poderiam ser alcançados sem a capacidade de cisão temporária reversível: "a capacidade de prestar atenção e de suspender a própria emoção a fim de formar um juízo intelectual" (id, ibid, p. 47). É também a base para a repressão.

Nesta posição, a projeção dos impulsos destrutivos nos objetos (o seio, a mãe) se dá sem culpa, pois toda projeção implica em um não reconhecimento da agressão do próprio indivíduo.

Numa fase posterior, denominada por Klein como posição depressiva, o bebê reconhece um objeto total — a mãe — que às vezes pode ser boa, às vezes má; presente-ausente; amada-odiada. É então que o bebê vai percebendo que a mãe é independente dele, que ela pode se afastar e que por sua vez, ele é totalmente dependente dela. Essa percepção leva à intensificação dos mecanismos introjetivos e consequente diminuição dos projetivos, maior desenvolvimento e fortalecimento do ego.

Sabemos que os objetos bons e maus introjetados na posição esquizo-paranóide são as origens do superego, que pode variar no seu grau de rigidez e severidade, de acordo com a força dos instintos e a condição ambiental de suas necessidades serem satisfeitas ou frustradas. Em contrapartida, o superego na posição depressiva é mais integrado e experimentado como objeto total e contém a

ambivalência. Assim, o ataque ao objeto gera sentimentos de culpa, sentimentos de amor, que protegem o objeto dos impulsos destrutivos. Desenvolve-se, em decorrência, a necessidade de reparação, que constitui a base da criatividade e da sublimação. Os impulsos reparadores são dirigidos tanto para o objeto como para o próprio eu. Tem, portanto, um sentido de preservar o objeto e a si mesmo. A preocupação pelo objeto leva à inibição de parte dos impulsos instintivos e ao deslocamento e substituição de outra parte — início da formação simbólica.

"Uma das maiores contribuições de Freud à psicologia foi a descoberta de que a sublimação é o produto de uma bem sucedida renúncia a um objetivo instintual; gostaria de sugerir aqui que essa bem sucedida renúncia só pode ocorrer através do processo de luto. A renúncia a um objetivo instintual, ou a um objeto, é uma repetição e ao mesmo tempo uma revivência (reliving) da renúncia ao seio. Poderá ser bem sucedida, como a primeira situação, se o objeto a que se renunciou puder ser assimilado no ego pelo processo de perda e reparação interna. Sugiro que esse objeto assimilado se torne um símbolo dentro do ego. Cada aspecto do objeto, cada situação a que se tem de renunciar no processo de crescimento, da origem à formação simbólica".
(Segal, 1973, pág. 88)

Consideramos, como a autora, a presença de duas realidades — a psíquica e a externa; reiteramos a idéia do objeto internalizado e objeto externo, e a possibilidade do uso integral desse objeto interno, sentido como criação do próprio eu (self), dando origem a um pensamento mais articulado, mais evoluído.

A criança ao introjetar seus pais, primeiras relações objetais, sente-os como pessoas vivas dentro do seu corpo. Seu mundo interno corresponderá, em parte, às experiências reais e, em parte, às impressões que capta do mundo externo e das pessoas, ainda que alteradas pelas suas próprias fantasias e impulsos.

Todos os bons momentos vividos com a mãe são, para a criança, evidências de que o objeto amado, dentro e fora do seu corpo, não foi danificado e, portanto, não procurará um acerto de contas.

Coloca Klein (1934), que essas experiências aumentam a confiança no próprio eu, diminuem os temores à aniquilação e ajudam a criança a ultrapassar sua depressão e o sentimento de perda e ainda permitem a experiência de confronto entre a realidade interior e a externa. Continua,

"ao ser amada, e através da alegria e do conforto que sente na relação com as pessoas, fortalece-se a confiança em sua própria bondade, assim como nas pessoas que a rodeiam, aumenta sua esperança de que os objetos 'bons' e o seu próprio ego possam salvar-se e preservar-se e, ao mesmo tempo, diminuem sua ambivalência e os temores da destruição do seu mundo interno" (id, ibid, p. 395).

Em contrapartida, um ambiente desfavorável poderá intensificar os sentimentos ambivalentes (amor-ódio), confirmar ansiedades relativas aos sentimentos de perseguição

e aniquilamento, diminuir a confiança e segurança interior.

Essas primeiras experiências fornecerão o modelo de relação para experiências posteriores e, diante do mundo exterior poderão repetir-se favorecendo ou dificultando a adaptação à realidade.

Sabemos, como aponta Klein, que as posições esquizo-paranóide e depressiva se repetem ao longo da vida, que essas flutuações são essenciais para o desenvolvimento normal e que suscitam sentimentos e ansiedades específicas, relativas a ambivalência e culpa, a situações de perda.

O desenvolvimento da criança será, como coloca Segal (1973, p. 93), mais favorável se ela puder elaborar a posição depressiva, aumentando a crença no amor e na criatividade do ego, e na sua capacidade de recuperar objetos bons interna e externamente. Em contrário, um ego constantemente ameaçado de perda total de situações boas, diante de tal sofrimento, pode recorrer, segundo Klein (1934), a duas formas de defesa: a) fugir para o objeto "bon" interiorizado, resultando na negação da realidade psíquica e externa (psicose); b) fugir para os objetos "bons" externos, levando à subordinação total do ego aos objetos e, conseqüentemente seu empobrecimento e enfraquecimento (neurose).

O ego dependente, enfraquecido não é capaz de confrontar-se com suas próprias necessidades e limitações

e tende a projetar no outro (originalmente na mãe) a solução de seus conflitos. Desta forma não se desenvolve e alimenta a dependência na relação, empobrecendo sua possibilidade de análise e apreensão da realidade. Ou ainda, recorre constantemente a mecanismos de defesa — de reparação e defesas maníacas. Estas últimas, embora fazendo parte da condição evolutiva, não enriquecem o ego.

Entre as defesas maníacas poderíamos citar a divisão, a idealização, a identificação, a negação, etc., presentes desde a posição esquizo-paranóide que ganham numa posição depressiva certo grau de organização. Estas defesas se destinam num primeiro momento, a ansiedades paranóides e num segundo, a depressivas e de culpa.

Como já mencionamos anteriormente o bebê descobre na posição depressiva, a dependência de sua mãe, sua ambivalência de sentimentos, que o levam a sentir medo de perder seu objeto de amor, além de culpa. Assim esses sentimentos de dependência tendem a ser negados ou invertidos, bem como a própria realidade psíquica, levando ao reforço da onipotência e ao controle onipotente do objeto (Segal, 1973).

A evolução no uso de defesas egóicas em relação aos sentimentos mais primitivos e a adaptação do ego à realidade, vão depender das tendências naturais da criança e da ação do meio, ou como coloca Winnicott,

"é uma questão de herança de um processo maturacional e da acumulação de experiências de vida e só ocorre num ambiente facilitador. O ambiente facilitador é primeiro absolutamente e depois relativamente importante, e o curso do desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar para a independência" (Winnicott, 1965, p. 32).

O ambiente inicialmente é representado pela mãe, depois pelo pai.

"A mãe por um tipo de identificação, encontra o estado original de indiferenciação da criança. Sem o estado especial da mãe, não pode haver uma verdadeira emergência da criança do estado original, pode haver o desenvolvimento de um falso self escondendo o vestígio que possa haver de um verdadeiro self" (id, ibid, p. 32).

Assim essa comunicação especial da mãe para o bebê, sua capacidade de rêverie^(*), permite uma tal aproximação das verdadeiras sensações, sentimentos e necessidades dele e a possibilidade de atendê-las ou frustrá-las conforme for o necessário, o que só é possível definir numa relação viva entre a mãe e a criança: é preciso ser e estar na relação. Reitera Winnicott,

"estando presente de modo confiável e sendo consistentemente nós mesmos, forne

---

(*) Rêverie — conceito de Bion para definir a comunicação especial da mãe e seu filho, onde a mãe tem a capacidade de conter as projeções do bebê, amenizando suas ansiedades, transformando-as em sentimentos mais suportáveis.

ceamos uma estabilidade que não é rígida, mas viva e humana, e isto faz a criança se sentir segura. É esta a referência em relação à qual a criança pode crescer, e que o bebê pode observar e imitar" (id, ibid, p. 44).

Entendemos que desta forma, se o ambiente familiar oferece confiança, permite à criança livrar-se do inesperado, de intrusões indesejáveis, de um mundo desconhecido (mundo externo) e de proteger-se dos próprios impulsos e seus efeitos (mundo interno), na medida em que nessa situação ela pode viver uma relação estável e duradoura. A relação é o teste de realidade, o confronto com a realidade psíquica.

Inicialmente a mãe oferece cuidado total ao bebê, sua dedicação é exclusiva e irrestrita e gradativamente por necessidade mútua, ambos almejam a liberdade, mas os pais continuarão a colocar os limites quando necessário, ao mesmo tempo que continuam a ser os guardiões da paz, mas aceitam os desafios.

"Com o tempo, e havendo saúde, as crianças tornam-se capazes de reter um senso de segurança na presença de insegurança manifesta" (Winnicott, 1965, p. 45).

Adquirem o autocontrole, que indica que o conflito foi resolvido internamente e não através do controle externo. Para que essa experiência ocorra é preciso que a mãe, em decorrência do processo de introjeção torne-se um símbolo no ego, o que permitirá à criança estar só (na presença de

alguém interno) e até dispensar a presença real da mãe. Desenvolvendo a capacidade de estar só, a criança está capacitada a redescobrir e aproveitar seu impulso pessoal (id., 1983).

Para que possa nascer um eu criativo e adaptado, capaz de lidar com as dificuldades que o próprio desenvolvimento impõe, a criança precisa estabelecer um meio interno e ter um lugar favorecedor na família.

C. UM LUGAR PARA A FAMÍLIA

A relação da criança com o seio é o protótipo da relação da criança com o mundo. A partir dessa experiência o bebê amplia seu universo de relações, incluindo o pai, os irmãos, os demais familiares, amigos e projeta sentimentos de amor e ódio, se sente frustrado e gratificado.

A mãe, na relação inicial estabelecida com o bebê, coloca Haber (1989, p. 14)

"é na verdade a porta-voz de toda uma situação familiar e o veículo através do qual o bebê ingressa na família, obtendo aí sua localização".

A família, como quer que seja constituída, é o

núcleo primordial que recebe e contém a criança, onde realiza a experiência de existir como um ser em si mesmo. Representa a primeira vivência de contato com o mundo que chega a ela através do toque, do olhar, das sensações, do amor, do prazer, da frustração. Os pais serão os suportes preferenciais em quem a criança depositará seus afetos e ansiedades.

Através da família a criança aprende: como vitalizar os cuidados físicos (respiração, alimentação, locomoção...); como estruturar as relações familiares (elaborando sentimentos de inveja, ciúme, aumentando sua capacidade de amar); como tornar-se um ser criativo, produtivo (brincar, jogar, participar das tarefas do lar, responsabilizar-se pelas tarefas escolares); como conviver em sociedade (convivência com avós, tios, amigos); como construir uma relação sentimental (a escolha do parceiro) e, finalmente, como formar e consolidar um novo lar (Soifer, 1982).

Desse interjogo entre a família real e seus sentimentos, impulsos e desejos e através dos mecanismos de introjeção e projeção, a criança constrói uma família dentro de si (seus objetos internos). Essa representação interna da família, molda e interfere na sua relação com a família real.

Em sua teoria da sexualidade infantil, Freud aponta para o fato de que as crianças constróem imagens de seus pais, de sua família, a partir de suas próprias teo-

rias sexuais, que por sua vez são expressão do conflito entre suas pulsões e as forças repressoras. Essas imagens dos pais vão se transformando em consonância com os movimentos de mudança, próprios do desenvolvimento natural da criança: inicialmente a criança supervaloriza os pais e num segundo momento, os substitui. (Freud, 1908).

Ainda, segundo o autor, os pais, num primeiro momento, representam a autoridade única e a fonte de tudo: dos conhecimentos, da satisfação e frustração, do prazer e desprazer, do amor e ódio; ocupam, portanto, o centro da vida mental da criança, tem um objetivo erótico. Os interesses infantis determinam o curso do romance familiar, já que sua multiplicidade e amplitude de formas permite-lhe satisfazer toda uma série de desejos e conflitos. Assim, por exemplo, na substituição do seu pai por outro que considera melhor, a criança estaria realizando o desejo de trazer de volta o pai do passado, o pai dos seus sonhos, idealizado, o mais nobre e mais forte dos homens, ou a mãe a mais linda e amável das mulheres, fonte do prazer e da satisfação. Representam o pai e a mãe do sonhador, enquanto que os pais reais são restritivos, limitativos, frustrantes.

Laing (1971) refere-se à família como um conjunto de relações interiorizadas, não se reduzindo somente às relações objetivas que ocorrem em seu interior. Constitui-se, nesse sentido, num tipo de experiência, que se torna a matriz da relação entre o mundo externo e interno.

A partir das idéias de Laing, Haber (1989, pp.16, 17) refere-se à família enquanto grupo social — pai, mãe, irmãos, casa, cenários familiares — como permeada em to dos os seus sulcos pela 'família' — conjunto de recordações, memórias, sonhos, imagens, desejos, fantasias.

A família nuclear (pai - mãe - filho) inicia sua história no casamento, se configura nas relações que se dão internamente, e respeitam segundo Pincus & Dare (1987) alguns princípios gerais:

1. As motivações para a união, são em grande parte, inconscientes;
2. Implicam no uso da projeção, seja para livrar-se dos sentimentos indesejados ou aspectos do self, seja para que não fiquem perdidos;
3. Apresentam uma tendência à repetição de relacionamentos anteriores, que são motivados pela persistência dos desejos, numa forma de fantasia inconsciente e derivados da maneira como as primeiras necessidades foram satisfeitas.

Como cada membro do casal vem de uma relação anterior com suas respectivas famílias de origem, carregam para o relacionamento atual toda sua historicidade advinda

de seu desenvolvimento pessoal, suas tendências e relações primitivas.

Segundo Meyer (1983), a interação de uma família nuclear será, portanto, determinada pelas qualidades das relações objetais familiares que foram introjetadas durante o processo de crescimento e desenvolvimento pelas famílias de origem. E continua:

"É no interior da família nuclear, através de seus participantes, que podem ser feitas tentativas no sentido de trazer à tona, para recuperá-los, os objetos temidos e amados, conflitantes, ambivalentes, bons e maus, que controlam os objetos do mundo interior e que se originaram na família ancestral" (id. ibid, pp. 21, 22).

Assim o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento vai introjetando objetos do mundo externo, inicialmente o seio, a mãe, o pai. A criança percebe, posteriormente, não só o objeto, mas também sua relação com ele (mãe-bebê, pai-bebê, nós) isto é, percebe os objetos como portadores da capacidade de se relacionar e se sente incluído ou excluído.

Além de discriminar a relação um a um (eu-seio, eu-mamãe), o bebê desenvolve também a percepção de ser alguém num mundo composto por relacionamentos. O objeto é vivido na sua singularidade (o seio, o pênis, a mãe, o pai) e na relação entre si (mãe com pai, seio com pênis), e tudo isso compõe o conjunto das relações familiares. A crian-

ça internaliza, portanto, o objeto "mãe", o objeto "pai" e o "relacionamento conjugal". Pode-se descrever, assim, segundo Meyer, a existência de um objeto familiar inconsciente, que irá modelar a qualidade das interações interpessoais da unidade familiar.

A percepção e discriminação desse contexto exige "a diferenciação e a organização de uma parte do ego que se encarrega de lidar, com ele, uma área da realidade psíquica 'evocada' e 'criada' pela percepção mesma desse conjunto" (id., ibid., p. 54). Essa percepção coloca-se assim, como objeto internalizado, constitui a 'familiaridade', que por sua vez sofre a ação das distorções da percepção emocional. O que é internalizado não é o relacionamento real, mas como é percebido.

"A parte da familiaridade representa aquele elemento que transmite ao indivíduo sua identidade enquanto membro de uma família.

... Expressa tanto o senso de 'ter uma família, como de ser uma família, ser família'." (Meyer, op. cit., p. 57)

Casella (1990, p. 4) utilizando as idéias de Meyer apresenta a família como uma "rede de interações criada pelo conjunto de familiaridade dos diversos membros da unidade familiar".

Essa interação continua Meyer (1983) pode ser representada pela circulação contínua de objetos e/ou de as-

pectos dele, entre os familiares. Pode ser organizada pelos aspectos adultos da parte da família, que permite a contenção do objeto, leva à comunicação e ao desenvolvimento das pessoas da família, ou de maneira 'intrusiva', adotando a forma de conflitos interpessoais — atribuição a outros membros da família dos próprios conflitos intrapsíquicos. Os aspectos descartados do objeto são colocados numa pessoa da família e acontece uma pressão para conservá-los 'imersos' no continente escolhido. Esse tipo de circulação não permite a contenção do objeto e, nesse sentido, não modifica sua natureza (relacionamento mais do tipo esquizo-paranóide). *"Resultam num empobrecimento excessivo da parte da família e na polarização dos relacionamentos"* (id, ibid, pp.74-75).

Desta forma, para cumprir sua função, a família deve ser capaz de conter a parte imatura da personalidade representada pelos filhos e que habita no inconsciente dos pais. Como coloca Souza (1987, p. 32)

"são tendências infantis à simbiose, ao narcisismo, ao incesto ou à hostilidade, que serão revividos pelos pais ao cuidarem desses aspectos em seus filhos".

São os progenitores que transmitem aos seus filhos seus conhecimentos, suas experiências, de acordo com suas condições psíquicas e o seu grau de maturidade, que por sua vez dependem da qualidade de vida que tiveram, de suas condições internas de contatar a vida e dos mecanismos de defesa que vão elaborando, no qual tem valor considerável o

modelo recebido de seus próprios pais.

A família atual, portanto, como reitera Berenstein (1988), mantém uma relação de identidade com a família do passado, apesar de seus membros já não serem os mesmos. De fine a família como um sistema dotado de uma estrutura inconsciente, com funcionamentos específicos,

"cuja significação não está no campo da consciência dos integrantes do grupo familiar, embora regule e dê sentido às relações entre eles" (id. *ibid*, p. 62).

São originados no decorrer da história do grupo e continuam a regulá-lo na atualidade, de forma muitas vezes eficaz, através dos símbolos, dos mitos familiares, todos integrantes da cultura familiar.

Os membros da família podem crescer e ajudar-se mutuamente, ou podem repetir e projetar no mundo externo a estrutura do mundo interno de cada um, convertendo os objetos externos em prolongamentos dos objetos internos, impedindo desta forma um encontro mais direto com a realidade. A vida familiar assim descrita, pode gerar uma confusão entre o dentro e o fora familiar e interpessoal, entre o passado e o presente, entre o mundo da percepção e o mundo do significado.

Concordamos com a idéia de que as significações implícitas nas atitudes dos pais são portadoras de suas fantasias.

Coloca Laplanche (1973, p. 65) a esse respeito:

"esquecemos com demasiada frequência quando falamos da relação mãe-filho, ou da relação pais-filho, que, também eles têm seus próprios '**complexos**', seus desejos, marcados de historicidade, de maneira que, reconstruir o complexo de Édipo da criança como uma situação triangular, esquecem do que em um dos vértices do triângulo cada protagonista adulto é por sua vez, por assim dizer, portador de seu triângulo e de toda uma série de triângulos encaixados uns nos outros.

... a estrutura edípica completa está presente desde o primeiro momento, ao mesmo tempo '**em si**' (na objetividade da configuração familiar) mas sobretudo '**no outro**', fora da criança. A via de apropriação deste '**em si**' passa primeiramente por uma apreensão — confusa e de certo modo monstruosa — do complexo do outro primordial (em princípio, a mãe)".

Dentro deste complexo interjogo de interiorizações e projeções, como já mencionamos anteriormente, os pais desempenham importante papel no processo de introjeção do superego, que é o grande representante do mundo externo, das exigências e interdições das imagens parentais.

Assim, tudo se passa na relação triangular atual, onde se incluem também as famílias de origem (Andolfi, 1984). Quaisquer mudanças nos triângulos de relação (pai-mãe-filho), influenciam a evolução da estrutura da família, a qual se estabelece através de relações. Cria-se a base de uma unidade sistêmica, onde também vão ocorrer transformações.

Concordamos com o autor, quanto à idéia de que o

desenvolvimento da personalidade inicia-se por um processo de fusão/indiferenciação e caminha para um processo de aquisição de identidade através da separação / individuação e, para isso passa por momentos de desorganização, que podem ser transitórios e passageiros, desde que a família seja capaz de tolerar essa diferenciação do indivíduo dentro do grupo (Andolfi, 1984).

Se ao contrário, a família não puder conter essa mudança, sua ação será sobre ele. Queremos dizer que como todo sistema, tenta uma forma de equilíbrio, aceitando ou elegendo um ou mais membros do grupo como reguladores das transações familiares. O indivíduo funcionará desta forma como instrumento para manter o arranjo habitual da família, como aquele que pode estar levando o conteúdo latente (conteúdo inconsciente), especialmente o não resolvido ou o desejado. Pode ainda tornar-se um projeto dos pais e nesta posição funcionar como estabilizador do grupo.

Temos que reconhecer que a família tem grande participação não só na estruturação da personalidade do indivíduo, mas também na sua dinâmica e funcionamento, atuando muitas vezes como condutora ou indutora de atitudes e resultados.

De acordo com Pichon Rivièrre (1986), essa dinâmica se configura pelo entrelaçamento de papéis diferenciados (pai-mãe-filho) e se dá por um mecanismo de "deposição", que se dá entre o depositante, o depositado e o depositá-

rio. O depositado são afetos, fantasias e imagens que cada pessoa (depositante) coloca sobre o outro (depositário). Dentro desta visão, a pessoa para a qual convergem as "deposições" da família, seria o bode expiatório, ou seja, o porta-voz da enfermidade familiar.

Nessa concepção da projeção dos objetos internos, confirmam-se as idéias de Freud sobre o inconsciente e um mundo interno habitado por objetos, repleto de impulsos desorganizados a que se opõem instâncias organizadoras. A família, dentro dessa visão, pode tornar-se um organizador ou promover a formação de sintomas.

Em "*A Análise da Fobia de um Menino de Cinco Anos*", Freud (1909) mostra a importância que a atitude dos pais (conscientes e inconscientes) pode adquirir na formação de sintomas na criança. Analisando o caso podemos interpretar a sintomatologia de Hans como sendo resultante dos conflitos edípicos não resolvidos dos pais. Assim, além de sua própria situação edípica, ele estaria tendo que estruturar-se defensivamente também em relação aos conflitos parentais sobre ele projetados.

Ao estudar determinados momentos evolutivos da infância e a adolescência, capazes de provocar sintomas nas crianças, Soifer (1982) parte da hipótese de que a doença dos filhos deve-se à impossibilidade dos pais de transmitir-lhes determinada aprendizagem psicológica por não terem eles mesmos podido incorporá-la em grau suficiente, no momento oportuno. Tais momentos evolutivos assumem par-

ticular importância por se referirem a uma situação não resolvida. Ressalta ainda a autora a importância da correta compreensão da função dos progenitores, principalmente no que se refere ao seu papel de autoridade: impor limites, dar noção da realidade, ajudando na contenção dos impulsos destrutivos e no discernimento entre fantasia e realidade.

Partindo dos conceitos acima citados, acreditamos que tal concepção do desenvolvimento infantil nos leva inevitavelmente a um enfoque do psicodiagnóstico no qual a análise final só poderá provir da verificação e do estudo das interrelações pais-crianças (reais e principalmente fantasiadas).

D. O EU SINTOMÁTICO E SUA RELAÇÃO COM OS OUTROS

Este tema tem sido considerado a partir de duas vertentes diferentes: uma que atribui à família a instalação dos sintomas, que busca compreender a dinâmica e a patologia das relações familiares (tema amplamente estudado desde a década de 50) e que coloca a família como fator de saúde ou doença mental. A outra é a que diz respeito a abordar a aprendizagem e o tratamento de suas dificuldades tomando como enfoque principal os aspectos da personalidade da criança.

Em nossa opinião, essas posições se complementam

pois acreditamos que a adaptação escolar ineficaz é decorrente de fatores intrapsíquicos da criança e do seu meio familiar. Destacamos a seguir algumas razões para tentar integrar as relações familiares aos problemas de adaptação escolar ineficaz:

1. É no grupo familiar que se dão as primeiras aprendizagens (a partir da relação mãe-bebê inicialmente) e também suas primeiras experiências sociais (através da entrada do pai e dos irmãos); é na família que se dão as primeiras experiências de conhecimento do mundo externo.
2. A família coloca sobre a criança muitas expectativas, sejam elas relativas ao desejo consciente ou inconsciente do grupo familiar ou advindas das famílias de origem de pai e de mãe.
3. A criança que apresenta sintomas é um emergente de uma rede de relações familiares e sociais e deve ser entendida como o "paciente identificado", enredado juntamente com a família em um jogo de significações que não podem, no momento, ser compartilhadas de outras formas, ou explicitadas pelo grupo familiar como um todo, incluindo-se aí o próprio paciente (Massadar, 1987).

Sabemos das perspectivas distintas e ainda coexistentes de conceber a doença mental, ou como contingente do equipamento bio-psíquico do sujeito, ou outras que vêem o paciente como vítima da família e da sociedade, mas nos incluimos naquela que considera o grupo familiar como tendo aspectos saudáveis e doentes, onde o "escolhido" para ser doente contribui como os demais para que se configure esta situação, ou seja ao invés de "a família do doente", "a família e o doente". (Casella, 1990).

Sabemos que muitos fatores podem estar atuando nas crianças com dificuldades para aprender, dentre os quais citamos os orgânicos, psicogênicos e ambientais.

Ao discutir a questão do normal e patológico nos problemas de aprendizagem, Duarte (1986), sugere que, devemos entender o sintoma da criança, situando-o no quadro de sua estrutura mental, e apreciar esta estrutura no contexto do desenvolvimento maturacional, orgânico e ambiental (parental, escolar, amical, etc.).

Pretendemos enfocar o contexto ambiental da criança; estamos interessados em avaliar, de que forma o meio familiar pode interferir impedindo a criança de utilizar seu potencial, ou de expressar respostas criativas e adaptativas frente às dificuldades decorrentes do processo escolar.

Se estendermos a concepção de Pain (1985) sobre o

sintoma não aprender como um estado de desequilíbrio interno agora não apenas de um organismo individual mas do grupo familiar, poderíamos pensar, como Richter (1979), que o sistema grupal passa por um momento particular de desarmonia e deposita a tensão de forma inconsciente sobre a criança, como forma de descarga desta tensão coletiva.

Concordamos com Souza (1987) que o mundo interno do sujeito se constitui em parte por introjeções e projeções familiares depositado sobre ele. Existe, portanto, um motivo latente presente nas queixas de inibição intelectual, dentre eles as angústias relativas às coisas perigosas, que podem estar acontecendo dentro de seu corpo ou no de sua mãe, que podem suprimir toda investigação sobre eles (Klein, 1978).

É interessante notar que a própria Klein (1978) ao tentar aplicar tais conhecimentos na educação de seu filho Erich (Fritz) vê-se defrontada com sua própria problemática, pois tudo indica que ela projetasse em seu filho o desejo de que este correspondesse a seu ideal narcísico de superioridade intelectual, relacionada à sua ligação com seu falecido irmão. Somente quando ela consegue renunciar, ao menos parcialmente, como nos mostra Petot (1987) a projetar sobre seu filho tal ideal narcísico, ele pode expressar-se segundo seus meios, o brincar e a fantasia.

A questão da importância das fantasias presentes nos pais também aparece na tentativa e na dificuldade que os pais do pequeno Hans tiveram em aplicar seus conhecimentos psicanalíticos na educação de seu filho e na eclosão da fobia analisada por Freud (1909).

Em "*Inibição, Sintoma e Angústia*", Freud (1926) discute a relação entre inibição e sintoma esclarecendo que o termo inibição refere-se a uma diminuição de uma função, enquanto que o sintoma seria mais a transformação de tal função (formação substitutiva). Assim, muitas vezes o ego recorre a uma inibição de suas funções a fim de evitar por exemplo um conflito.

Segundo Freud (id, ibid, 1926) "*a inibição é a expressão de uma restrição funcional do ego*", e pode advir de várias causas:

- . da erotização dos órgãos que intervém em determinada função, como no ato de escrever, na ação, por exemplo, que pode tomar o significado simbólico do ato sexual;
- . a serviço do autocastigo o ego, renunciando ao êxito, para não entrar em conflito com o superego;
- . o ego fica totalmente absorvido em outra tarefa psíquica que compromete toda a energia disponível.

Os problemas de aprendizagem podem surgir como uma reação neurótica frente à interdição da satisfação ou por um excesso de satisfação na fantasia levando a um afastamento da realidade, ou ainda pela fixação em determinados estágios de desenvolvimento que ocasionariam uma parada no crescimento da criança, como levanta Duarte (1986).

Ao estudar as dificuldades de leitura em crianças, Lebovici (1984) destaca que muitas vezes as pesquisas centram-se em problemas físicos (visuais, neurológicos, auditivos, etc) negligenciando razões que poderiam fazer com que a criança não deseje ler ou fique ativamente motivada a resistir aos esforços destinados a ensiná-la a ler. O autor discute também a questão da hipercinesia interferindo no processo de aprendizagem mostrando que além dos problemas neurológicos a criança pode estar tentando afirmar-se perante aquelas que tentam dominá-la, tentando derrotar aqueles que ela considera como seus inimigos.

Consideramos que a leitura propicia um avanço no conhecimento e maior compreensão e apreensão da realidade e que, para algumas crianças, esse avanço pode parecer ou tornar-se "perigoso", na medida em que pode ser revelador de conflitos internos e externos, individuais (a criança se "lê" melhor) e grupais (a criança "lê" o mundo) e que pode não ser interesse da família revelar.

As questões levantadas nos fazem pensar que não é suficiente ter capacidade intelectual para bem aprender.

É necessário também que esta se acompanhe de uma estrutura de personalidade razoavelmente madura emocionalmente e, para tal, que tenha superado, com o auxílio de sua família, a etapa de seu desenvolvimento na qual predomina o processo primário (negação da realidade, onipotência, narcisismo, ausência de lógica, tempo e espaço), podendo assim utilizar-se do processo secundário de pensamento e de mecanismos de defesa mais evoluídos e adaptados à realidade.

Um bom diagnóstico de problemas de aprendizagem deve incluir a verificação de fatores orgânicos, maturativo-evolutivos, emocionais e sócio-culturais. Tarnopolsky (in Ocampo, 1976) chama a atenção para o fato de que muitas vezes, quando um diagnóstico evidencia a presença de causas orgânicas, tende-se a diminuir a importância dos fatores emocionais inconscientes. Ela considera que é *"im prescindible tratar de percibir la totalidad del potencia que posee y las causas que la impiden utilizarlo en forma adaptativa"*. Ao propor uma estratégia diagnóstica insiste na importância de levar em conta a dinâmica da relação mãe-pai-criança-irmãos.

No que se refere às dificuldades de aprendizagem não podemos esquecer que, ao ingressar na escola, a criança já traz consigo uma atitude diante da possibilidade de conhecimento. Tal atitude foi estabelecida desde os seus primeiros anos de vida a partir da forma como, dentro de sua família, a relação com o conhecimento foi es-

tabelecida.

Cabe destacar aspectos como: a possibilidade parental de responder a curiosidade da criança sem excesso de elementos regressivos; a existência de medos e segredos familiares que não podem ser explicitados ou ainda o impingimento à criança de onipotentes ilusões religiosas, culturais ou sociais. Estes, e outros elementos, contribuem para impedir que a criança se utilize de sua capacidade de pensar livremente dentro da família e talvez mais tarde dentro da sociedade.

As questões levantadas acima nos remetem a um estudo mais aprofundado das razões que levam à adaptação ineficaz, no qual se procura considerar a estrutura global do indivíduo.

Na medida em que a vida escolar e a aprendizagem de um modo geral são aspectos de extrema importância na vida de uma criança, e na medida em que tais aspectos também dependem de seu estado de saúde mental, da estrutura de sua personalidade e da dinâmica familiar na qual está incluída, urge encontrarmos instrumentos eficientes, que possam auxiliar nossa tarefa diagnóstica.

No capítulo seguinte, procuraremos fazer um levantamento da literatura especializada sobre como a família e a criança com dificuldades escolares tem sido pesquisada, que material tem sido mais amplamente utilizado e quais resultados podem ser obtidos.

E. UM MOMENTO PARA OUTROS TRABALHOS

Muitos estudos tem sido feitos no sentido de investigar a estrutura e a dinâmica familiar e suas influências no desenvolvimento da personalidade de seus membros e na sua capacidade de adaptação à realidade.

A grande maioria dos trabalhos utiliza-se de entrevistas, questionários, e escalas especiais para estabelecer esta relação e muito poucos são aqueles que se utilizam de procedimentos projetivos.

No que se refere à relação entre a família e a criança com adaptação escolar ineficaz, os trabalhos que se utilizam de técnicas projetivas como instrumento de investigação são ainda mais raros.

Destacamos a seguir, alguns trabalhos realizados no Brasil, cujos temas referem-se à investigação das influências dos aspectos psicodinâmicos da criança em seu grau de adaptabilidade à vida, ou dos aspectos psicodinâmicos da família ou simplesmente como comprovação de que a criança seja qual for o setor de adaptação afetado, deve ser considerada no seio da família cuja estrutura e dinâmica atua sobre seus membros causando alterações ou influências.

Em seu trabalho realizado com 10 crianças de 4 a 11 anos, de ambos os sexos, Souza (1987) utilizando-se

de entrevistas com pais, a hora de jogo diagnóstica e com parando-as ao CAT-A (Teste de Apercepção Temática para crianças com figuras de animais) e Desenho Colorido da Família (Maggi, 1970) mostrou que é possível ter acesso ao significado dos sintomas através da análise desse material; que a entrevista é um valioso instrumento de acesso à dinâmica da personalidade, que é possível detectar através das entrevistas com os pais, as fantasias presentes e, finalmente, que a família e as relações fantasia - das pais e filhos atuam como fator determinante para a escolha do sintoma.

Outro trabalho, de Haber (1989) que analisa três crianças e suas famílias, onde houve a perda de um componente familiar, através de entrevistas com pais, a hora de jogo diagnóstica, e o CAT, chega a estabelecer que através da identificação projetiva, as famílias depositam aspectos de si e dos objetos em outros objetos sem a possibilidade de separar uns dos outros.

No seu trabalho sobre os mitos e segredos familiares, Casella (1990) através da análise de cinco crianças entre 3 e 9 anos de idade e utilizando-se de entrevistas com pais, especialmente a investigação trigeracional, e da hora lúdica com a criança, conclui que: o conhecimento da história familiar permite a reconstrução dos mitos e segredos que levam à estrutura inconsciente familiar; pode ser útil para a modificação da compreensão do presente; contribui para o aprofundamento da compreensão das

influências recíprocas entre os distúrbios da criança e a dinâmica familiar; e ainda, que os sintomas apresentam-se como uma luta para a preservação de recursos egóicos diante de pressões internas e externas em direção à manutenção de funcionamentos inconscientes rígidos e arcaicos.

Citaremos, a seguir, alguns trabalhos mais relacionados ao tema família e dificuldades escolares da criança. Entre eles, o de Lemos (1986), sobre "*Família e Escolaridade*" onde a autora coloca que a criança com problemas escolares "*é depositária de uma situação idiossincrática da família*" (id, ibid).

Através da observação de crianças de 1ª série com dificuldades de cursá-la, de entrevistas com pais e professores e do Teste de Relações Objetivas aplicado nas crianças, Fontes (1990) obteve, entre outros, os seguintes resultados:

- "-a criança é o produto de uma dinâmica familiar como objeto das expectativas e necessidades de uma situação ancestral;
  - que a aprendizagem resulta de um adequado desenvolvimento bio-sócio-econômico cultural, que depende da inter-relação entre as condições familiares, escolares e contexto social;
  - que a dificuldade de aprendizagem não é uma patologia, é um comportamento resultante de fatores ambientais, e que a estrutura egóica não está estruturada".
- (Fontes, 1990, p. 113)

Consideramos importante citar a publicação de Barone e Trinca (1984) sobre um caso, onde o instrumento utilizado, o Desenho-Estória (DE) (procedimento projetivo), associado a entrevistas clínicas com pais, foi aplicado a uma criança de 12 anos, com problemas escolares, mostrando que fantasias provenientes da reprodução do ideal perfeccionista do ego, originário da figura paterna, resultam em angústia que dificulta a realização escolar do sujeito.

Um estudo realizado por Platone (1979) nos Estados Unidos, com 60 crianças em idade escolar, das quais 30 apresentavam problemas de aprendizagem e adaptação, utilizando um Teste de Adaptação, mostrou que estas crianças apresentavam respostas conflitivas quantos às relações afetivas que mantinham no lar, e na escola; uma diferença significativa com relação à adaptabilidade às figuras de autoridade e às normas do sistema familiar e escolar. A análise qualitativa assinalou a existência de valores e atitudes diferentes entre os professores e os pais com respeito à conduta desejada das crianças, o que gerava nelas confusão e conflitos e indicou a importância de se levar em conta a estrutura e dinâmica familiar ao se analisar os problemas de aprendizagem.

Destacaremos, a seguir, algumas pesquisas americanas que abordam o mesmo tema e que contribuíram em seus resultados para o presente estudo.

Procurando uma relação entre a criança com dificuldades de aprendizagem e as figuras parentais, Kaslow (1979) e Humphries e Bauman (1980) concluíram em suas pesquisas que as mães dessas crianças tendem a ser mais próximas e protetoras (exigentes), enquanto os pais mais distantes, e ainda que há uma semelhança entre as famílias de crianças com distúrbios de aprendizagem e as famílias de crianças com distúrbios emocionais.

Corroborando a esses resultados, a pesquisa de Amerikaner e Onizo (1984), através da aplicação da Escola de Avaliação da Adaptabilidade e Coesão Familiar, em pais de crianças com distúrbios emocionais e de aprendizagem, revelaram que existe muita semelhança entre as famílias das crianças com distúrbios de aprendizagem e as com distúrbios emocionais e destacam que as mães das crianças com distúrbios de aprendizagem são menos engajadas na relação com seus filhos.

As pesquisas, de modo geral, como a realizada por Searight et al (1987), da qual participaram 46 crianças com problemas de aprendizagem, com idade média de 10 anos e suas respectivas mães, às quais foi aplicada a Escala do Ambiente Familiar, revelam que os problemas de adaptação à escola podem ser associados, em grau significativo, aos distúrbios familiares, ou seja, o ambiente familiar dessas crianças revelou-se menos estruturado.

Discutindo os resultados desses estudos, poderíamos pensar que as mães das crianças com dificuldades

de aprendizagem, por serem menos "*presentes*" (grifo nosso) na relação com a criança, desconhecendo suas necessidades, impedindo-se assim, de satisfazê-las, atuam maior exigência e possivelmente uma superproteção, tornando-se, por compensação, mais próximas e presentes.

Reitera essas conclusões e análise uma pesquisa canadense realizada por Caglar (Montreal, 1980) que utilizando uma técnica projetiva, o Desenho de Família (de Corman, 1964), aplicado numa menina de dez anos com problemas de aprendizagem, mais ligado ao seu comportamento, verificou a existência de conflitos ligados às figuras parentais, conflitos edípicos não resolvidos. Revelou, ainda, uma figura paterna fraca, distante, desvalorizada, em contrapartida a uma figura materna dominadora, ativa, o que não favorece a resolução do conflito edípico e leva à dificuldades de identificação, que resultam em problemas escolares.

Queremos chamar a atenção para o fato de que a maioria dos estudos utiliza Entrevistas, Questionários, ou Testes que avaliam o grau de coesão e maturidade do ambiente familiar com pais e técnicas mais projetivas com crianças como a hora de jogo, o Desenho com Estória, o Desenho de Família, o CAT, entre outros.

Encontramos apenas um trabalho, o de Arruda & Santos (1986), que inclui os pais como sujeitos de técnicas projetivas, mais especificamente as mães. Aplicaram

uma técnica gráfica projetiva — o desenho grupal de mães como instrumento de avaliação da personalidade dos pais de crianças submetidas a psicodiagnósticos em grupo, para identificar no contexto familiar da criança possíveis fontes para suas dificuldades de aprendizagem. Entre os resultados obtiveram que o procedimento diagnóstico com as mães revelam características de personalidade dos pais, o lugar que os filhos ocupam em seus imaginários, suas reações frente à situação de aprendizagem, além de permitir uma correlação entre os sintomas apresentados pela criança com a maneira pela qual os pais operam no nível cognitivo e emocional.

Todos esses estudos nos levam a ter que considerar o contexto familiar numa situação de adaptação escolar ineficaz, bem como sugerem a investigação de outros procedimentos projetivos que pudessem trazer mais dados sobre essas relações fantasiadas dos pais e dos filhos.

No capítulo seguinte apresentaremos, com base nas conclusões até agora destacadas, os objetivos da presente pesquisa.

III. OBJETIVOS

O objetivo do presente trabalho é verificar a influência da psicodinâmica da família na predisposição à adaptação ineficaz da criança na situação escolar.

Para isso utilizaremos o Diagnóstico Familiar, em particular a análise da Entrevista Trigeracional e Anamnese da Criança e o Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E).

Acreditamos que as crianças e os pais, nas Entrevistas e nos Procedimentos projetivos estarão se referindo aos objetos de sua relação, estarão trazendo a forma como estas foram introjetadas em sua vida mental, isto é como estes são sentidos enquanto objetos internos.

Tentaremos, portanto, evidenciar aspectos psíquicos da criança e dos pais que serão melhor descritos a seguir:

1. Estudos das imagens parentais introjetadas pelos pais, através da Entrevista Trigeracional e do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) procurando ressaltar uma dinâmica, conflitos e angústias eventualmente não elaborados que podem estar impedindo a adaptação da criança.

Entrevista Trigeracional

ção mais atual desses pais com seus filhos;

2. Estudo da representação das imagens parentais das crianças, através do Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) aplicado nas crianças.

Foram examinadas 15 crianças, das quais tiramos nossa amostra de nove crianças, que preenchiam os critérios estabelecidos para a realização dessa experiência.

Essa pesquisa acabou sendo realizada em caráter especial, pois a grande maioria das crianças da amostra selecionada não nos procurou espontaneamente para psicodiagnóstico.

Oferecemos às famílias das crianças que apresentavam dificuldades de adaptação escolar, desde o Pré à 4ª série, a análise gratuita da situação da criança, o que nos garantiu poder contar com uma amostra de 15 crianças, tirada de uma reunião com aproximadamente cinquenta pais.

A seguir apresentaremos a metodologia para a realização do presente trabalho.

IV. METODOLOGIA

A. SUJEITOS

Foi estudada uma amostra de nove crianças, de ambos os sexos, cursando até a 4ª série do 1º grau, selecionados a partir de queixa de adaptação escolar ineficaz.

As crianças da amostra são provenientes de escolas particulares, não apresentam comprometimento orgânico ou cognitivo, com ou sem histórico de reprovação escolar; são pertencentes a famílias de classe média e média baixa, embora incluir o nível sócio econômico não seja objetivo dessa pesquisa.

As idades, sexo e escolaridade dos sujeitos da amostra são apresentadas no Quadro I.

QUADRO I: IDADE, SEXO E ESCOLARIDADE DA AMOSTRA

I D A D E	SEXO		ESCOLARIDADE
	FEMININO	MASCULINO	
5 a 9m	x		Pré
6 a 7m		x	Pré
6 a 9m	x		Pré
7 a 2m	x		1ª s.
7 a 6m		x	1ª s.
8 a 2m		x	1ª s.
8 a 4m		x	1ª s.
8 a 7m		x	2ª s.
9 a 4m	x		3ª s.

As crianças da amostra são provenientes, em sua maioria, de uma mesma escola particular da Grande São Paulo, pela facilidade e disponibilidade que a mesma ofereceu para a realização dessa pesquisa. Cabe aqui ressaltar que foram feitos contatos com várias escolas particulares algumas com trabalhos especiais com crianças que apresentam dificuldades de adaptação escolar, poucas da rede oficial, mas não se colocaram disponíveis, principalmente pelo fato de a pesquisa envolver famílias; outras vezes, especificamente na rede oficial, a clientela não preenchia as necessidades da pesquisa. Esse fato colaborou fortemente para o atraso do início da pesquisa.

Os pais destas crianças também fizeram parte da amostra, tendo se submetido a uma série de técnicas, importantes para a análise e discussão dos resultados.

B. INSTRUMENTOS

Os diagnósticos psicológicos foram realizados com base no referencial de Berenstein (1988), Ocampo (1981) e Trinca et al (1984).

Foram destacados como material de investigação as Entrevistas: a Trigeracional (Andolfi e Angelo, 1989), a de Anamnese da Criança (apud Aberastury, 1979), os Desenhos de Família com Estórias (Trinca et al, 1988) e o Teste das Matrizes Progressivas de Raven (1989), entre outras técnicas de exame psicológico.

As avaliações foram realizadas por psicólogos com experiência no atendimento de crianças, dentro do referencial psicanalítico e não se exigiu muita familiaridade com as técnicas em questão. A equipe que participou desta pesquisa foi treinada nos procedimentos utilizados para garantir a uniformidade dos resultados. Foi necessário que o estudo contasse com um grupo de trabalho, pois em virtude da dificuldade que tivemos em encontrar sujeitos, como já mencionamos anteriormente, tivemos pouco tempo para efetivar as aplicações do material.

1.-----ENTREVISTAS

Estaremos dando, neste estudo, um valor importante às entrevistas com os pais, tanto às dirigidas, como às abertas, por considerá-las, como Bleger (1975), uma técnica de investigação da personalidade.

Na medida em que o campo é definido pelo paciente, como aponta Santiago (1984, apud Trinca id), a forma e o conteúdo de seu relato possibilitam ao psicólogo compreender suas angústias, ansiedades e defesas principais. Em contrapartida caberá ao entrevistador levar em conta os fenômenos da transferência e contra-transferência, o tipo de comunicação verbal e não verbal.

Concordamos com Souza (1987, p. 10) quando ela coloca que *"nenhuma entrevista esgota a personalidade do paciente, mas apenas elicia um segmento da mesma"*. Por essa razão incluímos outros procedimentos de investigação para ampliar a compreensão dos casos.

1.1.-----ENTREVISTA TRIGERACIONAL

Compreendemos os comportamentos atuais de uma pessoa como metáforas relacionais, ou seja, como sinais indiretos de necessidades e envolvimento emocionais do passado que encontram o espaço e o tempo para manifestar-se concretamente nas relações presentes (Andolfi e Angelo, 1989).

Assim a pesquisa da história familiar de cada um dos pais torna-se especialmente relevante para a compreensão dos pais e também da própria criança. Uma informação sobre os avós (1ª geração) e sobre o relacionamento do pai com o filho (2ª e 3ª geração respectivamente) pode nos levar a maiores dados sobre como eram concebidas as relações no passado, como são vistas hoje. Reafirma Berenstein (1988, p.190):

"há um tempo onde os episódios são vividos e outro tempo onde são lembrados e agrupados a partir do presente e como toda ordenação, varia naturalmente de acordo com uma concepção nem sempre explicitada de modo consciente".

Além disso, esta entrevista mobiliza nos pais movimentos emocionais que podem ser captados pelo entrevistador no momento em que ocorrem.

A Entrevista Trigeracional consiste na construção do genograma dos pais, enfatizando principalmente as relações com as figuras parentais, sua personalidade e atribuições e a posição que ocupa entre os irmãos e na família como um todo, bem como todas as particularidades das interações. Enfatiza-se os momentos significativos de cada um, da infância ao casamento. Dentro do casamento, as informações vão desde como se conheceram, como se decidiram pela união, como se organizaram e viveram as diferenças, até o nascimento dos filhos.

1.2. ENTREVISTA DE ANAMNESE

Iniciamos pela investigação dos motivos manifestos ou conscientes para a descrição do sintoma da criança e procuraremos, no decorrer da entrevista encontrar os motivos latentes ou inconscientes, a fim de estabelecer uma possível correlação entre os pais e a criança e levantar dados sobre a psicodinâmica da criança.

Nosso principal interesse nessa entrevista é conhecer a história da criança com especial atenção às reações emocionais dos pais diante do seu processo de desenvolvimento bio-psico-social, enfocando os desejos e expectativas inconscientes dos pais em relação à criança e o significado que elas teriam na dinâmica familiar. Serão relevados os aspectos transferenciais e contratransferenciais do vínculo.

Particularizamos dentro da história de desenvolvimento da criança o tipo de vínculo que estabelece com os pais (relação de dependência-independência), como tem ou não superado as dificuldades relativas ao seu crescimento, enfim, como lida com a vida.

2. DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS (DF-E)

2.1. JUSTIFICATIVA PARA O USO

Escolhemos o DF-E pelo fato de o considerar-

mos uma forma de contato com o psiquismo da criança e dos pais, o que tem sido verificado tanto pela sua aplicação, quanto pela eficácia na apreensão de conteúdos emocionais. Além disso, mobiliza no sujeito emoções diversas, pois sugere conteúdos provenientes de camadas inconscientes que podem ser captados pelo psicólogo, desde que ele esteja familiarizado com mecanismos psíquicos básicos como transferência, contra-transferência, entre outros.

Evidentemente torna-se necessária a habilidade interpretativa dos conteúdos das fantasias dos sujeitos. Nesse sentido, resulta um material clínico que poderia servir de base para definição de objetivos e de programas terapêuticos, especialmente em psicoterapias breves ou de caráter de urgência. O psicólogo pode ter, em dado momento, acesso ao funcionamento básico inconsciente, presente no interjogo das relações familiares, detectando sua função e disfunção, o que leva a sofrimento e resultados patológicos e vice-versa.

2.2. EVIDÊNCIAS DE SUA EFICÁCIA

Apesar de sua utilização não ter sido amplamente divulgada, já foram feitos trabalhos no sentido de validação do Procedimento (Porto, 1985) e estão sendo realizadas pesquisas no Instituto de Psicologia da USP, já publicadas (Trinca, 1989, 1990, 1991). Além disso, tem sido bastante aplicado por psicólogos em sua prática clínica, principalmente em crianças e tem sido possível, através do material, compreender o psiquismo humano, alcançar

a dinâmica inconsciente do sujeito e perceber como ele internaliza as figuras parentais. Permite ainda, decorrente da análise do Procedimento, levantar aspectos do funcionamento da família que atuam sobre o sujeito favorecendo atitudes e emoções.

2.3.-----NORMAS PARA APLICAÇÃO

O procedimento consiste na realização de quatro unidades de produção, cada uma composta por desenho (cromático ou acromático), estória, inquérito e título. A consigna para o desenho de cada unidade de produção varia do seguinte modo:

- a. Desenhe uma família qualquer;
- b. Desenhe uma família que você gostaria de ter;
- c. Desenhe uma família onde há alguém que não está bem;
- d. Desenhe sua família.

Logo após a realização de cada desenho, o examinando segue fornecendo uma estória, contada livremente com base nesse desenho. Concluída a estória, passa-se à fase do inquérito e, finalmente, ao título da estória. No inquérito exploram-se aspectos da comunicação gráfica e

verbal do examinando.

3. TESTES DE MATRIZES PROGRESSIVAS DE RAVEN

Utilizamos este material a título de avaliação do potencial intelectual dos sujeitos e no intuito de selecionar apenas os sujeitos cujos resultados fossem médios ou acima. Não tivemos, entretanto, nenhuma finalidade classificatória ou interpretativa, mas apenas caracterizar a amostra dentro da normalidade.

C. PROCEDIMENTO

1. A APLICAÇÃO DO MATERIAL

As Entrevistas foram realizadas com a presença do pai e da mãe, tanto para o levantamento dos dados da sua história, quanto da história da criança, para que, como citamos anteriormente, pudéssemos observar sua reação emocional diante do próprio relato e a manifestação e atuação do parceiro.

O material aplicado às crianças tanto o DF-E como o Raven, foram feitos individualmente e em sessões distintas.

A aplicação do DF-E nos pais foi feita individualmente, em entrevistas simultâneas, para que não houvesse comunicação entre eles ou qualquer interferência no material obtido.

2. ANÁLISE DOS DADOS

O conjunto composto da Entrevista Trigeracional, Anamnese da criança e DF-E dos pais e da criança foi por nós avaliado, com base no referencial psicanalítico.

Os instrumentos foram analisados individualmente e depois relacionados entre si e submetidos à supervisão para garantir maior precisão nos resultados.

Fizemos a análise individual dos Desenhos de Família das crianças e dos pais, considerando os aspectos gerais (Lourenção Van Kolck, 1981) e de conteúdo (Hammer, 1981) para uma maior compreensão da personalidade dos mesmos. Esse mesmo material foi também avaliado segundo o referencial Trinca (1988), para ampliar a compreensão do funcionamento psíquico, investigar as relações da criança com seu grupo familiar e dos pais com suas famílias de origem e outros conflitos presentes.

Procuramos, na análise da Entrevista Trigeracional, destacar a identidade da família atual com a família do passado, pois acreditamos na continuidade histó-

rica da família, através da identidade com as figuras parentais (Berenstein, 1988).

Após a análise individual, inclusive da Entrevista de Anamnese e do Raven procuramos chegar a uma síntese, integrando os dados de cada caso. A seguir, buscamos integrar esse conjunto de resultados, procurando encontrar os pontos de correspondência — síntese das sínteses.

Pretendemos verificar se esses pontos de correspondência oferecem elementos suficientes para uma análise diagnóstica dos indicadores da psicodinâmica da família que podem interferir na adaptação ineficaz da criança na situação escolar.

Mediante o levantamento de todos esses dados poderíamos hipotetizar sobre a dinâmica do grupo familiar, o jogo de forças inconscientes que se apresentam nas relações de família, a rede oculta de identificações projetivas instalada no grupo e o tipo de vínculo que estabelecem. Desta forma será possível obter maior esclarecimento sobre o sintoma da criança e identificar as possíveis projeções dos pais sobre ela.

V. ALGUNS RESULTADOS DESTA EXPERIÊNCIA

Este trabalho não nos permitiu chegar a formulações definitivas, mas possibilitou-nos estabelecer alguns pontos de concordância entre os sujeitos observados, entre as famílias observadas e entre os filhos e os pais dentro da própria família.

Apresentamos os dados obtidos nos psicodiagnósticos de cada criança representando cada um, um dos sujeitos da pesquisa, com o intuito de mostrar a história de cada família e suas particularidades bem como dados específicos de cada criança.

Incluimos também neste capítulo as sínteses gerais de cada caso, procurando demonstrar o caminho utilizado para a análise do material obtido e garantir maior familiaridade com o tipo de raciocínio adotado para a interpretação dos dados.

A seguir, elaboramos algumas discussões, tomando como referencial a teoria psicanalítica. Procuramos estabelecer as relações entre os motivos latentes dos sintomas e a psicodinâmica familiar, enfatizando as imagens parentais introjetadas tanto pelas crianças, como por seus respectivos pais descritos de forma manifesta ou latente.

Todas as crianças analisadas, conforme mostra a tabela I, a seguir, apresentam-se intelectualmente dentro

TABELA I: RESULTADOS DO TESTE DE RAVEN

CASO	SEXO	IDADE	PONTOS BRUTOS	PERCENTIL	CLASSIFICAÇÃO
1	M	8 a 2m	27	95	Superior
2	F	5 a 9m	14	50	Médio
3	M	6 a 7m	18	50	Médio
4	F	6 a 9m	25	95	Superior
5	F	7 a 2m	16	50	Médio
6	M	7 a 6m	13	25	Médio
7	M	8 a 4m	25	75	Acima média
8	M	8 a 7m	26	75	Acima média
9		9 a 4m	23	90	Acima média

**A - CASOS CLÍNICOS — APRESENTAÇÃO DOS DADOS E
SÍNTESE DOS CASOS**

CASO 1**1.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** R**IDADE:** 8 anos**NASCIMENTO:** Agosto/82**SEXO:** Masculino**ESCOLARIDADE:** 1ª Série**PAI:** S**IDADE:** 39 anos**ESCOLARIDADE:** Superior**PROFISSAO:** Economista**MAE:** I**IDADE:** 35 anos**ESCOLARIDADE:** Superior**PROFISSAO:** Economista

APRESENTAÇÃO

R. foi trazido por seus pais quando tinha 8 anos, por apresentar problemas escolares desde os 5 anos: além de não querer escrever, colocava-se embaixo da mesa ou recusava-se a realizar as tarefas, o que se repetia em casa. Além dessas questões, seu relacionamento com os professores sempre foi difícil, sua letra não é boa e é advertido frequentemente por seu comportamento inadequado na escola, embora seja muito querido por todos.

Segundo os pais, R é moroso, provocativo, dispersivo, muito inteligente, interessa-se por temas especiais — física, ciências — e também é meigo e sedutor. "R se comporta como o melhor, o superior, o insaciável" (sic). Por essas razões, continuam: "sua relação com as pessoas não é fácil, tanto com adultos como com crianças e suas dificuldades escolares tornam-se acentuadas, principalmente pela dificuldade de concentração" (sic).

R tem uma irmã mais velha, de 10 anos, com quem disputa o tempo todo. São muito diferentes: ela é organizada, boa aluna, enquanto ele é o oposto; isso acaba despertando nele muitos ciúmes e inveja. Os pais de R têm nível universitário e são muito bem sucedidos profissionalmente, trabalham o dia todo e são muito exigentes com o desempenho e aplicação dos filhos dentro e fora da escola.

GENOGRAMA TRIGERACIONAL DA FAMÍLIA

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE R (S)

S é o quarto filho de uma família de sete filhos, e foi submetido a uma educação esmerada, muito exigente, freqüentava as melhores escolas da cidade. Filho de pai ilustre, sempre muito obediente e respeitador das normas como a maioria dos irmãos (somente um dos seus irmão foi "rebelde" (sic)), sempre se preocupou em fazer o certo, o adequado e não magoar as pessoas. Fala de seu pai com muita admiração, definindo-o como pessoa justa, presente e afetuosa, mas muito exigente e rigoroso. Discreto nos afetos, recebia com prazer os carinhos e a aproximação dos filhos. A mãe, por sua vez, é apresentada como exigente, mas alegre, viva, brincalhona, dava à casa um clima agradável.

Seu relacionamento com os irmãos sempre foi bom, especialmente com os dois mais novos; os mais velhos sempre foram muito autoritários, bravos e se colocavam mais como pais que como irmãos. Encontram-se, invariavelmente, todos os domingos (cada um com suas famílias, esposas e filhos) na casa dos pais. Nesse dia de confraternização todos se colocam como amigos, as diferenças são colocadas à parte.

Moravam num condomínio fechado, onde passou toda a sua vida de solteiro e fez seu círculo de amigos. Teve uma adolescência repleta de vivências culturais — cinema, teatro, viagens — sempre com o mesmo grupo de amigos, todos muito bem conhecidos por seus pais. As primeiras namoradas também foram desse grupo e o que o atraía nas garotas, eram

as conversas, a postura delas, mais que a aparência.

S, numa determinada época da sua vida, por volta dos 16 anos, quando estudava num colégio religioso, influenciado por um padre, quase se tornou seminarista, mas por interferência dos pais, desistiu da idéia. Mudou de escola e de interesses.

Ele apaixonou-se por uma moça, com quem namorou um tempo, mas separou-se dela por causa das diferenças sociais entre eles — ela pertencia a uma família de mais posses que a dele e os pais o desencorajaram para esse romance. Foi então que conheceu a atual esposa, por quem se interessou desde o princípio. **S** tinha ido a uma festa com uma amiga da escola e conheceu sua atual mulher, por quem se interessou à primeira vista.

MAE DE R (I)

I é a mais velha dos cinco irmãos, a seguir duas mulheres e 2 homens. Também filha de pai ilustre, bem sucedido, tinha uma vida requintada e tranqüila, até a morte do pai, quando tinha 12 anos. Sua mãe, que se afastara temporariamente de sua profissão de professora, volta a dar aulas após a morte do marido, tentando suprir as dificuldades financeiras, que a família passou a enfrentar. Habituada a ser cuidada, pois era 20 anos mais nova que o marido, teve muitas dificuldades nesse período de transição, mas foi

muito ajudada por I, a quem confidenciava, contava seus problemas e que passou a ser "seu companheiro", "seu marido" (sic).

I cuidava da casa e das crianças enquanto a mãe estava fora. Aos 16 anos, começou a trabalhar, saiu-se muito bem e foi colocando também seus irmãos no emprego. Seu principal objetivo foi crescer profissionalmente e ter dinheiro, o que atingiu plenamente na época.

Pensava seguir uma carreira universitária mais ligada ao seu ideal (veterinária), mas para isso teria que parar de trabalhar e não podia — a preocupação maior da família era o dinheiro. Optou, por essa razão, seguir uma área relacionada à sua atividade profissional — a área comercial-financeira, seguindo, juntamente com seus irmãos os caminhos do pai. Todos são bem sucedidos neste aspecto.

A parte afetiva da vida, segundo I, veio em segundo lugar. Seu relacionamento com a mãe era de respeito, pois era muito brava, batia muito e I não gostava de apalhar; o pai, por sua vez, era muito agradável, sociável, muito próximo das crianças, uma pessoa muito boa e honesta.

Com seus irmãos seu relacionamento foi mais de cuidado com eles, agia mais como "mãe" (sic) que como irmã, especialmente dos dois mais novos.

Sua mãe esteve sempre à procura do marido perdido, papel que foi atribuído primeiro a ela, a filha mais velha, e depois ao irmão mais novo, que tinha uma ligação especial com a mãe: tratava-a como sua "namorada" (sic), dava-lhe presentes e a mãe gostava. Esse irmão morreu há 2 anos, por problemas de saúde.

O casamento de seus pais se deu rápido, em 3 meses. A mãe encantou o pai por sua beleza e juventude.

Quando **I** era jovem, relata que sua ligação com rapazes foi pequena, teve namoros rápidos, pouco significativos, pois sua preocupação era mais voltada para a família e sua sobrevivência. Teve sempre tendência à obesidade, iniciou um controle alimentar aos 10 anos, que se mantém, de alguma forma, até hoje. Sua segunda irmã, tem as mesmas tendências, mas é obesa. **I** diz que ela tem "paixão por seu marido" (sic) e não se casou até o momento.

O namoro do casal durou seis anos e não era bem aceito pelo pai de **S**, que achava **I** muito independente, já se sustentava e **S** ainda era estudante, não estava preparado para o casamento, que acabou acontecendo sem a concordância do pai. No dia seguinte ao casamento, o pai de **S** teve um infarto e o casal acabou adiando a lua-de-mel; se dedicaram neste tempo à organização de sua casa.

Por volta dos 4 anos de casados, **S** foi transferido a trabalho, para outra cidade, mas **I** permaneceu em São Paulo, pois acharam que a mudança seria por pouco tempo. Ele ficou lá por 3 anos e se viam nos finais de semana. Durante esse período aconteceu a gravidez e o nascimento da primeira filha e a gestação do segundo filho. **S** voltou logo que nasceu o segundo filho.

Para **I**, a volta de **S** e o nascimento do segundo bebê foi como "casar e acordar com 2 filhos" (sic). Ele não ajudava em casa, vinha representando coisas novas, um período de adaptação que foi difícil e exigiu até a busca de ajuda terapêutica. O casal se sentia indiferente um ao ou-

tro. Essa crise durou dois anos, atingiu todos os aspectos do relacionamento do casal, inclusive o sexual, mas hoje se sentem mais próximos e a vida conjugal é boa e tranqüila.

Vivem para a família, especialmente para os filhos. *"Temos muita preocupação em dar tudo que eles precisam, ampará-los afetivamente e, principalmente, não reprimi-los, não exigir deles aquilo tudo que fomos exigidos"* (sic).

ENTREVISTA DE ANAMNESE

R nasceu de parto normal, vinte dias depois do esperado, por ter demorado a entrar na posição de nascimento. A gestação foi boa, a mãe engordou 18 quilos e se sentia muito bem, muito bonita; aproveitou para comer muito e tudo o que desejava, pois sabia que era seu último momento para sentir-se livre do controle alimentar.

Ele mamou logo no primeiro contato, sempre foi glutão, regurgitava muito. *"Era um bebê lindo, mas nasceu muito feio, a pele da cabeça toda enrugada"* (sic). Os pais tiveram a impressão de que **R** era anormal, principalmente porque, no início da gravidez, antes mesmo de saber que esperava um filho, a mãe fez um exame onde tomou iodo radioativo e, embora o médico tivesse dito que não afetaria a criança, tiveram medo que o bebê nascesse com problemas.

R foi amamentado só pela mãe até 1 mês, pela mãe e

e pela babá (que teve bebê concomitantemente) por 2 meses e meio e pela babá até os 5 meses. Essa babá saiu da casa quando ele tinha 3 anos, mas a vêem esporadicamente até hoje. **R** manifesta para a mãe, até hoje, o desejo de mamar. Após os 5 meses iniciou a mamadeira, de adaptação fácil, que os pais não sabem informar até quando durou.

Apresentou um choro noturno persistente dos 3 aos 8 meses, praticamente inconsolável. Parava de chorar, às vezes de cansaço, às vezes no colo da babá. Estranhava muito as pessoas, inclusive a avó materna. Preferia ficar no berço e depois no quadrado, que usou até 4,5 anos. "*Se não fosse colocado lá, ele ia sozinho*" (sic).

Sempre preferiu ficar em casa, gosta do seu canto. Tem poucos amigos, nenhum predileto, não traz amigos para casa e também não vai à casa deles. **R** não mede o que faz e diz às pessoas, por essa razão tende a colocá-las e aos pais em situações embaraçosas, como por exemplo, conversar com os pais sobre assuntos ligados a sexo no elevador. É muito interessado nesse tema e descobriu recentemente que seus pais não se amaram só duas vezes, como pensava. Já manifestou desejo explícito de contato sexual com a mãe.

R parece não gostar de mudança, dizem os pais, por isso passar de uma etapa para outra não foi muito fácil; engatinhou bastante e chupou chupeta até os 4 anos.

Seu sono é bastante agitado: fala dormindo, ronca muito, sua demais na cabeça, baba um pouco; às vezes acorda com medo e vai para a cama dos pais, diz que sonha com monstros e não quer falar mais nada. O sono, para ele, funciona como consolo, como remédio — "*dorme e resolve seus proble-*

mas" (sic). Seu pai diz que também é assim.

O programa predileto de **R** é ver TV, brincar de video-game, contar histórias inventadas, ou inventar coisas diferentes. Gosta muito de mágicas e dobraduras.

Quando pequeno, até os 3 anos e meio era muito sensível a resfriados e amidalites; teve catapora aos 8 meses, bem forte, que pegou da irmã.

Ainda quando bebê, **R** "*parecia não sentir dor*" (sic), tomava injeções e não chorava.

Desde os 4 anos reclamava de dor de cabeça e se queixa até hoje, de dor no joelho, "*dor de crescimento*" (sic). **R** usa óculos, tem miopia.

Iniciou sua vida escolar com 1 ano e meio, em período integral, e sua adaptação foi fácil, a escola era pequena. Mudou de escola dois anos depois e, embora a escola fosse maior, não teve dificuldades de adaptação. O início dos problemas escolares coincide com o início da alfabetização. **R** fugia da aula, se escondia sob a mesa, era lento e apresentava dificuldade para aprender. Ficou nesta escola mais dois anos e mudou para outra, que indicou um atendimento psicopedagógico, principalmente para trabalhar sua falta de limites: recusa-se a atender ordens da professora, não copia, não quer escrever, traz advertências quase que diariamente. "*Quando se permite trabalhar com atenção, seu rendimento é muito bom*" (sic).

R, no segundo semestre de 1990, passou a frequentar a escola somente meio período e, desde então, almoça com a mãe quase todos os dias. Sua mãe sempre trabalhou período integral, exceto no ano de 1989, quando afastou-se do

trabalho por aborrecimentos no plano profissional. Esse fato não alterou, no entanto, a rotina escolar de **R**, que continuou em período integral, pois a mãe previa a volta ao trabalho, o que ocorreu no início de 1990.

Aos 2 anos de **R**, os pais se ausentaram para uma viagem por um mês, e ele ficou com a babá e avó materna, não tendo manifestado nenhuma reação. Os pais repetem outra viagem quando **R** estava com 4 anos e ele já demonstrou sentir a falta dos pais. Quando eles voltaram, **R** foi muito "malcriado" (sic) e não desgrudava mais dos pais. As perdas para ele são muito graves: chora por exemplo, quando morre um peixe. Desprende-se de tudo que é seu, não importa o valor, vai dando. Luta veementemente por uma causa e está sempre procurando uma causa para lutar.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELO PAI

1º DESENHO

Comentários:

Ele: - Uma família?

P: - Sim.

Ele: - Precisa usar lápis de cor?

P: - Como quiser.

Ele: - Queria contar a história enquanto desenho.

P: - Como quiser.

Estória:

Minha casa... onde eu nasci... meus pais e meus ir mãos... Um almoço que normalmente tem, todos vão para lá, todos livres, conversando, contando piada. Dificilmente se discute problemas, são discutidos antes ou depois do almoço. Crianças correndo, cachorro, sem formalidades. Tem um lugar na mesa para o pai, que pode ser ocupado por outros. Vem vindo as esposas, os filhos, não sei como vai caber todo mundo, mas a tendência é abrir para todo mundo. Essa hora é gostosa. Todos são formais uns com os outros na hora do almoço, fora dessa hora há descontração.

Título: A Família.

2º DESENHO**Comentários:**

Ele: Ri e olha a aplicadora... - Só sei desenhar minha família.

Estória:

Mulher... homem... o filho... a filha. Estão num parque, passeando, tomando sorvete. Estão alegres, comentando, falando, querendo sorvete. Depois vão almoçar, ir ao cinema ou voltar para casa.

Título: O Passeio no Parque.

3º DESENHO**Estória:**

É um hospital, aqui eu vejo uma pessoa deitada aqui, uma coisa que me impressionou muito. É o B, rodeado pela mãe e irmãos. A sogra dando a mão para ele, não havia muito choro. Havia muita reza, muito sofrimento e alívio, três dias de sofrimento intenso. Alegria e tristeza por chegar o fim do sofrimento dele e da família. Ele tinha cons-

ciência do que tinha, mas tinha esperança de cura. Achava que era mais uma crise, mas os demais sabiam que não era as sim.

Título: O Hospital.

4º DESENHO

Comentários:

Ele: - Eu já fiz, precisa fazer de novo?

P: - Eu gostaria que você desenhasse a sua família.

Estória:

Vou desenhar a gente na fazenda pescando num lago. Vão todos os filhos, os sobrinhos. Quem faz mais farra é o **R** e um outro primo, **T**, de vez em quando param. Depois voltam para casa, brincam de pegador. Jantam e vão dormir. Depois que as crianças fazem muito barulho, vão pescar, acalma as crianças e a gente.

Título: A Pescaria.

1

2

3

80

4

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELA MAE**1º DESENHO****Estória:**

É a minha família. Tão indo no parque, vão passear e depois vão ao planetário. Os pais tão preocupados com os filhos, pra variar. Os filhos são enciumados, não podem ficar perto. Os pais são o elo de ligação. Existe ligação de carinho e de amor. Eles gostam de estar juntos. Têm pouco tempo juntos, aproveitam o pouco que têm. Os pais são muito amigos, as crianças até se sentem por isso.

Título: Minha Família.

2º DESENHO**Comentários:**

Ela: Sorri... - Ih, acho que é aquele mesmo, vou fazer simplificada.

Estória:

Este é o símbolo do Itaú; para simbolizar mulher e homem, engraçado.

Acho que tão felizes, tá resolvido o problema deles, eles estão convivendo melhor. É gostoso tá junto. Vão todos pra psicóloga, para agradecer a solução.

Título: Minha Futura Família.

Inquérito:

P: - Você falou de um problema...

Ela: - É o relacionamento de **R**, mas não duvido que com a **M** também esteja.

3º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Não sei, engraçado... Não sei, só me vem uma cama.

Estória:

O filho tá doente e a mãe tá levando remédio, ele tem gripe, dor de garganta. Os demais tão na sala, vendo TV. A mãe queria estar vendo TV. O filho não fica muito doente. Ele vai sarar rápido, é resfriadinho, dor de garganta, tem que dar remédio de 8/8h. É hábito da casa que o filho doente fique na cama do casal durante o dia.

Título: A Cura.

4º DESENHO**Comentários:**

Ela: Ri e diz: - Outra vez? Fazia tempo que eu não fazia esse desenho complicado.

Estória:

É uma saída de casa: um vai pra escola, outro pro trabalho. Depois vão voltar à noite em casa. É duro as crianças entenderem que cada um tem a sua atividade e gosta dela. Se vêem pouco durante a semana, muito no fim. Os pais são muito amigos. Dá a sensação de empurrar as crianças prá

vida. A tendência dos pais é querer segurar, mas eles se es
forçam por empurrar, mas isso não é demonstrado.

Título: Minha Linda Família.

2

85

1

3

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS POR R**1º DESENHO****Comentários:**

Ele: - Vou fazer de coelho. Apaga e diz:

- Não sei fazer coelho, vou fazer família de aviões. Desenha primeiro o filho e o avô e comenta que o avô caiu nos espinhos, foi na guerra. Depois faz o pai, a mãe e o nenê e diz: - ele ainda é uma asa delta, tem mais perigo de cair, é mais inseguro, o avião tem mais segurança. Põe o fogo traseiro em todos e até o fogo do vovô que é velhinho e comenta: - eles estão voando.

Estória:

Eles vão passear pro Japão, pra Inglaterra. Todos já conhecem, só o nenê não conhece. Vão voltar porque o nenê tem primos lá e ele não sabe. Ele nasceu ontem e nem abriu o olho. Só que (faz a ligação da asa-delta como o avião-mãe) vão de mãos dadas. O filho mais velho pisca para a mãe, tem mania de piscar e a mãe pisca para ele. Eles tão levando pessoas.

Título: A Família Avião.

2º DESENHO**Comentários:**

Ele: - E a minha, vou desenhar de ursos... Não, não sei desenhar ursos... vou desenhar de flores, já que eu amo a natureza. Faz o avô e a neta. Apaga. Vou fazer de borboletas. Faz primeiro a irmã, a avó materna, o avô paterno, a avó paterna, tia paterna e a madrinha. Grita: ih! noventa. Canta alto.

Estória:

Estão voando para o rio para beber água e depois eles caíram de tanta água que tinham tomado. Desmaiaram e quando acordaram, já podiam voar de novo. Elas se juntaram para ir a casa da avó, mas não moravam juntas.

Título: Família Borboleta.

3º DESENHO**Comentários:**

Ele: - Vou fazer uma família de aviões, com aquela asa delta que não está bem, está vomitando.

Só que vou fazer o pai, a mãe e a filha.

Ele: - Você já viu o filme do Fievel?

P: - Já.

Ele: Canta alto: ... Mas não existem gatos na América (canta ao desenhar o pai). Devia ser, só existe um gato na América, ele é amigão... Não diga nunca, não diga nunca, jamais... Era um filme triste, o Fievel perde o pai, você acha que pode ser alegre?

Estória:

O filhinho tava vomitando, ele comeu muitas porcas: balas, doces. Toda vez que come porcaria, ele vomita. Ele vomita muito.

P: - O filhinho era pequeno?

Ele: - Tinha 1 ano, a irmã 9, o pai 40, a mãe 39.

Os pais não tão vendo, a irmã vai ver primeiro e vai contar pro pai e pra mãe e quando eles verem vão aterrisar e tratar do menor.

Título: O Nenê que não sentia bem, não.

O Nenê que não queria ter nascido.

P: - Por que?

Ele: - Porque ele ficava vomitando, não tinha cura, ele nasceu vomitando.

P: - O que vai acontecer com ele?

Ele: - Ele tem esperança de curar, mas ele não sabe.

4º DESENHO**Comentários:**

Ele: - Só vou desenhar meu pau, minha irmã e minha avó.

Ele: - Quantos você atendeu hoje? Muitos, não é?

P: - Alguns.

Ele: - Eu sou bom de desenhar? ... Eu acho que sou ruim.

Desenha o pai e diz: Não gostei do desenho, não sei desenhar direito.

Estória:

Eles estão passeando. É um dia de férias. Eles vão no planetário pela primeira vez, **R** deu a idéia, estavam sem nada para fazer. Todo mundo topou. Depois vão voltar para casa e ter algo para fazer, vão lanchar.

Título: A Família que foi no planetário.

~~island~~

1.2. SÍNTESE

Segundo a análise das histórias de vida de cada um dos pais de R, observamos que ambos tiveram uma educação rigorosa e exigente e que a eles foi atribuído o papel de "bons" filhos. Não revelam, em seus relatos, suas frustrações, seus conflitos e inquietudes, ao contrário, sempre se mostram capazes de se adaptarem às exigências externas, mesmo quando elas são fortes, marcantes e trágicas, como a morte do pai de I (mãe de R) nos seus 12 anos. Sendo uma figura tão significativa e o suporte emocional e financeiro da família, mesmo assim, I não manifesta sua dor, a não ser atuando por evasão; revela o contrário do esperado, transforma-se numa pessoa produtiva e capaz de cuidar de si e de toda sua família (onipotência no lugar da impotência, provável sentimento de base). Investe em primeiro lugar no campo profissional, deixando para um plano inferior, as experiências emocionais. Sua principal preocupação é a estabilidade financeira, que julga causa da destabilização familiar, logo após a morte de seu pai. Nesse período, sua mãe apegase a ela, filha mais velha e atribui-lhe o papel de "marido" (sic), que ela aceita e desempenha muito bem. Todos os seus irmãos a seguem como modelo e se tornam pessoas bem colocadas profissionalmente e capazes de sobreviverem. Diante da ausência real do

pai e da dificuldade de continência da mãe, as crianças crescem precocemente, sem poder dar conta de suas necessidades internas, pois as necessidades externas se tornam predominantes.

S (pai de R), por sua vez, também não encontra um lugar para seus próprios anseios e desejos dentro da sua família, acomoda-se ao que é proposto, que avalia como sendo o melhor, o mais adequado. Analisa sua família de origem como modelo de relação e o que não se encaixa nisso, tende a desorganizá-lo. Luta, portanto, por uma harmonia que imagina ter tido e, mesmo que hoje considere que é uma forma rígida de acomodação, repete o que conhece, pois funcionou: em sua família todos são bem sucedidos e adaptados. S manifesta desejo de ser diferente, mas se sente aprisionado pelo que é. Parece também não reconhecer suas necessidades internas; desenvolveu-se principalmente a partir das expectativas dos seus pais.

As relações de afeto estão sempre contidas, sejam elas de alegria ou de dor, de amor ou de agressividade e, em contrapartida, representadas de maneira racional. Expressam o que é adequado, esperado para os padrões de suas famílias — trabalho, cooperação, amizade, honestidade, etc... Sentimentos tais como hostilidade, inveja, raiva, rivalidade não cabiam em suas manifestações, eram desaprovados, abafados.

A vida do casal desde o início foi dirigida pa

ra o que era esperado deles e não para o que desejavam (sua lua-de-mel foi adiada em função da doença do pai de S). Eles vão se adaptando às condições externas, aparentemente sem irritação ou aborrecimento, tendem até a dizer que foi bom (racionalização). Dentro dessa experiência de acomodação, os filhos chegam quatro anos depois do casamento, num momento de separação do casal, por motivo de trabalho — eles se estabelecem em duas casas; a mãe, só podendo amamentar até dois meses o filho, procura uma ama de leite para R e mantém o aleitamento por 5 meses. Sua ligação com a realidade parece parcial: preocupam-se em dar e se comportar como é esperado externamente e se satisfazem com isso, pois põe à parte o outro lado, o das insatisfações, o dos conflitos.

Nasce nesta família uma criança (R) que tende a ser orientada pelos seus desejos (realidade interna), regida pelo princípio do prazer e que coloca para fora suas insatisfações e necessidades, uma incapacidade de conter-se. Talvez por essa razão parece sempre ter mostrado necessidade de ser contido, aninhado, o que se vê em atitudes tais como — choro persistente, inconsolável dos três aos oito meses, necessidade de manter-se no quadrado, espaço reduzido até 4-5 anos, provavelmente por estar sob forte pressão de tensões internas causadas por ansiedades de ordem persecutórias, confusionais ou de perda, em função da projeção de seus impulsos destrutivos, da incontinência externa ou ambos.

A realidade para R, dentro desta perspectiva, se reflete por exigências às quais ele não é capaz de atender, levando-o a defender-se através de respostas impulsivas ou de retraimento, que tornam sua adaptação cada vez mais ineficaz.

R é uma criança inteligente (Tabela I), mas se comporta como uma criança que é incapaz de analisar uma situação e se colocar adequadamente nela. Usa seu potencial em geral, para criar projetos, histórias e sonhos que não podem ser realizados ou que não levam a resultados úteis ao seu desenvolvimento.

R iniciou precocemente sua vida escolar, com um ano e meio, situação que somada a um desmame materno precoce, exigiam dele recursos para uma adaptação também precoce, exigência que se mostra incompatível com suas possibilidades.

Ele parece sempre sofrer muito com as perdas, desde as inevitáveis — o útero, o seio da mãe — até as mais simples, o que se pode deduzir de suas atitudes: choro persistente, comportamentos agressivos. Defende-se disso, às vezes, comportando-se como quem não se liga às coisas (relação parcial com os objetos); mostra desprendimento em relação aos seus pertences num determinado momento (dá suas coisas para amigos e estranhos) e chora ao perder um peixe como se estivesse perdendo uma parte sua.

Opta por confrontar-se com a família, de forma a evitar o envolvimento emocional, e para isso escolhe temas não humanos (no DF-E) que implicariam em um contato com as emoções, o que reflete que neste jogo de relações existem angústias, conflitos, vazios. Aparentemente, parece estabelecer ligações com todos os familiares, mas numa análise mais profunda, podemos entrever uma solidão íntima, sentimentos de rejeição ("*O nenê que não devia ter nascido*", como um dos títulos) e a presença interna de objetos frágeis (cai, desmaia), demonstrando não acreditar numa verdadeira relação de objeto.

Os pais em contrapartida, mais fortemente a mãe, parecem distantes de suas experiências emocionais e de uma forma evidente, afastam-se dos afetos de suas próprias ligações de objeto de família. São evasivos ou idealizam as relações familiares, colocando-se desta forma distantes de R não podendo contê-lo em suas necessidades — é como se olhar para as do filho fosse olhar para as deles, e isso os assusta; prenuncia dor ligada a perdas e consequentes sentimentos de abandono e raiva.

Coloca-se como uma mãe que viabiliza o cuidado do filho, mas não o faz diretamente, evitando o confronto com os sentimentos, o mesmo acontecendo com o pai que se coloca como alguém que tem pouca força para sustentar os problemas, precisa ser sustentado, mais identificado com o filho.

Pai e mãe não podem, nesse sentido , olhar-se, pois se o fizerem terão que constatar sua solidão, a falta ou a fragilidade dos vínculos, seus objetos perdidos. O mesmo parece se dar com R, que evita essas angústias pela dispersão, evasão para a fantasia, a agitação, suas fontes de descarga, revelando uma experiência parcial de si mesmo, a falta do suporte afetivo dos pais, de sustentação para o seu eu, que assim não se desenvolve e não se individualiza.

CASO 2**2.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** T**IDADE:** 5 anos e 9 meses**NASCIMENTO:** 20/12/84**SEXO:** Feminino**ESCOLARIDADE:** Pré-escola**PAI:** Y**IDADE:** 45 anos**ESCOLARIDADE:** Curso Secundário**PROFISSÃO:** Técnico em Contabilidade**MAE:** X**IDADE:** 39 anos**ESCOLARIDADE:** 1º Grau Completo**PROFISSÃO:** Prendas Domésticas

APRESENTAÇÃO

T foi trazida por seus pais, por apresentar dificuldade em se adaptar à escola: ao entrar na escola, ela "faz cena" (sic), chora muito, diz que quer ir embora, se "agarra" (sic) aos pais. Depois de um tempo, consegue ficar bem. Segundo os pais, foi **T** que desejou ir à escola, porque seus irmãos já frequentavam e ela queria ir junto. Nos três primeiros dias deu-se muito bem, mas, desde então, tem sido difícil para **T** esse momento de separação.

Os pais relatam ainda que, segundo a professora, **T** alega querer ficar em casa com a irmã caçula. Os pais acham que pode ser ciúmes, porque as duas irmãs menores de **T** ainda não vão à escola.

GENOGRAMA TRIGERACIONAL DA FAMÍLIA

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL**PAI DE T (Y)**

Y é o quinto filho de uma família de 9 filhos, nascido e criado numa cidade pequena no interior de São Paulo. É descendente de japoneses (pais). Seu pai sempre foi muito fechado, bravo, exigente, não conversava com ninguém. Moravam num sítio, isolados, não tinham amigos. Viviam da plantação de café, amendoim e uma horta. Sua mãe era distante, não demonstrava carinho para com os filhos. Irmãos: os sete mais velhos são homens e as 2 menores mulheres.

Y teve uma infância muito difícil, vida dura. Não se dava com os irmãos mais velhos, que brigavam muito com ele. Teve dificuldades na escola por causa da língua, uma vez que só falava japonês em casa. Não pôde concluir o primeiro grau porque o pai obrigou-o a trabalhar na roça. Com 29 anos resolveu vir embora para São Paulo com o irmão mais novo, onde fez supletivo e curso técnico.

Não teve namoradas, a não ser sua atual esposa, que conheceu na casa de um amigo em comum. Achou-a muito "compreensiva" (sic) e gostou muito do casamento. Sempre quis filhos, sem se importar com a quantidade. Em relação às crianças, não sabe dizer com quem se dá melhor. Fala que "é tu do igual" (sic). Considera-se mais calmo que a esposa, "é ela quem manda na casa" (sic).

MAE DE T (X)

X é a mais velha de cinco irmãos, sendo seguida de dois homens, uma mulher e um homem, nascidos em São Paulo. Adora os pais, "*são muito bons*" (sic), de quem são vizinhos. São muito ajudados por eles em relação às crianças.

O pai de **X** era soldado e aposentou-se na polícia militar. A mãe ficava em casa. **X** teve uma vida tranqüila com a família e praticamente criou os 2 irmãos menores.

Fez o ginásio e parou de estudar para trabalhar, mesmo contra a vontade do pai, como empregada doméstica e depois como escriturária. Parou de trabalhar quando casou.

X teve alguns namorados e conheceu **Y** através de um amigo comum. Gostou logo dele, achou-o compreensivo e carinhoso. O namoro durou apenas 6 meses. Sempre quis ter filhos e logo no início do casamento teve uma notícia: a ginecologista detectou vários miomas no útero e provável dificuldade para engravidar. Não demorou muito, percebeu que estava grávida e ficou "*muito feliz*" (sic). Teve uma menina, logo em seguida um menino, novamente uma menina (**T**), outra menina e resolveu fazer laqueadura pois a situação financeira não favorecia ter mais de 4 filhos. Logo veio a 5ª gravidez, pois a operação não deu resultado. Nasceu outra menina. Mesmo assim ficou feliz e operou novamente.

Acha-se "*estourada*" (sic) com as crianças, briga muito e depois se arrepende. Se dá bem com todos, porém acha mais fácil lidar com o menino. **T** é a mais difícil, manhosa e chorona.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

Gravidez tranqüila. **T** nasceu de parto normal, a termo.

T sempre foi muito bonita.

T mamou logo e bastante, até os 4 meses. Largou o peito sozinha. A mãe acha que foi por causa das "surras" (sic) que levava do irmão enquanto mamava.

T não dava trabalho, dormia bem, quase não chorava. Aceitou muito bem a mamadeira e logo depois a papinha. Agora mudou, só quer doces, Danone. Segundo a mãe, **T** parou de comer com 2 anos, por volta do nascimento da irmã, e foi forçada várias vezes a comer.

T toma mamadeira de manhã e à noite e, se deixar, quer leite o dia inteiro. A mãe tem medo, acha que ela não se alimenta bem. O pai não acha normal, "ela é muito branca" (sic).

A mãe não força mais a alimentação, porque **T** chegou a vomitar algumas vezes.

T almoça com os irmãos e a mãe. No jantar, estão todos juntos.

T usa chupeta para dormir, assim como todos os irmãos (menos a mais velha). Segundo a mãe, a chupeta acalma.

T tem sono tranqüilo, desde bebê. Até os 2 anos dormiu no quarto com os pais e irmãos. Atualmente, dorme com seu irmão. O pai sempre foi muito preocupado à noite, acha que as crianças podem cair da cama, se descobrir, se afogar, morrer. Mesmo dormindo com os pais, **T** nunca presenciou relações sexuais.

Até hoje usa fralda para dormir, pois tem enurese. Os pais não se importam, acham normal. Segundo a mãe, **T** range os dentes à noite, quando é contrariada de dia.

Segundo a mãe, **T** teve um desenvolvimento motor precoce. Sentou com 3 meses, engatinhou com 6 meses e andou antes de um ano e seus pais sempre elogiavam, era muito ágil. Hoje em dia cai para chamar a atenção, pedindo que a levantem. É destra.

Quando **T** começou a falar, sua mãe a ensinava a pedir quando queria fazer xixi. Antes dos 2 anos já controlava bem os esfíncteres. À noite não controla, acorda molhada e pede para a mãe trocar, por isso usa fralda para dormir. A mãe não se importa, porque os irmãos maiores foram assim até 6 anos.

T toma banho, escova dentes e se veste sozinha desde os 3 anos de idade, por iniciativa própria. É cuidadosa e organizada com suas coisas.

T rói unhas com freqüência desde pequena, principalmente quando está sem atividade. Os pais já tentaram fazê-la parar, mas não conseguiram.

A mãe acha que é hereditário pois era assim também. **T** é muito curiosa, já fez várias perguntas sobre menstruação e como nascem os bebês. A mãe responde a tudo, mas não se aprofunda, sente-se constrangida para falar nesse assunto. As perguntas começaram quando a mãe estava grávida.

T adora brincar de boneca, onde é sempre a mãe, mas prefere ver TV, às vezes a manhã toda. Os pais não ligam para o fato.

T reage bem à frustração na maioria das vezes.

Quando está com raiva fica emburrada, mas não é rancorosa. É muito sociável, conversa com todos.

T começou sua vida escolar este ano e os pais não entendem porque reage assim na hora da entrada. Vai bem na escola, segundo a professora, tem amigos e não chora durante o período que permanece ali, principalmente quando alguma "tia" dá atenção especial.

Os pais são muito amorosos entre eles e com as crianças. Têm uma vida tranqüila, passeiam nos fins de semana e aos domingos vão à igreja. São crentes e doutrinam as crianças, mas deixam claro que quando forem maiores poderão escolher.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELO PAI**1º DESENHO****Estória:**

... O pai... a mãe... entre 30 e 40 anos... 2 meninas e um menino... A maior tem 15 anos... a outra tem 13 anos e o menor tem 10 anos... Os três estão estudando.. o pai tá trabalhando e a mãe cuidando da casa...

2º DESENHO**Estória:**

Do mesmo jeito que eu desenhei a outra... pode ser

3º DESENHO**Estória:**

É um casal que não tem filhos... Tenho um irmão

mais velho que a minha cunhada não pode ter filhos ... ele quer muito... é muito duro ficar sem filhos.

4º DESENHO

Estória:

(Coloca todos na ordem) ...Eu tô trabalhando, minha esposa tá em casa... os 3 mais velhos na escola e as 2 pequenas em casa, dando trabalho para a minha esposa.

Obs.: Não sabia pôr os títulos das estórias e em alguns desenhos, faz um comentário ao invés de estória.

DCI
 MAF
 FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP

FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP

2

1

EV
 ELA
 FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP
 FILIP

C-1150
 FILIP
 FILIP

4

3

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELA MAE**1º DESENHO****Estória:**

Desenhei a minha família... meu marido.. eu... os 5 filhos... estão brincando... Todos, até nós dois.

2º DESENHO**Estória:**

...É difícil... é a minha mesmo (desenha na mesma ordem).

3º DESENHO**Estória:**

... um casal de primos meus... acho que eles não estão bem porque ele tá desempregado e ela grávida... já têm 3 filhos... o desemprego me assusta muito... ver os filhos passarem necessidade...

4º DESENHO**Estória:**

Meu marido, eu, 5 filhos (por ordem de nascimento)
...tão em pé... conversando.

Obs.: Não quis colocar os títulos nas estórias e em
alguns desenhos teve dificuldade de fazer a
estória, fez comentários apenas.

2

1

3

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS POR T**1º DESENHO****Estória:**

... E a minha tia... uma tia..."

(detalhes do desenho: testa e xexa).

2º DESENHO**Estória:**

... Meu pai ri e comenta: é o pipi.

3º DESENHO**Estória:**

Minha avó... não sei o que ela tem... minha mãe tam
bém tá doente... não sei o que ela tem... minha avó tem que
tomá remédio... (desenha outra pessoa) Essa é a minha mãe...

eu não sei fazê direito... o cabelo dela é grande mas ela tem grampo prá pôr...

4º DESENHO

Estória

O papai e a F (irmã mais velha)... os outros não cabe!... Tão tirando a foto...

Obs.: Não soube dar os títulos das estórias.

2

1

3

4

2.2. SÍNTESE

Tanto X (mãe de T) quanto Y (pai de T), vem de uma família numerosa. Em suas histórias não apresentam seus conflitos em relação às figuras parentais ou aos irmãos. Colocam-se, identicamente, submetidos à experiência, aceitam o lugar que lhes é dado sem questionamentos, e colaboram com a família — X cuida dois irmãos menores e Y trabalha com o pai na lavoura.

Y coloca suas dificuldades frente à vida, suas dificuldades de contato, dificuldades escolares devidas à língua falada (o japonês), as quais parecem se resolver com o tempo, como se não pudessem ter sido vistas e atendidas pelos pais. Teve muita dificuldade de se separar da família de origem (29 anos) e criar sua própria expectativa e realização, embora, no casamento, mostre-se submisso à experiência: mesmo não podendo, vai tendo filhos, repetindo sua história, como se não tivesse outra saída. Parece sentir-se muito exigido e responsável, extremamente solicitado pela vida. Diante dessa realidade, coloca-se de forma evasiva, afastando-se dos sentimentos encobertos de raiva e solidão, com os quais possivelmente não sabe lidar.

X, por sua vez, relata uma vida sem problemas, até boa, mas para isso precisa negar as influências das discussões de seus pais, as raivas, ciúmes e inveja dos

irmãos e o desgaste de ser a mãe-criança de seus irmãos mais novos. Diante das exigências advindas da sua família, coloca-se submissa e satisfeita, sentimentos que só são possíveis negando suas próprias necessidades e desejos, que pareciam não ter lugar em sua família (trabalhou contrariando o pai).

O casal apresenta pontos de identificação principalmente quanto à forma como se colocam na vida. Põe de lado as experiências de afeto tanto as boas como as ruins, as de amor ou ódio, e vivem a vida de forma mais objetiva, realizando suas tarefas e funções, entre elas inclusive a de procriar — função de um homem e uma mulher no casamento.

Os filhos não parecem vir de uma relação de amor, numa situação planejada, vão nascendo e eles, com dificuldades vão se adaptando às novas exigências. Colocam-se ainda como filhos, que tem que aceitar uma situação imposta, não se percebem como pessoas adultas e independentes, capazes de mudar o curso de sua própria história. Reproduzem, curiosamente, uma família de pais de cinco filhos: X era a quinta filha, Y era o quinto filho, como se esperassem através da repetição da experiência concretizada, tratar ou confirmar suas sensações do passado, embora não se dêem conta disto. Parece que buscam, como resposta, o seguinte: o que não tiveram dos pais é porque eles não puderam dar, isto é, eles deram o melhor. Isto porque se colocam como pais que tentam dar aos filhos o me

Pretendiam, no entanto, realmente, parar no quarto filho, talvez numa tentativa de evitar o confronto com as próprias angústias advindas de suas experiências do passado, mas a realidade é que tiveram cinco filhos, sendo esta situação, a que representa e evidencia as dificuldades que X tem em ser mãe.

T é a terceira filha e vem trazendo uma criança que luta pela ligação e atenção da mãe: "é exigente, teimosa e chorona"(sic), insiste em ser vista e atendida em suas necessidades, não se conforma facilmente, nem se submete.

Os pais vem tratando os filhos de forma indiferenciada, negando que tenham individualidade e necessidades particulares. Vêm-se agora diante de T, numa experiência nova (ela se impõe pelo seu jeito de ser) e apresentam dificuldades de se relacionar com essa situação: "*T é a filha mais difícil*"(sic). Essa atitude talvez seja decorrente de não terem sido percebidos em suas necessidades e limitações quando filhos, sentem-se diante dessa experiência, sem recursos para atendê-la.

T mostra-se uma criança capaz de causar fortes sensações em seus familiares, pois também despertou muitos ciúmes nos seus irmãos que a agrediam até enquanto mamava.

Parece ter vindo ao mundo com "*fome*", desejosa de manter-se ligada à mãe e, embora tenha desmamado aos

quatro meses, aparentemente aceitando o fim dessa experiência, mantém uma ligação de controle sobre a mãe na situação alimentar (controle onipotente do objeto). Mostra que embora externamente tenha havido uma evolução, internamente mantém-se na mesma posição (esquizo-paranóide), apresentando impulsos oral-sádicos em relação ao seio, que são evidenciados nos rituais sado-masoquistas das refeições. Assim mostra seus impulsos agressivos frente às figuras parentais, especialmente à mãe, e os mantém voltados para ela, cheios de preocupações.

A mãe não parece sensível a essa necessidade de ligação de T com ela, pois introduz precocemente a papinha (um mês e meio), antes mesmo dela ter podido desligar-se do seio, situação que favorece o incremento das ansiedades persecutórias, situações e traços melancólicos (que podem ser observados em seus desenhos de família). De outro lado, no entanto, mantém T no seu quarto até dois anos, o que pode ter favorecido suas tendências voyerísticas (figuras com representação dos órgãos sexuais nos desenhos de família) e até a enurese noturna, que pode ter o sentido de controle onipotente com relação à parelha parental, ao mesmo tempo que veicula seus impulsos agressivos e sexuais.

De qualquer forma, expressa com mais esse sintoma, uma tendência a escravizar a mãe à relação com ela, mantendo-a ocupada com seus cuidados e, de outro lado, responde em oposição aos desejos dos pais de que ela cresça.

Outras manifestações como a conservação da chu peta e mamadeira, reforçam sua situação de dependência e revelam a dificuldade de T em desenvolver respostas frente às exigências do processo evolutivo, provavelmente por não ter podido resolver os conflitos relacionados a etapas anteriores (como o desmame, quem sabe o próprio na cimento), onde as necessidades básicas parecem não ter sido atendidas.

T revela-se uma criança com tendências a sentir-se rejeitada, ameaçada, aniquilada, insegura, o que deve gerar muitas tensões e ansiedades, talvez expressas por seu choro, o que a leva a querer ser atendida prontamente, como no útero. É possível que as condutas de T se instalem como fantasia de controle e presença do objeto externo bom (o seio, a mãe) e que sirvam para evitar o apa recimento das angústias, que aparecem mediante a sensação de vazio, de abandono, produzidas pela etapa que antecede a satisfação. Essas tendências constitucionais de T podem ter se acentuado com o desmame e possivelmente favoreceram o aparecimento de seus impulsos agressivos, dirigidos especialmente à figura materna.

T coloca-se de forma onipotente diante da família, demonstrando dificuldade de lidar com a limitação da mãe que tem que dar atenção aos seus irmãos, reagindo com ciúmes; luta pela exclusividade que parece ser seu desejo — ela e a mãe, numa ligação permanente.

Diante dessa criança, os pais que revelam em seus Desenhos de Família com Estórias (tanto pelos desenhos simplificados, despersonalizados, como pelas estórias pobres e restritas) dificuldades de contato com seus afetos com relação ao tema família e a todas as emoções que ela desperta em seu interior, colocam-se como figuras incapazes de lidar com a natureza de T e de contê-la. Revelam-se pais com dificuldades de por limites a situações de sofrimento de sua própria vida e, talvez pela falta dessa experiência pessoal, incapazes de ajudar T a lidar com as suas.

Os pais, pela sua produção, demonstram-se limitados, pouco criativos ou espontâneos, e colocam a família apenas como parte de um momento de vida onde o casal vai tendo filhos e trabalha para dar-lhes as provisões ambientais necessárias, não como o lugar de continência das emoções e do exercício de viver a vida.

Observa-se, tanto por seus desenhos como pelas estórias que T não é contida pela família, não apresenta ter a noção de viver em grupo, só cabem uma ou duas figuras em cada folha, não tem espaço para os irmãos, não os inclui e se os inclui, se exclui, não podendo compartilhar. Ressalta a presença dos impulsos agressivos, suas tendências voyerísticas e consequente culpa, dificuldade de estabelecer contato com as pessoas. Ataca a figura feminina, colocando nela a sua agressividade e sadismo e sua raiva, talvez por projetar nela os ataques a si mes-

ma, por não se sentir capaz de seduzir os pais com seus encantos. Assim, desta maneira, ataca seu desenvolvimento, conseguindo, à custa de suas próprias perdas, o seu desejo maior — ser o centro da atenção dos pais.

CASO 3**3.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** E**IDADE:** 6 anos**NASCIMENTO:** Fevereiro/84**SEXO:** Masculino**ESCOLARIDADE:** Pré-II**PAI:** P**IDADE:** 31 anos**ESCOLARIDADE:** 2º Grau Completo**PROFISSÃO:** Ger. Executivo**MAE:** N**IDADE:** 27 anos**ESCOLARIDADE:** 2º Grau Completo**PROFISSÃO:** Prendas Domésticas

APRESENTAÇÃO

E foi trazido por seus pais, porque desde os 5 anos, quando ingressou na escola, apresentou dificuldades de aprendizagem e comportamento estranho em sala de aula. No que se refere à aprendizagem, é desatento e parece não compreender as instruções que lhe são dadas; quanto ao comportamento é muito lento, mas em oposição quando a sala de aula está em silêncio, começa a se arrastar pelo chão (como forma de chamar atenção), bate nos amigos e é desobediente.

É uma criança só, não tem amigos, no ônibus escolar prefere sentar sozinho e se, eventualmente, algum amigo senta-se a seu lado, vira de costas.

Foi filho único durante 5 anos e os pais relatam que após o nascimento da irmã é que começou a notar esse comportamento.

E tem uma irmã mais nova de 1 ano e 8 meses, da qual tem muito ciúmes; sempre foi muito apegado ao pai, mas com o nascimento da irmã passou a ter maior contato com a mãe, passando o pai para segundo plano.

Os pais relatam ter dificuldade em se relacionarem com **E**, pois não sabem como tratá-lo. Têm medo de chocá-lo.

GENOGRAMA TRIGERACIONAL DA FAMÍLIA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE E (P)

P é o sétimo filho dos 9 irmãos, do segundo casamento de seu pai. Do primeiro casamento tem 3 irmãos, sendo 2 irmãs e 1 irmão — a irmã do meio e o irmão são falecidos

(não tem informação sobre a causa da morte dos irmãos), res-
tando apenas a irmã mais velha, com a qual se relaciona
muito bem, mas esporadicamente, pois mora no Paraná.

P nasceu no Paraná e veio para São Paulo com 6 a-
nos. Teve uma infância e adolescência conturbadas, pois seu
relacionamento com o pai era muito difícil — *"meu pai nun-
ca gostou de mim, era uma coisa visível, todos reparavam
nisso"* (sic).

Aos 19 anos saiu de casa, após uma briga violenta
com seu pai — sua mãe é quem pediu para que saísse de ca-
sa. Ficou morando mais ou menos 20 dias na casa de um amigo
até arrumar lugar para ficar e depois foi morar com sua ir-
mã (4ª) durante um ano e meio, com a qual se relaciona mui-
to bem.

No período em que permaneceu morando com a irmã,
manteve relacionamento constante com sua mãe e seus irmãos,
os quais sempre o apoiaram em relação às divergências com
seu pai.

O pai faleceu em 1979, de derrame cerebral. **P** foi
avisado e compareceu ao enterro. Decorridos dois meses da
morte do pai, sua mãe pediu para que voltasse para casa e
ele aceitou o convite.

Começou a trabalhar desde, mais ou menos, 12 ou 13
anos para poder se sustentar e manter os estudos.

Obs.: Pai, teve muita dificuldade em falar sobre sua
família e quem fala a maior parte do tempo é a
mãe — demonstrando ter maiores informações so-
bre sua história do que ele.

P diz que talvez as dificuldades de **E** sejam por

causa da sua dificuldade de relacionamento com seu pai — ca
sal ri.

MAE DE E (N)

N é a sexta filha de uma família de nove irmãos; seu relacionamento com a mãe é bom, mas como é mais enérgica, precisa certo cuidado com ela, às vezes faz críticas e então é bom evitar problemas. Com o pai o relacionamento é ótimo e como filha mulher era a "*princesa da casa*" (sic). Os irmãos demonstravam muito carinho e cuidado por **N**, sempre iam buscá-la na escola e implicavam com todos os namorados, exceto **P**, "*pois com esse jeito sério, não se atreviam a fazer brincadeiras*" (sic). A irmã de **N** é sua melhor amiga, "*amiga para todas as horas*" (sic), viaja com a família de **N** e adora os sobrinhos.

A família é muito unida. Todos se relacionam muito bem.

P e **N** se conheceram no trabalho. Trabalhavam juntos no mesmo departamento e na mesma instituição bancária.

P fez aniversário e convidou **N** para a festa — e assim começou o namoro. Nessa época **N** tinha 18 anos e **P** 22 anos.

O namoro, noivado e o casamento durou 11 meses, — o noivado foi "*secreto*" (sic) só entre o casal e em seguida comunicaram às famílias a data do casamento.

As famílias aceitaram o namoro, bem como o casamento, apesar de serem bastante diferentes; a família de **P** é mais requintada, "*sóbria*" (sic), enquanto a família de **N** é mais "*despachada*" (sic) sem muitas formalidades — e a festa do casamento seguiu o estilo da família da noiva.

Após a lua-de-mel, **N** já estava grávida.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

A gravidez de **E** foi planejada, ocorrendo 15 dias após o casamento (lua-de-mel).

A mãe sofreu uma cirurgia no 4º mês da gravidez "*quisto na bacia*" (sic) — segundo a informação do médico essa cirurgia era necessária e não havia risco de vida para a criança.

E nasceu de 9 meses completos e parto cesária, pois não havia dilatação do colo uterino; pesou 3.650gr e mediu 48 cm.

Os primeiros meses transcorreram "*muíto bem*" (sic) foi amamentado até o 6º mês, e a partir daí a mãe começou a introduzir sucos e frutas... e **E** passou a não aceitar mais o leite materno.

Teve dificuldade em aceitar alimentação salgada, o que permanece até os dias de hoje, parece não gostar de comer, não come de forma alguma carne, arroz, feijão... Só come bolachas, salgadinhos, doces e toma leite.

O sono foi tranqüilo até o 3º mês, depois passou a ter dores de barriga, mas dormia bem. Atualmente tem sono tranqüilo, mas a luz do abajour permanece acesa, pois se acordar à noite e estiver tudo escuro vai para o quarto dos pais.

Até os 5 anos, dormia no quarto dos pais — passou espontaneamente para seu quarto após o nascimento da irmã. Os pais relatam que **E** permaneceu esse período dormindo com o casal, por ser mais prático cuidar dele durante a noite, caso se descobrisse ou precisasse de qualquer outra coisa. Geralmente dorme com os olhos semi-abertos, baba no travesseiro e quando passa o dia agitado, fala a noite toda.

"Quando completou um ano é que começou o dilema: uma convulsão e até hoje não sabemos o que foi, levamos imediatamente para o pronto-socorro, foi medicado com Diempax e soro. O médico recomendou que fossem feitos exames neurológicos, exames clínicos, sangue, urina, e os resultados não acusaram nenhuma anormalidade" (sic).

Por volta de 1 ano e 8 meses foi mordido por uma ratazana — no dia seguinte teve febre alta e sangrava demais; foi medicado e tomou uma série de vacinas. Os pais relatam terem ficado muito preocupados.

Teve outras doenças infantis: brotoeja, sapinho, sarampo e catapora.

Quanto ao desenvolvimento motor, engatinhou, ficou de pé e andou com 1 ano e 1 mês.

Falou com 2 anos e meio e apresentou dificuldades específicas em expressar-se. Aos 5 anos é que começou a se

expressar melhor, a pronunciar as palavras, sem trocar as letras R / L, C / T. Atualmente, observa-se expressões infantis em sua fala, como dandando (nadando). Segundo parecer médico **E** apresenta uma lentidão no desenvolvimento da fala.

No que se refere à sociabilidade, é difícil fazer amizades: com as crianças da família se relaciona bem, o mesmo ocorrendo com os adultos, mas em relação aos amigos da escola ou outras crianças que não conhece mostra-se mais retraído.

Demonstra indiferença em relação aos passeios e festas, não fazendo questão de participar. A atividade de sua preferência é andar de bicicleta e assistir TV o dia todo, sendo que os pais proibiram, pois seu comportamento era a repetição dos programas de TV.

É uma criança "*nervosa*" (sic). Quando frustrado, chora, demonstrando irritação (gritos...) e quando está com raiva diz que vai se matar.

Por outro lado, é afetivo, pede para deitar no colo dos pais, "*tem necessidade de ser abraçado, acalentado*" (sic).

Quanto à sexualidade, apesar de tomar banho junto com os pais, nunca fez nenhum tipo de pergunta, "*parece não estar interessado nesse assunto*" (sic).

Os pais relatam que percebem **E** uma criança insegura, imatura, principalmente com pessoas estranhas, mimado.

DESENHO DA FAMÍLIA COM ESTÓRIA PELO PAI**1º DESENHO****Estória:**

O pai é médico e a mãe é psicóloga; os filhos têm 10 anos e 14 anos. São casados há 15 anos. O menino está no primário e a menina está no colégio. Os pais dão muita liberdade para os filhos. É uma família unida, adoram passear nos fins de semana. O pai gosta de jogar tênis e leva a família junto para jogar em parceria, o programa predileto da família. Os filhos estudam na mesma escola. O menino quer ser jogador de futebol e a menina diz que quer ser bailarina, e os pais alimentam essas esperanças deles. Os pais se relacionam muito bem e dessa forma vão vivendo; os dois são autônomos, não pretendem ter mais filhos e assim continua.

Título: A Família Ideal.

2º DESENHO**Estória:**

O pai trabalha, a mãe também trabalha, têm 2 filhos — um tem 6 anos e o outro 1 ano e 8 meses. A família é

unida, onde tem muita compreensão; as crianças são novas, onde têm um futuro pela frente. Vivem tranqüilos, sem perturbações, todos com saúde e disposição.

Título: A Família Santos.

3º DESENHO

Estória:

Se casaram e após o casamento, descobriram que a esposa não pode ter filhos, fizeram todos os exames e o que mais queriam era ter filhos e não puderam, ao contrário do que eles sonharam. E isso trouxe desânimo para os dois e não conseguiram pensar em outras coisas e ficaram fracos, perderam emprego, começaram a se ofender mutuamente e aí se desfez uma família.

Título: O Desastre.

4º DESENHO

Estória:

O pai trabalha no banco, a mãe costura em casa e

E estuda pré II. O pai trabalha e fica com a família no sábado, domingo e à noite; a mãe fica todos os dias em casa e **E** estuda todos os dias. Passeiam nos fins-de-semana, vivem bem, têm perspectiva de um bom futuro, com muita saúde e são felizes.

Título: A Minha Família.

DESENHO DA FAMÍLIA COM ESTÓRIA PELA MAE**1º DESENHO****Estória:**

É uma tia (Bela), uma família que eu gosto muito. Morávamos no sítio próximo, moraram 10 anos no mesmo quintal e aí voltaram para Sorocaba, foi quando aconteceu um acidente com o primo João — morreu de choque elétrico e no mesmo dia do enterro dele, no ano seguinte meu tio faleceu. Sou muito apegada a eles. São uma família muito sofrida.

Agora tem Joana, Pedro, Eduardo e o Cláudio.

É uma família que eu gosto muito.

Título: Uma Família a qual eu gosto muito.

2º DESENHO**Estória:**

Foi um namoro desejado de ambas as partes, namoro que durou pouco tempo. O filho foi muito esperado, queria menina porque tinha fascínio, mas foi bem recebido. Depois de 5 anos veio menina que não era esperada. Tivemos problemas, mas tudo passado, atualmente felizes, sem problemas gra

ves, sem grandes preocupações.

Título: A Família Feliz.

3º DESENHO

Estória:

É um parente longe, meu tio, uma pessoa trabalhadora, até que pegou trombose no dedo do pé; isso ocorreu há 6 anos atrás, fez tratamento, mas o tratamento foi inviável. Teve que amputar o dedo do pé, perna, até a virilha, perna toda. O mesmo problema passou para a outra perna, e para mãos e braços também. Está há 5 anos na cama, não fala, não conversa, só chora e ri. É um tronco na cama, dá pena da gente ver. Ele não está bem.

Título: Uma Coisa Inesperada.

4º DESENHO

Estória:

Mesma daquela outra (2ª). Verdadeira estória real.

Título: Esta é a Minha Família.

2

135

4

1

3

DESENHO DA FAMÍLIA COM ESTÓRIA POR E**1º DESENHO****Estória:**

Os morcegos estava chovendo.

A casa dos meninos era que estava na piscina. A casa estava vazia. Os meninos afogaram, estavam dandando (=nadando). Se afogaram porque não sabiam dandar (=nadar).

O sol, a nuvem, estava chovendo, estava pingando, rio ponte, chovia muito, não passava ninguém, carro estava arado (=parado) -- homem, mulher, menino, irmã, árvore fror (=flor), vulcão da casa (chaminé), varal, maçã ati (=aqui).

2º DESENHO**Estória**

Mãe, Eu, Bruno, Tia, Tio, irmã e Walti.

3º DESENHO**Estória:**

Homem do bar, homem playcenter, homem do parque, todos doentes e não podem levantar da cama.

4º DESENHO**Estória:**

Gosto de desenhar, escrever, aprender ler, ir para praia, playcenter, chovete...

Obs.: Não soube dar títulos às estórias.

IREC

3.2. SÍNTESE

Ao analisar as histórias da origem das famílias percebemos que P (pai de E), apresentou muita dificuldade de relacionamento com a figura paterna que, aparentemente, foi resolvida em parte, com a sua saída de casa (separação por um ano e meio) e definitivamente com a morte do pai, apresentando como solução do conflito, alternativas que implicam em perda parcial ou total do objeto.

Colocava-se portanto, submetido à experiência e incapaz de transpô-la, como se fosse uma criança que não tem como reagir, dominada pela vontade do pai. O restante da família, sua mãe e irmãos situava-se favorável a E, o que pareceu funcionar como alento aos seus possíveis sentimentos de rejeição e quem sabe, o apaziguamento da sua culpa pela morte do pai, por ação de seus impulsos e desejos inconscientes agressivos.

Em contrapartida, N (mãe de E) encontra para si um lugar especial na família, até de destaque, especialmente para as figuras masculinas. Por outro lado, revelou dificuldades no relacionamento com a figura materna, talvez gerado por sentimentos de rivalidade, inveja, hostilidade dirigidos à figura feminina. Mesmo sendo a mulher querida, seu lugar era de filha. Em sua história coloca-se

submissa às imposições familiares (esconde seu namoro onze meses), não busca mudanças, trata dos problemas através do distanciamento da situação, talvez evitando o confronto com seus próprios impulsos.

Assim, o casal constitui uma família onde os problemas tendem ou a não ser percebidos, ou evitam confrontar-se com eles. Parecem lidar com as frustrações através do afastamento ou negação das situações difíceis.

Não parecem encarar a realidade como ela é: um misto de satisfação e insatisfação, tentam mediante o uso de defesas, vê-la apenas como fonte de satisfação. Assim sendo, não contém suas próprias frustrações e angústias, e, conseqüentemente não se tornam capazes de ser continentes das ansiedades e insatisfação de seus filhos e evitam proporcionar experiências limitativas. O mundo externo deixa de ser verdadeiro, transformar-se num mundo encantado, irreal, distorcido e o mundo interno é percebido parcialmente, referindo-se aos impulsos construtivos da personalidade (sentimentos de amor, respeito, cooperação) e descartando os aspectos destrutivos dos impulsos (sentimentos de ódio, inveja, ciúmes), não por evolução e integração mas por negação de uma das partes do eu. Esse fato é reassegurado por N quando ao projetar suas histórias no DF-E chama a atenção pelas tragédias que projeta (mutilações, esfacelamento, morte), o mesmo acontecendo a E, quando se permite expor seus sentimentos de oposição (ataques aos bebê no ventre da mãe — ciúmes, raiva, inveja)

Esta atitude parcial e passiva de contato com a realidade, tanto interna quanto externa, atitude imatura e infantil de posicionar-se frente à vida como uma criança que se submete aos pais, não os favorecem no acolhimento de E, que parece ter nascido com tendências impulsivas fortes ao retraimento, à satisfação imediata dos desejos e conseqüentemente baixa tolerância à frustração, diante da qual reage por descarga, principalmente dos impulsos destrutivos.

Podemos dizer que E, por suas próprias características, necessita pais fortes e maduros, capazes de conter sua existência e limitá-la, pois só assim poderia livrar-se de ansiedades desorganizadoras.

A situação emocional de E parece ter se agravado com o desmame, pois desde então vem mostrando sinais de irritabilidade, irascividade e agressividade evidentes (convulsões, choros, dificuldades alimentares). Parece inconformado da separação da mãe, por ter sentido seu nascimento como um corte do vínculo, que não pôde ser restabelecido nos primeiros meses de vida (falha nas primeiras relações objetais). É possível que E tenha sentido seu nascimento como uma exclusão da relação com a mãe, causando-lhe fortes sentimentos de raiva contra seu objeto de amor (a mãe), levando-o talvez a acreditar que a destruiu e está sozinho. Desta forma as situações da vida que se apresentarem a E e exigirem dele um conteúdo particular, vindo do próprio eu, poderão representar uma ameaça e soar como exigência, pois E demonstra sentir-se só

e esvaziado, não tendo o que oferecer. Em consequência disso, fica à mercê de ansiedades confusionais e paranóides, reagindo a esse estado com atitudes impulsivas ou retraindo-se e fechando-se ao contato com a realidade.

Encontra no seu desenvolvimento comprometido (distúrbios alimentares, distúrbios da fala, distúrbios escolares) uma forma sado-masoquista de aproximação de seu objeto de amor — a mãe. Assim, como uma criança "doente", na sua fantasia, tem a mãe e o pai.

Nos contatos com o pai e através da análise dos seus DF-E, embora muito defendido, observamos que ele poderia dar mais; ao contrário, torna sua convivência com o filho vazia, destituída de conteúdos. Traz do passado um filho que não recebeu e atua no presente um pai que não pode dar, numa atitude mesquinha, própria de um ego infantil, colaborando para dificultar a identificação e a configuração da identidade.

Com esse eu fundido com as figuras parentais, E não sabe que existe e que suas experiências da vida podem ser vividas também com satisfação.

CASO 4**4.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** J**IDADE:** 6 anos**NASCIMENTO:** Dezembro/83**SEXO:** Feminino**ESCOLARIDADE:** Pré II**PAI:** B**IDADE:** 31 anos**ESCOLARIDADE:** Colegial Completo**PROFISSÃO:** Bancário**MAE:** F**IDADE:** 31 anos**ESCOLARIDADE:** Colegial Completo**PROFISSÃO:** Prendas Domésticas

APRESENTAÇÃO

J foi encaminhada pela professora da escola, que notou uma mudança em seu comportamento. Ficou mais triste, é a última a terminar a lição e, às vezes, não termina. Os pais relatam que, em casa, está preguiçosa e rebelde, nega-se a fazer as coisas, às vezes não quer fazer lição, está briguenta, respondona, xinga as pessoas.

É uma menina esperta, extrovertida, carinhosa, que assimila as coisas rapidamente e, até há 2 meses atrás, de fácil relacionamento. Os pais acreditam que sua mudança de comportamento está relacionada ao falecimento da avó materna, há 10 meses atrás.

Durante o 1º ano da doença da avó, a mãe deixava **J** muito com o avô materno ou com a avó paterna para se dedicar à sua própria mãe. Nos últimos 6 meses, **J** ficou muito próxima da avó, ajudando e dizendo que ia cuidar dela. Chorou muito no enterro e fala muito nela atualmente. Ela sempre foi mais ligada à avó materna por ter uma convivência maior, encontros quase diários com ela. A avó nem era tão carinhosa. O mesmo se dá com o avô materno, a quem **J** idolatra e que é muito fechado e não se relaciona com ela. Para a avó paterna, **J** fala que ela não é sua avó, que a odeia. Ela diz também que não gosta das pessoas — "*sai de perto de mim, eu te odeio*" (sic) e que os colegas da escola não gostam dela.

Ficou muito agressiva em relação à mãe, nega-se a fazer tudo, desafia e, a mãe que é muito nervosa, briga muito com ela. Não ficou tão agressiva em relação ao pai com

quem brinca e conversa. O pai, por sua vez, é carinhoso mas não brinca muito com ela por medo de machucá-la. Também chega em casa tarde e cansado.

GENOGRAMA TRIGERACIONAL FAMILIAR

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE J (B)

B é o filho caçula de uma família de 3 filhos, humilde, sem recursos financeiros, mas muito unida.

Até os 9, 10 anos de **B**, seu pai era alcoólatra. Não era agressivo, era carinhoso, mas de pouca conversa — chegava em casa e ia dormir. Quando parou de beber, ficou mais amigo, conversava mais e o relacionamento na casa melhorou muito. Ele era barbeiro e cuidava da parte externa da casa — feira, compras, etc. Faleceu há 10 anos, quando **B** e ele começavam a ficar mais próximos.

A mãe de **B** cuidava da parte interna da casa, era muito prestativa e muito preocupada com os filhos e com o serviço da casa. **B** era muito controlado, muito preso, tinha horário para voltar para casa e se atrasava, levava bronca ou apanhava.

O pai era autoritário e inspirava respeito sem precisar bater, já a mãe era exigente e batia se as exigências não fossem cumpridas.

B tinha uma irmã 9 anos mais velha, que também era muito autoritária e controladora, às vezes, antecipando-se à mãe. Com o outro irmão, 7 anos mais velho não se relacionava muito devido à diferença de idade.

B começou a trabalhar cedo, aos 10 anos.

Trabalhou em várias coisas diferentes: num açougue, como ajudante de pedreiro, numa gráfica, num cartório

e no banco aonde está há 11 anos e ocupa um cargo de responsabilidade.

Na escola, foi bom aluno no primário, aprendia fácil, tirava boas notas e era tímido. Mais tarde ficou relaxado, não tinha vontade de aprender. Apesar de ser de "pouca conversa" (sic) tinha muitos amigos e era líder para aprontar, fazer bagunça, cabular aula. Participava muito dos times e das atividades esportivas, disputava campeonatos.

A esposa foi sua única namorada firme desde os 15 anos — estudavam na mesma classe. O namoro não impedia que até os 17 anos saísse à noite com os amigos, após deixar a namorada em casa, para fazer "farrá de rapazes" (sic).

Aos 16 anos foi atropelado, tendo fraturado o crânio. Ficou 4 dias em estado de coma, mas depois recuperou-se em 30 dias.

MÃE DE J (F)

F é a 2ª de uma família de 3 filhos. Tem uma irmã 3 anos mais velha do que ela e um irmão 14 anos mais moço.

Os pais não brigavam muito, mas também não eram de muita conversa, nem entre si, nem com os filhos.

A mãe era do tipo "não me toque" (sic) — não deixava as crianças ou o marido se aproximar fisicamente. Só beijava quando era Natal, Ano Novo ou aniversário. O pai também era assim "gelado" (sic). Achavam que era suficiente pro-

ver as condições materiais.

F foi uma criança muito arteira e por isso apanhou muito da mãe.

Nunca se deu bem com a irmã mais velha que, segundo **F**, sempre foi "*nariz empinado*" (sic). Começou a trabalhar primeiro, sempre teve as melhores roupas, era secretária — "*aquelas frescuras*" (sic). Brigavam muito e a mãe batia nas duas. Para **F** sua irmã tem gênio ruim; só pensa em si mesma e é o tipo da mãe, que acha suficiente dar coisas materiais para suas filhas.

Durante o período da doença da mãe **F** foi quem esteve perto e acompanhou todo o processo. A irmã, por sua vez, só se ocupou dela no final. **F** ressentia-se muito do fato da mãe não ter reconhecido sua dedicação por ela, só a da irmã.

O irmão, 14 anos mais novo, era muito revoltado, por ser muito preso pela mãe. **F** começou a se dar bem com ele há 2 meses, quando sentaram para conversar pela 1ª vez.

F era muito boa aluna — a mãe não precisava mandar fazer lição e ela não precisava estudar para fazer prova. Desde pequena tem medalhas de 1º lugar. Era muito faladeira na classe e briguenta. Conhecía e conversava com todo mundo, mas achava as meninas fofoqueiras, preferia os meninos.

Começou a trabalhar aos 14 anos e passou por vários empregos. Depois que a filha nasceu, parou de trabalhar.

Seu único namorado foi o marido. Namoraram 6 anos. Quando estavam noivos ela sentiu uma paixão súbita por ou-

tro rapaz e chegou a desmanchar o noivado, mas voltaram após 1 semana.

Namoravam em casa, quase não brigavam, conversavam e discutiam muito os assuntos.

Nos primeiros cinco anos de casamento, até comprarem sua própria casa, houve muita interferência da família, não faziam nada que queriam, não viviam a vida deles. Depois, também **F** não saía da casa de sua mãe e ela no começo interferiu muito na educação de **J**.

F ficou grávida depois de 2 anos. Aos 3 meses de gravidez o pai ficou viajando a trabalho por 6 meses. Voltava esporadicamente. Durante essa viagem ele conheceu uma psicóloga com a qual manteve contato às escondidas após ter voltado para casa, o que despertou ciúmes em **F**. Segundo ele era apenas amizade.

A gestação de **F** foi problemática, por isso decidiram não ter mais filhos. Ela teria que fazer tratamento para pressão alta e disritmia. Também teve problemas de coluna por causa da anestesia e tem medo de piorar com uma nova gravidez.

Os dois têm gênio forte, há muita discordância e, às vezes, brigas. **F** se ressentia muito da dedicação do marido ao trabalho, que considera exagerada. Sente-se muito só para lidar com os problemas da filha.

J interfere na vida sexual do casal. Percebe quando os pais vão ter relação de manhã, interrompe, bate na porta, olha pelo buraco da fechadura. Reclama que os pais estão juntos na cama abraçados, quer que fiquem com ela também.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

A concepção de **J** deu-se 2 anos após o casamento dos pais. Foi uma criança desejada, mas não havia preferência por um sexo.

A mãe enjoou nos primeiros 3 meses de gravidez e teve azia nos 2 últimos meses. Embora nunca tivesse tido problemas de pressão anteriormente, durante a gestação sua pressão subiu muito e não abaixava mesmo com medicação. Teve disritmia cardíaca e tomou medicação até o 5º mês. Engordou 17Kg sendo que 5Kg eram inchaço. Após a gravidez não teve mais problemas de pressão.

A situação do marido longe a deixava nervosa e preocupada — bateu o carro duas vezes nesse período. O marido, por sua vez, ligava sempre, inclusive para o médico, para acompanhar a gestação.

Foi feita cesariana pois a mãe não teve dilatação. Tampouco teve contrações. Foi para o hospital porque teve um corrimento e o médico preferiu fazer o parto porque o nenê já tinha passado da hora e evacuado. A mãe relata que estava muito tranqüila antes da cesária, não estava com agitação pré-parto — "*nem parecia que era comigo*" (sic). No entanto, tomou tranquilizante junto com a anestesia e durante todo o processo ficou meio adormecida. Embora quisesse ficar acordada, não conseguia. Depois que voltou para o quarto não conseguiu mais dormir, não dormiu o tempo todo que ficou no hospital.

Só soube depois do parto dos riscos que ela e **J** correram. Na época não sabia que era perigoso e o médico só

lhe contou depois para não assustá-la.

J nasceu com o cordão enrolado no pescoço e ficou um dia em observação após o parto, pois havia o risco de o líquido estar contaminado. Nasceu com 50cm e 3Kg e 550 gramas.

Durante os primeiros 15 dias, **J** não mamava direito. A mãe dava o peito a cada 3 horas, ela mamava 5 minutos e depois não queria mais e dormia. Ela também não aceitava a mamadeira que a mãe dava porque não tinha leite suficiente. Ela cuspiam e se a mãe insistisse vomitava. Também cuspiam o chá que a mãe oferecia. "*Ela não mamava, não chorava, só dormia*" (sic). Começou a tomar a mamadeira inteira quando a mãe começou a engrossar o leite com arrozina. Até os 5 anos ainda tomava mamadeira de manhã. Parou quando passou uns dias na casa da avó paterna, aonde tomava leite no copo. Ao voltar para casa a mãe não deu mais a mamadeira e ela aceitou, mas às vezes, fala que tem saudade.

J também não aceitou bem a papinha e os alimentos sólidos — cuspiam fora. Começou a comer sem ajuda por volta de 1 ano, mas a mãe até hoje, esporadicamente, dá na boca. É muito preguiçosa para comer e almoça e janta assistindo TV. Só almoça com os pais se quiser. Também só come o que quer, o que não quer não come. Ela é muito voluntariosa, teimosa e decidida, segundo os pais.

Quando começou a mamar direito passou a dormir muito pouco durante o dia. A mãe a carregava para todos os lugares. Não a deixava sozinha no berço com medo que ela se afogasse ou vomitasse. Alguém tinha que estar sempre ao seu lado porque chorava e fazia manha. A TV ficava sempre liga-

da para ela escutar o barulho, mesmo baixinho e que ela não olhasse. Até hoje é assim.

Dorme só, no seu quarto, a partir de 1 ano de idade. Fala um pouco dormindo. Há 2 anos atrás via monstros no seu quarto e só dormia se fosse no quarto dos pais. A mãe levou-a para benzer e depois disso não teve mais problemas. Até hoje nega-se a ir dormir antes dos pais. Fica dormindo na sala e só vai para sua cama quando eles também vão dormir.

Em relação ao desenvolvimento motor, **J** andou com 1 ano. Não engatinhou. Aos 6 meses andava no andador, mas como caía muito, a mãe tirou aos 7 meses.

A mãe já aos 7 meses a colocava no piniquinho, mas como era inverno ela não fazia nada, resolveu esperar o calor. Aos 9 meses, mais ou menos, deixava-a só de calcinha e a colocava no piniquinho a cada 3 horas. Deixava-a por 5 minutos e não fazia nada. Quando a tirava, ela fazia. Em um mês, aproximadamente, aprendeu a ir sozinha ou pedir. À noite já não fazia mais — a mãe colocava fralda, mas ela queria tirar.

J é canhota, começou a usar preferencialmente a mão esquerda aos 3 anos, aproximadamente. É uma criança ágil, tem bom ritmo, não é estabanada.

Começou a falar cedo, antes de começar a andar. A mãe conversava muito com ela, desde bebê.

Foi para a escola aos 5 anos para o Pré I. É uma criança atenta, tem boa memória, mas muito irrequieta. Não deixa a mãe ajudar nas lições. No geral é rápida nas suas atividades, mas atrasa a lição porque conversa muito.

É uma criança sociável, que tem facilidade para estabelecer contatos com outras crianças, embora ultimamente esteja muito briguenta. Brinca mais com crianças da sua idade ou mais velhas. É extrovertida, excitada, agressiva nas brigas e quando frustrada, atualmente, sai batendo o pé — antes era compreensiva. Nos últimos 3 meses tem manifestado vontade de ser nenê novamente, usar chupeta e falar como nenê.

Quando pequena tinha muita curiosidade sexual, pegava no pênis do pai, dava risada. Hoje, olha mas não comenta. Quer ter seios. O pai fala que estão namorando. Brincava com um menino de 10 anos — os pais não os deixavam mais ficar sozinhos. Fica excitada ao ver cenas na TV — os pais desligam. Não dão respostas diretas sobre essas questões, "*contornam a situação*" (sic).

Chupou chupeta até os 6 anos e parou sozinha.

Aumenta histórias, inventa fatos não ocorridos e tinha uma amiga imaginária dos 2 aos 4 anos de idade. Via monstros à noite e, até há pouco tempo atrás, só desenhava monstros e só usava cores fortes. Quando entrou na escola se espantou ao perceber que os desenhava, ao comparar seus desenhos com os das outras crianças.

As únicas moléstias de infância que teve foram uma bronqueolite e uma infecção intestinal leve. Fraturou o braço e cortou o queixo — era muito sapeca. Nessas ocasiões não chora nem fica nervosa. Quando não é sério, faz manha.

Teve sinusite e atualmente tem adenóides e rinite alérgica.

Tem uma grande afeição pelo pai e sempre que ele

se ausenta ficam preocupados que ela fique doente. Reclama que a mãe briga muito.

DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA PELO PAI

1º DESENHO

Estória:

São duas pessoas que se conheceram um dia, se encontraram uma com a outra em termos afetivos. Casaram e tiveram um filho e daí para a frente viveram felizes.

Título: Família Unida.

Inquérito:

P: - Como são as relações entre as pessoas?

B: - São amigas, não há um domínio agressivo de um para com os outros, respeitam uns aos outros e transmitem muito carinho para o filho. O filho também os respeita e de uma forma ingênua transmite para os pais o mesmo carinho.

2º DESENHO

Estória:

Uma família aonde desde o início existia muito diálogo, confiança, participação. Ele gostava muito de transmin

tir para os demais o seu dia-a-dia e também receber da mesma forma essa informação, solicitando opiniões e recebendo sugestões para melhorar o dia-a-dia da família, do seu trabalho, da criança. Assim, com uma ampla participação e entendimento continuariam sendo felizes para sempre.

O diálogo seria a sugestão para que o sorriso dos três continuasse.

Título: A União e a Comunicação.

3º DESENHO

Estória:

Uma família aonde uma pessoa tenta fazer o máximo que pode para alegrar a todos, mas consegue apenas entristecer um e dar felicidade temporária para o outro. Não sendo compreendido fica um pouco mais fechado e com isso não se sente totalmente feliz.

Título: A Incompreensão.

Inquérito:

P: - Quem não está bem?

B: - A mãe. Por mais que o pai tente agradar, não consegue totalmente. Os filhos, consegue agradar em parte. Agradar procurando entender a afeição dos filhos, mas não agrada porque não

consegue transmitir o agrado e o carinho que os filhos pedem.

Não consegue agradar porque ela não procura entendê-lo totalmente com a forma de ele ser. Ele também não se sente totalmente feliz com isto.

4º DESENHO

Estória:

Uma família que constituiu-se com o passar do tempo, duas pessoas se conheceram, foram se amando, passaram a ser duas pessoas unidas, um pouco antes de se casar tiveram uma discórdia, voltaram a se entender. Quando veio a filha, ela se reencontrou totalmente para dar maior assistência ao filho que veio. Com o passar do tempo a preocupação com o filho foi aumentando fazendo com que um se afastasse um pouco do outro. O filho foi crescendo e os pais, às vezes, discutindo, pensando no futuro do filho e esquecendo um pouco o dia-a-dia deles, gerando dúvidas e questões: será que o amor inicial ainda existe com a mesma força, será que a forma como estão vivendo é a correta para o filho, ou a situação financeira também atrapalha o relacionamento?. Porque o pai não tem aquela situação financeira totalmente estável

mas procura trabalhar para poder suprir todas as necessidades possíveis — a questão é se o trabalho excessivo é que atrapalha o relacionamento.

Título: Família Unida até Certo Ponto.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELA MAE**1º DESENHO****Estória:**

Composta de três pessoas: o marido, a mulher e uma filha. Eles se dão muito bem, existe muito carinho, muito amor, se entrosam muito bem, entre eles e com as pessoas de fora. Falta um pouquinho de diálogo, estão procurando se acertar. Com relação aos pai e à filha falta mais atenção, mais carinho — ele se preocupa com o bem-estar material e esquece de dar mais atenção, mais carinho. A filha adora o pai.

A mãe faz tudo na medida do possível e do impossível, procura dar tudo, ela ao mesmo tempo se revolta com algumas coisas. Enfim, nós estamos tentando nos entender melhor, procurando um motivo para viver melhor.

A mãe procura conversar bastante com **J** mas com meu marido quase não converso, porque ele só sabe falar do serviço e eu não aguento mais. Ele não pergunta nada sobre mim ou sobre **J**. Chega cansado, com sono e vai dormir. Se preocupa muito materialmente — dando dinheiro acha que é suficiente. Eu canso de falar, mas não adianta. **J** sente muita falta dele porque ele chega tarde e ela quase não o vê. Ela pede para a mãe telefonar para ver se o pai está no banco mesmo, se não aconteceu nada. Aí sossega e dorme.

Título: Família Unida que Irá Vencer os Obstáculos.

2º DESENHO**Comentários:**

Ela: - A mesma família. Eu gostaria de ter a mesma família que eu tenho.

Estória:

Esta família se dá muito bem, existe muito carinho, muito amor, são unidos, repartem todos os seus problemas, existe bastante diálogo, enfim, se dão bem em tudo, não existe problema nenhum nessa família. É difícil mas sabem resolver. A filha gosta muito dos pais, os pais muito dela, enfim é uma família feliz.

Título: Família Unida e Feliz.

3º DESENHO**Comentários:**

Ela: - E agora? Nenhum está bem.

Estória:

A pessoa que não está bem, eu sinto que sou eu. Não sei porque, acho que é muito nervosismo acumulado, veio a calhar tudo de uma vez. Sinto que eu estou com problema

... se sente até rejeitada pelo marido, pela filha, por todo mundo. A família não tá fazendo nada para tentar ajudar nessa situação, mas essa pessoa tem pensamento muito forte — ela mesma faz tudo para reagir, para superar todos os obstáculos, mesmo sem a ajuda de ninguém. Procura não transmitir para o resto da família muitas vezes ninguém sabe o que está se passando com essa pessoa. Mas mesmo com todos esses problemas procura sempre se dar bem com a família.

Não chega a transmitir tudo o que sente.

Título: Itai vencer com a ajuda de todos.

Inquérito:

P: - Que tipo de ajuda espera da família?

Ela: - Compreensão. Só uma palavrinha para eu poder falar do problema, a pessoa ouvir e me dar alguma coisa em troca.

Observação: Se emociona durante o relato.

4º DESENHO

Comentários:

Ela: - A minha família sai mais feia. Agora já falei tudo, vou repetir tudo.

Estória:

É composta de três pessoas: marido, mulher e uma filha. Há um ano atrás, mais ou menos, essa família se dava muito bem, não existia nada de errado. Enfim, havia muito diálogo, muito carinho, muito amor, tudo o que uma família necessita. De um ano para cá com sérios problemas de doença na família ela não chegou a desmoronar, houve seus atritos, agora estão meio balançados. Cada um está pensando uma coisa diferente, não tem mais aquela união que tinha há um ano atrás. Mesmo assim, ela está tentando colocar os pingos nos is.

Agora, minha baixinha, ela sempre procura ajudar e se preocupa quando a gente tem alguma coisa, seja doença, seja emocional — ela percebe, pergunta. Tem um gênio muito forte, pega as coisas no ar.

Desde quando minha mãe ficou doente, foi um ano e meio de luta. Todo aquele nervoso que eu guardei nesse um a no e meio está vindo tudo agora. Não sei, sinto que às vezes está acontecendo tudo isso por causa de mim mesma.

Acho que sempre foi assim, mas nunca percebi, agora que perdi minha mãe acho que acordei para esse ponto. Não sei porque estou carente, exigindo muito dele.

Título: Com G. J. e F. J.

3

1

2

DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA POR J

1º DESENHO

Estória:

Esta família era uma família da Cinderela. Ela nasceu como uma rainha como Bela Adormecida. O sonho dela era ser uma Cinderela e queria casar e ficar felizes para sempre.

Aí ela teve 20 anos e casou e ficou felizes para sempre.

Aí ela arrumou uma casinha e morou junto com o príncipe.

Foi passear e encontrou o príncipe indo embora. Passou de 30 anos e foi embora junto com o príncipe. O príncipe falou para ela voltar e cuidar do nenê. Aí ela voltou e o príncipe também e o nenê passou de 10 anos e realizou o sonho dela — casar e viver felizes para sempre como a mãe dela.

A menina da Cinderela casou e foi morar numa cabana. Aí o vento derrubou a cabana, aí ela foi para um prédio tão rico, não gostou, aí foi para uma casa super rica e ficou rica. Aí ganharam o nenê, tinha 1 mês, cresceu e ficou morando junto com a mãe. A mãe da Cinderela ficou pobre e foi morar com a mãe e com o pai. Passou 1 dia, ela ficou rica e viveram felizes para sempre todos. Ficou rica novamente porque tinha morado com a mãe e o pai que eram ricos.

Título: A Cinderela

2º DESENHO

Estória:

Queria ter dois irmãos para formar a família e que esses dois irmãos morassem juntos comigo. Chegou um dia que eles mudaram — foram para uma floresta perdida. Eu, minha mãe e meu pai ficamos tristes. Meu pai ficou à procura deles dois. Ficaram jogando pão para eles voltarem para casa. Aí chegou um dia que eles voltaram. Não tinha almoço, não tinha nada. Chegaram lá não encontraram eu, minha mãe e meu pai. Aí eles ficaram numa árvore perto da minha casa. Chegou um dia que eles ficaram lá esperando eu, meu pai, minha mãe. Aí eu, meu pai, minha mãe chegamos e eles entraram dentro da minha casa. Eu percebi que eles chegaram. Eu, meu pai, minha mãe ficamos contentes. Fomos para Santos, eles se perderam — eles ficaram dentro da água. Eu, meu pai, minha mãe voltamos para minha casa de Santos. Aí chegamos lá na minha casa — não encontrei meu irmão, nem minha irmã. Aí fomos procurar eles. A gente encontrou — uma estava brincando de areia e o outro estava no mar. Aí levamos eles para casa. Fomos embora. Chegamos lá na minha casa, eles correram, um pegou a motinho e a outra pegou a bicicleta. Aí eles andaram pelo quarteirão e eu fiquei olhando eles. Aí uma foi para o paralelepípedo, o outro foi por um caminho cheio de carros. Chegou lá, eu não sabia se ia com meu irmão ou com minha irmã. Aí, depois, ele foi com um colega dele na casa do colega e o cachorro mordeu ele. Aí chegou na minha casa, eu e minha mãe ficamos procurando minha irmã

e depois a gente achamo — ela levou um cachorro para a casa pro meu tio. Chegou lá o meu tio tava na cama e minha tia tava lá fora. A menina, minha irmã, e eu e minha mãe levamos o cachorro para a casa da minha tia. Aí...

P: - Como acaba a estória?

A minha prima aceitou aquele cachorro — aí minha tia não aceitou e meu tio aceitou. Tiraram par ou ímpar e quem ganhou foi minha prima e meu tio. Depois a minha prima ficou com o cachorro e minha outra prima ficou com um gato. Depois o cachorro empurrou minha prima e o gato arranhou minha outra prima. Aí depois chegou um dia que a minha prima não gostou de nada. Depois ela chorou e ficou triste e o pai dela brigou com ela. Chegou o fim que minha prima ficou com aquele cachorro e eu chorei por aquele cachorro e minha irmã também e meu pai brigou. Aí eu fui procurar minha tia e pedi de novo o cachorro. A minha tia não quis dar — eu chorei. Aí minha mãe brigou comigo e meu pai também. Depois eu fui de novo lá na casa da minha tia, pedi para minha prima me emprestar o cachorro. A minha prima emprestou. Aí depois eu fiquei com ele e meu pai brigou.

Título: O Pai Brigão.

3º DESENHO

Comentários:

Ela: - A mãe que tá doente.

Estória:

Esta família tinha uma mãe doente — um chorava pa ra cá e outro chorava para lá. Chegou nesse dia que eles choraram, a mãe tava dormindo e o pai e a filha só ficavam chorando na casa. Depois chegou o dia em que a mãe saiu do hospital. Este dia a mãe tava grávida, então levaram de novo para o hospital. Chegou nesse dia quando a mãe foi operada, o pai conversou com o médico e depois o médico falou assim — ela teve uma linda filha. A menina gritou: Oba, te nho uma irmãzinha! Depois chegou um dia que a mamãe comprou lápis de cor que só tinha um lápis. A mamãe comprou um estojo e a irmãzinha estragou tudo. Depois a irmã foi lá, che gou lá, a irmãzinha viu lápis de cor no chão, outro no sofá e outro no chão e outro embaixo do tapete. Depois ela juntou todos os lápis, depois deu todos para sua irmã. Como ela ficou feliz, depois falou a irmãzinha, não seria incômodo. Obrigada, irmã. Depois falou o pai: - O que filha que cê tá tão feliz? A menina falou: - Nossa pai, a irmãzinha achou todos os meus lápis. A mãe chegou lá, entrou na casa e deu um grito. Viu um rato no chão. Chamou o pai e chamou a filha e chamou a nenê. O pai pegou ratoeira, a mãe gri tou. A filha também gritou. Aí chegou naquele dia que o pai comprou um gato — chamava Léct. O Léct era um gato muito safado — era de computador. Ele foi embora, já tava cansado, não tinha rato nem nada. A mãe gritou. A filha riu. A nenê chorou.

Título: A mãe teve um nenê.

Inquérito:.

P: - Como acaba a estória?

Aí chegou o dia em que o gato voltou e a mãe e o pai ficaram felizes e a filha também.

P: - Qual era a doença da mãe?

Ela: - A doença da mãe era o nenê.

4º DESENHO**Estória:**

Eu fui para uma casa que a minha mãe foi operada. Cheguei lá minha prima riu da cara. Aí eu fui brincar, minha prima pegou o jogo. Eu e ela brincamos. Chegou meu primo e minha prima, eles também brincaram. Aí, ela, a Tati também brincou. Os dois irmãos gêmeos também. Depois a minha prima guardou o jogo porque chegou mais gente. Depois ela continuou brincando. Quando acabou o jogo todo mundo queria brincar. Ela guardou, todo mundo foi embora, ela pegou de novo e eu e minha mãe e meu pai fomos para casa. Cheguei lá, eu tava brincando e meu pai e minha mãe obrigou eu guardar e eu não quis. Depois, eu, meu pai e minha mãe dormimos. Fui para a escola, cheguei lá tava uma fila. A minha

colega falou: - Nossa J. como você tá com o cabelo. Nada te interessa, o seu também tá assim. Aí depois eu falei: - Nossa, o meu cabelo tá com sabonete.

Título: A Família da J.

金
銀
銅

3

金
銀
銅

2

1

金
銀
銅

金
銀
銅

4.2. SÍNTESE

Ao relatar os acontecimentos de sua vida, F (mãe de J) revela sentimentos de solidão e falta de amor, considera-se preferida, principalmente pela mãe e vê o pai como uma figura distante, com a responsabilidade dos cuidados materiais. Com sua irmã mais velha, o contato parecia difícil, talvez pela influência de sentimentos de ciúme, hostilidade presentes na relação, ao contrário com o mais novo, pode haver mais troca e pode até ter carinho por ele. Sua vida de relações que parece ter sido mais recheada de desencontros e falhas, pode ter gerado muito ódio mais dirigido à mãe (seu objeto de amor). Demonstra, no entanto, negar esses sentimentos pois, no momento em que sua mãe adoece, larga tudo para cuidar dela, como se ela ainda fosse o centro de seu universo, talvez numa forma de compensar possíveis sentimentos de culpa pelos impulsos destrutivos em relação à figura materna. Embora com essa atitude demonstre à mãe o que ela deveria ter dado a ela, sua filha — atenção e amor — separa-se de sua filha J, repetindo a própria história da filha abandonada, o que causa um distanciamento entre ela e J, que pode estar justificando as situações ambivalentes que ela relata no desenvolvimento de sua filha — é precoce em alguns aquisições e comporta-se como nenê em alguns momentos (um eu onipotente e impotente — ambivalência).

Apresenta-se uma mãe de julgamento precário, quando não se consegue posicionar como mãe, como esposa den

tro de sua família. Reclama atenção de forma infantil, como se não pudesse compreender as necessidades reais que a vida traz, como por exemplo as ausências de seu marido em virtude de seu trabalho. Coloca-se na relação familiar de maneira passiva, carregada de insatisfações, sentindo-se lesada e prejudicada como nos velhos tempos. Isso tudo parece atrapalhar seus vínculos atuais com seu marido e sua filha.

F, dentro dessa concepção de que numa família, o pai é o provedor e a mãe é a educadora, repete essas funções em sua vida atual: não cria um novo sistema de relações, talvez porque encontre na repetição a chance de "lamentar" e mostrar seu "sofrimento". Desta forma revela seus traços de imaturidade; não propondo alternativas, submete-se à vida como se ainda fosse criança, como se não tivesse desenvolvido recursos próprios.

B (o pai), em contrapartida, traz uma concepção semelhante de família, onde ao pai cabe o sustento, o trabalho e à mãe, a educação, e é assim que se coloca em sua família atual — encarrega-se das provisões. Talvez pudesse colaborar e estar próximo da esposa e da filha, mostrar-se sensível, se acreditasse que na vida acumulou experiências e tem o que oferecer. Ao contrário, coloca-se como alguém incapaz de qualquer contribuição, como seu próprio pai, ao nível das relações humanas. Posiciona-se como um marido e um pai distante, talvez até "perigoso", que pode fazer o mal (teme machucar sua filha quando se aproxima (sic), como se seus impulsos amorosos (talvez impulsos

incestuosos) ou seus impulsos destrutivos pudessem atacá-las.

Revelam-se pais imaturos, que em sua família atual, revivem suas histórias de abandono, levando a filha por vezes, a se sentir só e impulsionada a desenvolver sentimentos de onipotência. Ainda assim, o pai parece, ainda que não se revele na prática, mais capaz de ligações, pois com seu trabalho que o leva a ausentar-se temporariamente, do lar (como um pai que bebe), leva J a adoecer. Este fato poderia demonstrar como J não se sente contida pela mãe.

Dentro desse jogo de relações e emoções J, desde o seu nascimento e pelas suas reações iniciais (cordão enrolado, sono excessivo), vem mostrando suas tendências a manter-se numa ligação fusionada com a mãe (como se ainda estivesse no útero) negando onipotentemente suas necessidades de alimentar-se (não busca o seio) e sua separação do corpo da mãe. Essa situação levou à impossibilidade de amamentação, provavelmente confirmou fantasias da mãe de que seu leite não era bom, de que os recursos para cuidar do seu bebê eram escassos, levando-a a sentimentos de insuficiência de ser mãe. Isso parece ter sido muito forte, pois desiste de ter outros filhos, como se não confiasse que tem um seio bom internalizado, e que pode dar para um filho. Ao fato de não amamentar J, **acresceram-se** a ausência do marido na gestação e as dificuldades no parto.

Dentro dessa visão de que J não deseja separar-se da mãe, ao deparar-se com a realidade de que a mãe é um objeto separado dela, que a alimenta ou a deixa, escraviza a mãe com seus ritos alimentares, mantém a mãe preocupada com suas dificuldades escolares, com suas dores de cabeça, suas atitudes agressivas. J parece manter em torno do alimento, um acordo de manutenção do estado de bebê — dependência oral passiva na relação com a mãe. Com sua inapetência, J mantém o pai, mais a mãe, à mercê dos seus caprichos e desejos de atenção e exclusividade.

Demonstra também, possivelmente pela falta de experiência com o seio e por suas tendências impulsivas, uma dificuldade de resistir à frustração (sai, bate o pé).

A relação entre os pais parece despertar em J muitos ciúmes e consequentes sentimentos de inveja e raiva, por se sentir nesse momento excluída, por isso tenta interromper (bate na porta). É possível que os desejos pelo pai colaborem ainda mais para o incremento dos atritos na relação de J com a mãe.

J mostra que diante da impossibilidade de concretizar seus desejos de ter todos os objetos só para ela — "*fome de objetos*" — (a mãe e o pai), sente-se rejeitada, abandonada e tende a uma saída na fantasia — não precisa de ninguém, nem de comer e tende ao retraimento. Revela seus vínculos frágeis, inconsistentes, pais desprendidos dos filhos, em suas projeções de família. Seu tema é

a solidão, e se defende do sofrimento que ela causa, criando ilusões, distorcendo a realidade.

Parece identificar-se com alguém com grande potencial destrutivo, um bebê poderoso, onipotente, que vem para arrasar. Assim, parece demonstrar sua dificuldade em superar a fase narcisista primária, o que a impede de receber informações da realidade sobre os limites do próprio eu.

Esses dados se confirmam na própria forma ilimitada de expressar-se oralmente: se não se coloca limites, suas histórias não se acabam, emendam-se umas às outras, sem considerar a realidade, que tem uma proposta definida. J parte para a confabulação, que garante mantê-la no centro das atenções, por tempo ilimitado, ao mesmo tempo que a afasta de possíveis angústias que o próprio tema a família desperta.

Talvez permaneçam em J fantasias a respeito de sua separação da mãe (o nascimento, o desmame) que contém a idéia de que ela não conquistou a mãe, que ela não vale a pena, sente-se um nenê "*estragado*" e que faz mal, assusta a mãe.

J não traz uma noção nítida de família e, quando se refere ao tema, apresenta uma família vazia de afetos, cujas figuras parentais atuam regras.

A família tem em comum sentimentos de insatisfação, insegurança e imaturidade. Todos revelam sinais de solidão e sofrimento, mas não podem ajudar-se, ou se ligam excessivamente e se confundem (mãe-filha) ou se afastam (pai), e se colocam passivamente. Todos, cada um à sua maneira, evitam confrontar-se e aos outros.

O casal parece ter muitos conflitos e queixas um do outro, que evitam expressar tomando como foco de atenção a própria filha, que como expressão das projeções dos pais, nem é percebida em suas necessidades, o que a leva a sentir-se só e desamparada, à mercê de ansiedades e sentimentos de abandono.

Os pais colocam-se assim, distantes de J, não a compreendem e, por vezes é até ela que os compreende e os ajuda, criando às vezes confusão de papeis entre ela e a mãe, o que dificulta a ambas depararem-se com a própria realidade — de filha e de mãe, ambos papéis solitários.

A saída parece ser fundir-se. Assim protelam o confronto com os próprios conflitos e solidão e não evoluem, mantêm-se num estado regredido de funcionamento. Nessa relação familiar, que gira em torno do eixo mãe-filha, ao pai não é atribuído nenhum papel afetivo, só o de provedor, o que também o deixa sozinho e impotente; talvez por isso mantenha um trabalho que o afaste de casa — é o distanciamento dessas angústias.

CASO 5**5.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** C**IDADE:** 7 anos**NASCIMENTO:** Julho/83**SEXO:** Feminino**ESCOLARIDADE:** 1ª série**PAI:** K**IDADE:** 39 anos**ESCOLARIDADE:** Ginásio Completo**PROFISSÃO:** Supervisor de produção**MÃE:** B**IDADE:** 38 anos**ESCOLARIDADE:** Superior**PROFISSÃO:** Professora de Pré

APRESENTAÇÃO

C foi trazida pelos pais por apresentar lentidão na escola e dificuldade de acompanhar.

Além disso, é uma criança de difícil adaptação. Inicialmente passou por uma escola dos 6 meses aos 4 anos e 6 meses, aonde não teve problemas por estar junto dos irmãos mais velhos. Ficava meio período na escola e meio período com a avó. Depois passou por outras duas escolas, sem os irmãos, aonde, segundo as professoras, se isolava, era muito quieta e chorava muito. Ficou alguns meses em casa, meio período com a mãe e meio período com a avó materna. Entrou no Pré I na escola em que estuda atualmente mas não se deu bem com a professora. No Pré II tinha um ritmo mais lento do que as outras crianças. A mãe acha que **C** não deveria ter ido para a 1ª série, em função do seu nível de desenvolvimento. Segundo a professora da 1ª série ela é muito quieta, não se manifesta no grupo e se distrai, acabando por não acompanhar a classe. No fim da aula aproxima-se da professora e conversa bastante.

Em casa, **C** fala e briga bastante, enfrenta os irmãos e os pais. Não admite que chamem sua atenção e não se sujeita a ser mandada. Quer fazer as coisas da sua cabeça, sem interferência. Quando há interferência ela "empaca" (sic), responde, contesta. É teimosa, manhosa, chora. Ao mesmo tempo é amorosa, esforçada, quer ajudar nas tarefas caseiras.

A mãe, às vezes, perde a paciência com os três. Grita, às vezes bate, se descontrola. Se considera exigente

demaís e acha que grande parte dos problemas é devido à sua ausência — ela dá aula para Pré. Gosta do seu trabalho, para ela é um descanso.

O pai é mais distante, chega tarde do trabalho. É supervisor de produção na área de metalurgia. Trabalha longe de casa. É mais quieto, mais reservado. Dificilmente vai ao clube com as crianças. Aos sábados prefere ficar mexendo com suas ferramentas, consertando coisas.

GENOGRAMA TRIGERACIONAL FAMILIAR

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE C (K)

K é filho de pais alemães, que vieram em 1951 para o Brasil, fugidos da Alemanha por causa da guerra. Vieram a convite de uma tia — tinham a intenção de montar uma gráfica. Não deu certo, porque entraram em atrito com os tios. A mãe ficou mais de 15 anos sem falar com essa tia. Ela era divorciada e K tem uma irmã do 1º casamento de sua mãe. A mãe já veio grávida e aqui teve gêmeos — K e sua irmã.

O começo no Brasil foi difícil — o pai trabalhava como gráfico e a mãe como secretária. Os irmãos ficavam sozinhos em casa quase o dia inteiro.

A mãe de K é uma pessoa vaidosa, conservadora, materialista e muito autoritária, segundo K. Ela é super exigente, seus valores são os certos, não muda de opinião, é metódica, quer as coisas do seu jeito, tudo certinho, no lugar. Fala as coisas sem rodeios.

O pai é "cuca-fresca" (sic). É amigável, conversa, "pode cair o mundo que ele não se abala" (sic).

A mãe é quem manda na casa, até hoje. Os filhos tinham mais contato com ela porque o pai saía cedo e chegava tarde, mas a ligação afetiva maior era com ele. A relação com a mãe era levantar cedo, trabalhar, ajudar na casa, deixar tudo em ordem, nada fora do lugar. Cada um fazia suas tarefas.

K brigava muito com a irmã quando era pequeno, mas hoje são muito unidos.

Na escola **K** era levado, brigava muito, era o defensor dos oprimidos. Não aceitava que as pessoas agissem de má fé. Comprava briga, defendia os amigos. Como aluno era médio. Se rebelava contra o procedimento das professoras (puxão de orelhas, chapéu de burro), foi suspenso várias vezes. Em casa também, rebelava-se contra a mãe. Não tinha muitas amizades porque a mãe não queria que se misturassem. Ela não deixava trazer amigos para casa. **K** e a irmã escapavam, pulavam o muro, iam na casa dos vizinhos brincar com as crianças da sua idade.

Começou a trabalhar com 17 anos numa gráfica com o pai. Depois de 6 anos foi trabalhar como aprendiz numa metalúrgica que é o que gosta. Trabalhou 7 anos na Bosh. Conheceu sua esposa aos 18, 19 anos. Quando começaram a namorar surgiram os problemas porque a mãe queria que ele casasse com uma alemã. Namoraram 6 meses. **K** foi para a Alemanha por 8 meses fazer um estágio pela firma. Voltou a namorar com **B** depois de 3 anos, escondido da mãe. Namoravam, brigavam, voltavam... Quem resolveu casar foi ela — *"ela que convidou"* (sic). Marcaram a data. Só contaram para a mãe quando faltava um mês para o casamento — *"caiu o mundo em cima de lá"* (sic). Depois ela foi aceitando. Casaram em março de 1978.

Tinha poucos amigos — *"uma meia dúzia"* (sic), que tem até hoje, embora não se encontrem com frequência. Só faz amizade com uma pessoa depois de a conhecer realmente. Enquanto isso fica observando para ver se a pessoa serve ou não.

Também não era muito de namorar. Sua única paixão foi a mulher

MAE DE C (B)

B vem de uma família grande de lavradores. A mãe é filha de italianos e o pai espanhol. Ele era apegado à terra e ela queria mudar de vida. **B** foi a sétima de oito filhos, sendo que dois já tinham morrido.

Quando **B** tinha 6 anos, a família mudou-se para uma cidade do interior de São Paulo por um ano. O pai queria voltar para a roça no Paraná, mas a mãe negou-se, quis vir para São Paulo. Foi uma época difícil, porque os irmãos estavam na idade do serviço militar e não podiam trabalhar, só fazer bicos. Os mais novos estudavam e o pai trabalhava como guarda num depósito de construção. A mãe é quem mais incentivava os filhos para que estudassem para ter uma situação melhor. Queria que as duas filhas menores comesçassem a trabalhar aos 13, 14 anos, mas os irmãos mais velhos queriam que elas estudassem. Eles as protegiam. Cada uma tinha um "protetor" (sic). Graças a eles, elas podiam ficar com o dinheiro que ganhavam para gastar e ambas conseguiram ter formação universitária. **B** fez normal, especialização em pré-escola e jornalismo para estar junto com a irmã mais nova. Segundo ela, perdeu 4 anos de sua vida.

O pai era mais sossegado, mais acomodado — "o que é nasce feito" (sic), nunca impôs nada. Era animador de bailes no interior, tocava sanfona. Foi trabalhar 2 anos no interior no IBC, mas a mãe bateu o pé, ficou em São Paulo. Ela era mais controladora, mais preocupada, achava que tinham que se esforçar, queria muito que progredissem. Ela recebia o dinheiro dos filhos, controlava a educação e era a

dona da casa.

Foram criados numa relação de obediência, não gritavam uns com os outros, mas podiam discordar. Quando se reuniam conversavam, brincavam, contavam piadas, era uma bagunça.

B tinha mais atritos com a mãe, mas hoje, após ter filhos, dá razão em muitas coisas a ela.

Na escola, embora tivesse repetido a 2ª série, sempre foi boa aluna, caprichosa, gostava muito de ler, não dava trabalho.

Durante a infância brincava muito na rua, estudava e ajudava em casa.

Quando adolescente, sempre teve grupos de amigos. Falava muito, quando defende uma idéia, acaba fazendo prevalecer seu ponto de vista, o outro não a convence facilmente. Considera muitos dos atritos do casal devido a esse fato. Ia muito em grupo a teatro, cinema, exposições.

Nunca foi de namorar muito. Eram amores mais platônicos, era tímida, não tinha coragem de chegar perto, se considerava burra, achava que não teria o que conversar. Além de **K** teve apenas dois namorados.

Namorou 6 meses com **K**, ficou 5, 6 anos separada, voltou e namorou 3 anos antes de casar. Encostou-o na parede porque a irmã já tinha casado e a mãe começou a pressionar. Marcaram a data e ela não sabia que a mãe dele não sabia. Demorou muito tempo após o casamento para adaptar-se, sentia-se muito inibida em relação à sogra.

O casamento tem muitos altos e baixos, já tiveram brigas muito sérias. O que a aproximou dele foi o fato de

ele ser uma pessoa justa, muito amiga, apesar de seu jeito quieto. Os pontos de divergência são devidos a modos de pensar diferentes — cada um tem o seu e não abre mão. Ela é mais intransigente, não dá o braço a torcer. Segundo ela, ela é chata, emburra, faz bico. Segundo ele, ela já chega brava em casa e mesmo que saiba que está errada, não admite. Tem um grande domínio sobre as pessoas, poder de conquistá-las, mas não se pode pisar nos seus calos. Sempre é ela quem dá o primeiro passo para a reconciliação.

Sexualmente entendem-se muito bem, *"às vezes mais do que na vida real"* (sic).

Nunca evitou filhos. Engravidou depois de um ano de casada, perdeu o 1º filho e só engravidou novamente um ano depois. Foi uma gestação tranqüila, sem problemas. Trabalhava período integral. Quando a 1ª filha estava com 9 meses engravidou novamente. Foi uma gravidez menos tranqüila, com mais preocupações: a idéia de ter 2 nenês para cuidar, trabalhando e com uma situação econômica difícil. Depois de 9 meses do nascimento do 2º filho engravidou novamente. Ficou desesperada, trabalhava exageradamente para fugir das preocupações — outra criança pequena para cuidar tendo que trabalhar. Queria que a criança ficasse na barriga, o nascimento seria um problema — o que fazer com aquela criança? Perdia peso ao invés de ganhar, durante a gravidez. Após o nascimento de **C** operou. Até gostaria de ter uma família grande, mas não tem condições econômicas.

K, apesar de as crianças não obedecerem aos pais, está satisfeito. Ele é mais como o pai de **B**: *"o que é nasce feito"* (sic).

B é mais ansiosa, fica aflita e preocupada. Às vezes não aceita coisas nas crianças, que são próprias delas porque gostaria que fossem diferentes. Por exemplo, às vezes se pega com a filha mais velha por coisas em que a filha é parecida com a sogra.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

A mãe de **C** passou a gravidez muito preocupada, nervosa e irritada. Enjoou até o 3º mês, vomitou até o 3º, 4º mês e teve azia até o dia em que foi para o hospital. **C** nasceu de cesariana pois a mãe não teve contrações, nem dilatação. Nasceu com 4Kg e 50 gramas e 54cm. A grande frustração da mãe foi nunca ter tido leite para amamentar.

Os primeiros dias alternou o peito com a mamadeira, mas já aos 7 dias não tinha mais leite. **C** aceitou bem a mamadeira, sempre estava com o peso acima da média. Tinha vômitos quando estava mamando e alguém falava perto dela. Aceitou bem os alimentos sólidos também. Come muito e escondido, principalmente coisas que engordam. Sempre foi grandona e a família tem que controlar sua alimentação, senão engorda. O pai é muito preocupado com os modos à mesa e pega muito no pé das crianças.

Quando bebê dormia só, hoje quer disputar com a irmã para dormir sozinha. Acorda durante a noite e vai para a cama dos pais. Eles a mandam de volta e ela vai. Depois que

o pai sai de manhã, volta para a cama da mãe.

Era um bebê irrequieto e muito pesado. Andou sozinha com 1 ano e 2 meses aproximadamente, e caía com frequência.

Demorou para tirar as fraldas à noite. Até 4, 5 anos ela fazia xixi na cama — tirava a fralda porque incomodava.

C tem muita disposição e resistência física para correr e pular, mas não é uma criança muito ágil. Esbarra nas coisas, deixa-as cair com frequência e também não tem habilidade para lidar com objetos pequenos, tem a mão pesada.

Até os 3, 4 anos falava como um bebê de 2 anos, mais ou menos. Pronunciava as palavras errado e falava com a língua presa — como era um bebê gordinho, bonitinho, a família achava bonitinho e a estimulava a repetir. Ainda hoje fala com erros (ex: tavo em vez de estava). Já passou por fonoaudióloga e não tem nada.

Está na 1ª série mas ainda não está bem alfabetizada. Tem dificuldade para decodificar as letras. Lê apenas palavras fáceis. Diante das dificuldades, não persiste, não tenta. Não consegue construir frases. Está atrasada em relação aos colegas, estaria avançada para o Pré II. Fora isso, é muito observadora, tem raciocínio rápido. Faz as lições espontaneamente, sem ajuda. Tem melhor concentração quando está só, os irmãos a distraem. É irrequieten, enrolada para fazer as coisas, mas tem boa memória e iniciativa.

É uma criança sociável, brinca com os primos e vizinhos e, preferencialmente, com uma prima mais velha. Nas

brigas chora, bate, enfrenta, faz manha. Com os adultos que conhece "*gruda*" (sic), faz carinho.

É uma criança muito curiosa, mexe em tudo, não pára, é geniosa. Vai atrás de pessoas estranhas, conversa, entra na casa delas. No começo estranha as pessoas, mas logo se entrosa e desliga-se dos pais. É muito suscetível a críticas, gosta de ser elogiada, ser o centro das atenções. Quando frustrada, é teimosa, birrenta, responde, chora, provoca até tirar o outro do sério, não admite que errou, coloca a culpa nos outros.

Às vezes regrida e fala como bebê.

Chupou chupeta até 1 ano e meio, 2 anos. O pai jogou no lixo a dela e a do irmão porque se encheu. Rói unhas e lápis. Perde muito as coisas (material escolar).

Conversa muito sozinha, mistura fatos imaginários com fatos ocorridos, geralmente quando está envolvida em alguma confusão, quando fez alguma travessura. Mente em situações que vão prejudicá-la, põe a culpa nos outros (ex: se pegou coisas dos outros). Vive situações de faz-de-conta.

As únicas moléstias que teve foram catapora e início de desidratação. Os pais tratam com homeopatia. Teve rinite alérgica até os 6 anos, há 2 anos não tem mais.

Usa óculos para astigmatismo.

É independente na realização de hábitos de rotina, mas veste a calça e a blusa de trás para frente, por exemplo.

Vai à escola à tarde e brinca de manhã, após a lição, ou à noite. Faz natação, mas não tem se interessado, embora já esteja nadando bem. Reclama que os irmãos tem

mais atividades fora da escola do que ela. Cobra da mãe o fato de ela ter esquecido da ginástica olímpica oferecida pela escola. Gostaria de voltar a fazer ballet.

Conforme a situação se dá melhor com o irmão ou com a irmã. Para comer, pular e fazer bagunça é com o irmão. Gosta que a mãe a paparique, faz gracinhas, penteia o cabelo do pai, faz massagem nele. É muito ligada à avó e ao tio materno.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELO PAI**1º DESENHO****Comentários:**

Ele: - É uma penitência, não sei desenhar.

Estória:

Minha família é constituída de cinco pessoas: duas meninas, um menino, minha esposa e eu. Gosto muito deles, apesar de não ter muito tempo devido ao trabalho, mas quando posso, saio com a família para passear. Sou muito exigente nas coisas, gosto que participem, que ajudem a mãe, o pai, que sejam organizados, não deixem as coisas jogadas. Nem sempre é assim, procuro conversar, orientar, brinco com eles.

Título: A Minha Família.

2º DESENHO**Comentários:**

Ele: - É impossível, já desenhei. Não existe o que eu gostaria porque já tenho a minha. A estória é a mesma.

3º DESENHO**Estória:**

Quero que através desse contato com você seja solucionado o problema que tem com ela. Se puder, a curto prazo e que possamos continuar essa vida. Que eu e minha mulher não sejamos prejudicados e não prejudique a menina. A gente nunca sabe o que pode acontecer mais tarde e o que se passa na cabeça do ser humano. A gente vê muitos problemas — crianças usando drogas, recebem boa educação e estão nessa vida, perdidos. Será que estamos educando certo essa menina? Futuramente não sei o que vai acontecer. A gente não sabe o que se passa na cabeça dos filhos, não é uma coisa mecânica, o ser humano é diferente.

Título: Não sei.

4º DESENHO**Comentários:**

Ele: - Não vou fazer, não gosto de fazer as coisas de improviso, penso, medito muito antes de fazer qualquer coisa. Se pudesse levar e fazer em casa eu faria.

3

1

DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA PELA MAE

1º DESENHO

Comentários:

Ela: - Tomei como experiência minha família.

Uma coisa que eu queria fazer bastante —
faço tão pouco.

Estória:

A família saiu para passear num lugar super gostoso, todo mundo brincou, se divertiu num dos raros momentos de lazer. Saiu para passear e para fugir um pouco da rotina, sem cobrança, sem horário. Esta família está feliz, num momento feliz, gostoso, num gramado verde. Depois voltam para casa, é a mesma rotina, sessão cobrança, rotina do dia-a-dia.

Título: Um Dia Gostoso, Um Dia Diferente.

2º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Acho que essa mesma. Uma roda.

Estória:

E me sinto angustiada com a rotina do dia-a-dia, do corre-corre. Um dos fatores que me deixa mais nervosa é ficar presa no corre-corre. Estão soltos num lugar, sem estar presos num lugar. Sua vida se resume a cuidar das crianças, cuidar da casa, ir para o serviço. Segunda, terça, quarta é a mesma coisa, no sábado você está tão cansada que não tem... Se você tivesse outro ritmo de vida, você entraria na bagunça com eles, mas você está cansada. Vou fazer as coisas, não me contento em fazer por cima, quero fazer direito. Fim-de-semana quero passear, às vezes nem tenho pi que ou as coisas estão acumuladas. Domingo à tarde você quer sentar e a criançada quer agitar, bagunçar. Você não consegue se libertar da rotina nem no fim-de-semana.

Título: Brincadeiras, Lazer, Jogos.

3º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Uma só?

Estória:

Esta é uma família aonde às vezes acontece muita coisa que as crianças não entendem. O casal ainda não encontrou a medida certa das coisas. Para as crianças fica meio confusa. Determinados comportamentos, determinadas normas, a criança não entende o porquê. Tem coisas que são fundamentais para mim. Por exemplo: o modo de se comportar na mesa, organizar a sala, às vezes se perde refeição por briga, por modo de comer, são pontos de vista enraizados na pessoa — para ele é fundamental, para mim não tanto — queria que ele fosse mais aberto com as crianças, não tão reservado, mas é o jeito dele. Vida a dois é complicado, jeitos diferentes de ser, pensar e se comportar — tem um reflexo nas crianças, elas sentem. O modo de pensar se reflete nos comportamentos, tem coisas mais sutis, outras são escancaradas. O filho fala: - No fim-de-semana vamos comer com o pai, vai dar briga. Se ganham coisas é para brincar, mexer. Ele implica porque já está quebrando, estragando. As crianças percebem, o ambiente fica carregado, as crianças são mais sensíveis para ver tudo isso.

Título: O Que Fazer?

4º DESENHO

Comentários:

Ela: - Já tá tudo aí. O momento mais drástico lá de casa. O manda-chuva tá sempre brigando, fico muda só para não contestar.

A **C** que derruba o copo, dá confusão na mesa, tá com a mão no ouvido, reclamando, chorando. Talheres faz questão. Eu não dou valor. Na minha educação não tinha tanta rigidez no uso dos talheres. Na educação do **K** teve tanto isso, ele reclamou tanto e faz igual.

Tem coisa que ele é exatamente como a mãe — ele não suportava que a mãe fizesse, mas faz igual e cobra igual dos filhos.

Estória:

Dois momentos diferentes. Um em que está todo mundo junto. As crianças buscam ele para brincar mesmo com toda rigidez dele. A **D** adora ele, ela também é muito prática, muito realista demais, racional demais. É dela, pode até dar uma lapidada. Por outro lado gosta tanto de carinho.

A hora em que está todo mundo na sala, faz bagunça todo mundo junto, momento gostoso, todo mundo numa boa.

Esse é o momento chato — momento da refeição, das cobranças — bem mais nítido é na refeição. Uma vez fiz gre

ve — não como mais com vocês.

Título: Qualquer coisa menos agradável — Tortura
Estomacal. Dois Momentos Muito Distintos,
Muito Diferentes.

MOHNTU
GOSTO

3

2

1

DESENHO DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA POR C**1º DESENHO****Estória:**

É minha mesma. Minha mãe, meu pai, eu, minha irmã, meu irmão.

Acho que você não vai gostar muito, meu pai é muito briguento, você sabe como é alemão — não gosta de brincadeira. Agora, brasileiro gosta — é que nem minha tia, não gosta de criança igual meu pai (tia **A**).

Eu e minha prima somos iguais — a do meio — por causa do signo (Leão), briguentas. Minha irmã fala que somos do mesmo sangue, doce, azedo, salgado. A gente chupa sangue. Só porque somos do mesmo signo. Tem vezes que sou igual minha prima.

Título: A Família.

Inquérito:

P: - Sua irmã é diferente.

Ela: - É, ela é outro signo.

P: - Como ela é?

Ela: - Ela é chata, parece gata, arranha todo mundo quando ela tá brava. Só que ela é mais

velha, meu irmão é do meio e eu sou mais nova. Meu irmão é a mesma coisa da minha irmã, só que ele não arranha, ele bate. Ele é chato, ele briga, só que ele bate sem arranhar.

Eu, contando com minha mãe, ganha as mulheres, sem ela também.

P: - Sua tia não gosta de criança?

Ela: - Só quem gosta de criança é meu tio. Minha mãe gosta, meu tio gosta e meu outro tio também. Meu avô também. Eu tenho tantos tios que não dá para contar. Tem um que morreu, eu nem conheci.

P: - Por que ela não gosta de criança?

Ela: - Não sei, ela só vive brigando, mesmo se eles não fazem nada.

P: - Seu pai é assim também?

Ela: - Meu pai é. Minha mãe gosta de criança. Só meu pai e minha tia que não.

2º DESENHO**Estória:**

Meu outro tio, irmão da minha mãe, ele vive sozinho com o cachorro dele, porque os filhos têm que ir para a escola cedo. Os filhos moram em outra casa porque já são grandes, ele fica na casa da namorada — o meu tio fica sozinho. Às vezes dorme na casa da minha avó.

Só que o cachorro dele tá com pulga. É pastor alemão. A minha oma tem pastor alemão também. Quem é alemão tem pastor alemão, quem é brasileiro tem cachorro brasileiro, mas meu tio é brasileiro e tem cachorro alemão. Eles não lavam o quintal, por isso ele tem pulga — lavam o cachorro. O cachorro é magro. O cachorro da minha oma tem que ser gordo. O do meu tio tá magro, sem força, só dão restos para ele, não pode dar resto, ele vai morrer.

O meu vizinho não solta a cachorra dele porque ela fica cheirando tudo o que vê.

Eu não posso mexer no cachorro do meu tio porque ele tá com pulga, igual o do meu vizinho.

Título: O Tio.

3º DESENHO**Estória:**

Meu vô não sente bem — porque ele tem problema de vista, no ouvido, ele que se sente mal.

O mais problema que ele tem é a vista — ele tinha que fazer um monte de operação.

Minha irmã faz teatro, precisa de bengala, pega bengala dele, ele fica sem. Ou ele faz bengala de pau.

Título: O Vovô.

Inquérito:

P: - Por que está doente da vista?

Ela: - Não sei, minha mãe é que está levando ele no médico.

P: - No que atrapalha?

Ela: - Quando está sem bengala às vezes ele se bate, às vezes escorrega.

Ele tem só mal da vista, minha mãe já comprou óculos para ele. Ele não sente bem por que sem o óculos às vezes ele bate na parede.

4º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Já desenhei, tá aí.

P: - Não tem importância, desenha outra. Conte uma estória.

Ela: - Já contei.

P: - Não quer contar outra?

Ela: - Não.

Amu

2

a Família

205

4

1

a Família

o Voto

3

5.2. SÍNTESE

A constituição da família se faz com muitas dificuldades, causadas especialmente pela resistência da família paterna ao casamento, mas o casal mostra-se com força e energia, supera esse momento e se casa.

K (o pai de C) passou toda sua vida discordando de sua mãe e mostrando o quanto esse domínio o irritava. Com o casamento parece mais uma vez estar dando uma resposta à mãe — continua um filho teimoso, mas tem a impressão de domínio e controle quando escolhe para esposa quem é do seu desejo e não é do desejo de sua mãe. Não faz o que a mãe quer, mas seu referencial ainda parece ser ela, pois com o desejo de contrariá-la, parece unir-se à N (mãe de C) sem muitos critérios, mas movido por projeções. A esposa é o objeto da paixão, seu grande interesse e também é o seu ponto de atrito: brigam como se fosse o passado — mãe e filho — e não chegam a um acordo. Sua relação desta forma torna-se difícil, sempre com discordâncias e desencontros.

O contexto familiar parece conter as diferentes concepções de educação e influências — ele quer prevalecer a sua, alemã (revive a mãe) e ela, a dela, brasileira. Não conseguem se enriquecer com as diferentes experiências — ou tem que ser uma ou outra, mostrando possivelmente uma dificuldade de integração e parece que predo-

minam as dele (ele é o mais forte), cabendo a ela submeter-se, como se fosse o destino dela (revive o pai). Inicialmente ela tenta se impor, mas depois se constrange.

A timidez de B (mãe de C) diante da vida e dos rapazes mostra o quanto ela continha sua sexualidade e o quanto o amor era algo apenas idealizado, não experimentado em sua família (seus amores platônicos). Esses sentimentos — inibição e idealização, talvez decorrência de ter muitos irmãos do sexo masculino, parece ir levando-a a descartar o amor como algo real, de contato; procura no parceiro o irmão e o amigo e assusta-se quando encontra o pai, o homem.

Em suas famílias de origem, ambos parecem ter vivido apegos muito fortes aos irmãos mais velhos (ele à irmã, ela aos irmãos) e parecem querer manter essas ligações fraternas em seu casamento. Ela o escolhe pela sua franqueza, amizade e ausência de "interesses" (sic) e ele talvez movido por uma paixão proibida.

Seus filhos, nesse sentido, seu grande ponto de atrito e divergências, podem ter vindo como representantes de fantasias incestuosas ou como a confirmação de que eles são homem e mulher. Confrontam-se com suas identidades sexuais e percebem que esse encontro pode gerar bebês, realidade reveladora do contato (não apenas do amor idealizado) e põe fim à fantasia de que são irmãos. Essa fantasia seria a forma de voltar ao passado, no tempo em que eram filhos, talvez uma experiência para eles mais fácil

cil que ser adulto. Colocam-se inexperientes e imaturos como pais.

A presença de situações não resolvidas em suas famílias de origem (conflitos edípicos, desejos incestuosos, entre outros) parece estar impedindo que eles possam viver suas relações atuais dentro de uma nova família.

As figuras parentais internalizadas por ambos parecem identificar um pai fraco, dominado, controlado, acomodado — mais ausente — e uma mãe dominadora, controladora, forte — mais presente — dificultando, possivelmente, a eles desenvolverem-se em seus papéis atuais, que é serem pais. É como se ele não soubesse ser pai, vive um papel novo sem ter tido essa experiência da relação pai-filho, com ansiedade e atuando rigidamente para garantir o controle; ela, por sua vez, não se sente a mãe capaz, empreendedora que sua mãe foi (figura idealizada, que provocava raiva, atritos) e se sente incapaz, insuficiente e exigida nesse papel. Os filhos representam a vivência da maternidade, diante da qual ela se sente despreparada, e tende a não se posicionar ativamente, submete-se com aflições, à experiência.

O peso da maternidade é sentido em cada filho, mas recai mais fortemente sobre C, como se ela fosse a responsável por alguma revelação.

Os desejos da mãe de que C não tivesse nascido, parecem ser captados por ela, que se identifica com alguém "*fraca, estragada, suja*" (identificada, por exemplo, com o cachorro do tio, em sua estória) e a quem a mãe evita o contato, tirando precocemente o seio e a distancian-do concretamente (berçário integral desde os seis meses).

C parece apresentar traços constitucionais de avidez e voracidade e desejos de exclusividade na relação com a mãe desde o nascimento (vomitava se outras pessoas tiravam a atenção da mãe na situação de amamentação). Parecia desejar manter a ilusão de estar no útero, em estado de fusão com a mãe. Frente à frustração de seu desejo, reage com vômitos que, se por um lado expulsam os perseguidores (o que atrapalha, o seio mau), por outro, controlam onipotentemente o comportamento da mãe que, para alimentar seu bebê, tem que atender suas exigências.

C mostra-se, portanto, um bebê que solicita muito a mãe e a absorve, situação que parece ter assustado a mãe, levando-a a uma ruptura brusca dessa relação inicial - desmame precoce. Tendo perdido seu objeto de amor e de ligação (o seio), C recorre ao alimento (come muito, até escondido) talvez como forma de recuperar na fantasia esse objeto, de forma insistente e contínua. Quer o retorno ao passado, mostrando um inconformismo frente às limitações que a vida impõe e que não evoluiu na forma de buscar o prazer, procurando-o concretamente e se dirigindo à fonte primária (mãe), mostrando que não foi substituída.

Esse comportamento soma-se a outros (controle de esfíncter e aquisição da linguagem tardios, fala atual infantilizada), tornando mais lento seu desenvolvimento, e colocando-a como um foco de atenção da família. C parece reagir fortemente ao seu crescimento, demonstra tendências regressivas e desejo de manter-se no estágio de bebê, eternizando a vivência de "*Sua Majestade o Bebê*", descrita por Freud, possivelmente em resposta às tendências de sua mãe em "*separar-se*" dela.

Essa atitude da mãe frente a ela (de separação precoce e brusca) pode tê-la levado a confirmar suas fantasias de rejeição, ao que C parece responder com impulsos agressivos, dirigidos aos pais, mais especialmente à mãe. Mesmo à custa de seus próprios desgastes, retarda seu desenvolvimento em todos os aspectos. Assim, contraria as expectativas dos pais, de que ela cresça logo e se responsabilize por si mesma, por que eles não se sentem capazes de contê-la (atitude parental imatura, insegura) e tem, de outra forma, os pais voltados para ela.

Todos parecem não saber o que é uma família e o que fazer com ela e não se sentem capazes de lidar com as ansiedades que os papéis incluem (ser pai, ser mãe, ser filho). Utilizam como saída para lidar com esta realidade, transformar sua família numa família da fantasia, colaboradora e perfeita, encobrendo desta forma a realidade psíquica de cada um, suas angústias e necessidades.

Os pais, não podendo olhar para suas próprias emoções, não as evoluem, não buscam saída para suas aflições e, portanto, também não se sentem capazes de lidar com as emoções de sua filha. Quanto mais ela exige, mais eles se afastam.

Cria-se, desta forma, um relacionamento com distanciamento emocional, aparentemente definido como próximo. As atitudes tomadas para por fim aos desejos onipotentes e estimular o desenvolvimento de C tornam-se ineficientes, na medida em que se dirigem a situações aparentes. Colocam-se como "*pais bons*" de "*filha difícil*", cuja tarefa é disciplinar, colocar ordem. A relação familiar é vista como uma relação sem prazeres, só de rotina e desgastes, o prazer fica distante, muito esporádico e colocado como possível só no lazer, na brincadeira.

O casal se apresenta despreparado para a tarefa de serem pais. Eles não lidam com suas próprias questões, não sabem como colocar suas idéias e propostas para as crianças e se preocupam com o futuro dos filhos, pois embora sejam exigentes em relação ao estabelecimento das normas e da rotina, percebem-se com falhas no controle das situações.

O casal parece competir em seu papel e estabelece um jogo de culpas — ele acha que a mãe é inconsistente, ela acha que o pai é rígido e nessa relação imatura de disputar o lugar de destaque, não se desenvolvem como pais não aproveitam suas diferenças e experiências e concreti-

zam na relação familiar a solidão da filha — os pais estão ocupados consigo mesmos, não com ela e, portanto, acabam por não atendê-la adequadamente, levando-a a manter a dependência talvez como forma de sobrevivência.

CASO 6**6.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** M**IDADE:** 7 anos e 5 meses**NASCIMENTO:** Março/82**SEXO:** Masculino**ESCOLARIDADE:** 1ª série**PAI:** A**IDADE:** 34 anos**ESCOLARIDADE:** Superior**PROFISSAO:** Professor **MAE:** C**IDADE:** 36 anos**ESCOLARIDADE:** Superior**PROFISSAO:** Bancária

APRESENTAÇÃO

Os pais relatam que **M** apresenta dificuldades escolares desde o ano passado (1989), quando cursava o pré-pri-mário. Foi convocado pela psicóloga da escola para partici-par de um grupo terapêutico, sendo que os pais acharam que seria mais uma oportunidade dele ser ajudado frente às suas dificuldades.

A mãe relata que ele é um pouco infantil para a i-dade, quase que um "nenenzão" (sic) em função de tanto ele como o irmão 2 anos mais velho serem as únicas crianças da família. Conta que **M** sempre foi muito mimado, que por ser uma criança fisicamente miúda não aparenta a idade que tem, é tratado como uma criança "coitadinha, pequenininha" (sic). A mãe diz que em função dela ter trabalhado o dia todo quan-do as crianças eram pequenas, seu contato com **M** foi reduzido e tanto ela como o marido como forma de suprirem os horá-rios, faziam coisas por ele e com isso a criança foi se aco-modando, se aproveitando. Agora ele quer que os pais conti-nuem fazendo coisas por ele.

Comentam que o filho mais velho tem uma diferença para ele de 1 ano e 10 meses e que para esse eles passaram as responsabilidades de filho mais velho que teria que aju-dar. **M** foi para um berçário com 4 meses; logo após os pais optaram por deixá-lo em casa com uma empregada até os 3 a-nos, quando voltou para a escola por meio período.

Relatam que o filho mais velho, além de ter ido à escola com 11 meses, que lá permanecia em horário integral, o que o fez aprender a ser mais independente.

A ida da criança para a escola se deu em razão dos pais descobrirem, através de uma vizinha, que a empregada judiava de **M** (batia).

M dos 4 meses até 1 ano ficou num berçário em período integral, de 1 ano até 3 anos ficou em casa com a empregada e a partir dos 3 anos permanecia meio período na escola e meio período em casa com uma tia, irmã da mãe.

Segundo os pais, em função de terem perdido a confiança nessa empregada, até hoje não contrataram mais ninguém.

Até o ano de 1989 a mãe de **M** trabalhou como professora o dia inteiro por necessidades financeiras, até que decidiram que seria melhor para as crianças que ela permanecesse um período em casa.

Na escola **M** é uma criança tímida, que nem se comunica com a professora. Tem problemas de aprendizagem, com dificuldades de escrita e leitura.

Com essa nova proposta metodológica na escola já escreve, consegue formar pequenos textos, mas com bastante dificuldade. Tem problemas de fala.

Os pais acham que ele se inibe, os colegas riem dele e com isso ele está se fechando quando está num grupo grande de crianças, em pequenos grupos não.

Fala errado, faz quase todas as trocas. Troca p por b, t por d (exemplo: fala plato), tem dificuldades nos encontros consonantais.

Vem participando de um grupo de fonoaudiologia na escola desde o início de agosto de 1990.

Anteriormente, os pais levavam a uma fono particu-

ponibilidade para ajudá-lo, dizem que participam de todas as reuniões com a fono, com a psicóloga, etc.

Dizem que fazem o máximo para não fazerem comparações com o filho mais velho, mas que isso é inevitável na medida que o 1º não tem dificuldades.

Fazem tudo para ajudá-lo, mostrando que ele é capaz de fazer coisas de forma certa.

Comentam que, às vezes, quando ele está "*ansioso, eufórico, agitado, nervoso*" (sic) ele fala tão rápido que não se faz entender.

Dizem que nas brincadeiras com o irmão ele não consegue perder, fica agitado e não consegue entender porque isso ocorreu. Ele nunca aceitou perder. Tem muita opinião, quando quer algo não cede. Sempre tenta convencer os demais de que a maneira dele é a correta. Exemplo: quando quer algo ele não esquece, cobra até conseguir. Quase sempre os pais tentam barrá-lo, convencê-lo da impossibilidade, mas ou alguma tia ou avós acabam presenteando **M**.

Os pais comentam que apesar de todo esse nível de exigência, ele não é uma criança difícil, que é possível conversar com ele.

Dizem achar que ele é uma criança protegida, que também o irmão mais velho faz isso por ser muito medroso, mas que é mais solto nesse sentido.

A timidez de **M** aparece só na escola em grupos grandes. Relatam o episódio de um aniversário de criança, onde ele se fantasiou de palhaço e animou a festa sozinho. Ele gosta muito de se fantasiar de palhaço, a professora da época ficou surpreendida com a mudança de comportamento de **M**,

por ele ser muito fechado na sala de aula, comportamento que apareceu esse ano (1990), pois até o ano passado ele era elétrico. Na primeira reunião escolar os pais souberam que a mudança foi extrema, depois foi se soltando mais, mas ainda tem dificuldades em participar de grupos grandes.

Os pais atribuem o fato à mudança de classe, pela proximidade com a sala da diretora, que em função da linha da escola era muito exigente e o irmão mais velho sempre comentou sobre isso. Atualmente isso mudou, as crianças já entram na classe sem formar filas, existe menos rigidez.

Houve mudança na situação familiar pois a mãe passou a trabalhar meio período, antes havia uma sobrecarga para o pai e ela tinha que ajudar. **M** mudou muito, ficou mais apegado. Notaram que ele melhorou quanto à organização, responsabilidade que anteriormente não tinha, perdia constantemente material escolar. Agora conversa bastante, se mostra prestativo, organizado, mais responsável com suas lições.

Dizem que ele apresenta dificuldades de concentração, enquanto que em outras atividades, relatam um episódio isolado sobre um jogo de xadrez que aprendeu com facilidade. Em geral não se concentra nos jogos, ficando nervoso tentando ganhar, não aceita perder e não aceita jogar. *"Ele é uma criança normal mas de vez em quando tem uns lances que chamam atenção"* (sic).

M fora da escola, quer ser palhaço. Eles descobriram um circo-escola na USP que ele adora. No próprio aniversário ele quis se vestir de palhaço. O palhaço que eles haviam contratado atrasou para chegar na festa e

regou das animações. Contam sobre uma outra festa, num sítio de uma tia, onde ele se vestiu novamente de palhaço, fez um show, animou a festa.

M, fora da escola, é super alegre, em casa não pára um minuto, é elétrico, brinca o dia inteiro.

Come se movimentando, não quer parar nem para comer. Fala o tempo todo.

É muito ansioso, vai muito ao banheiro, tem urina solta. Em qualquer lugar onde vão (loja/restaurante), **M** pede para ir ao banheiro.

Sempre solicita à mãe para fazer suas lições. Em geral a mãe mesmo sem ajudá-lo fica a seu lado, "às vezes, percebo que ele não precisa de ajuda", diz a mãe, "e saio de perto, mas ele vem sempre me mostrar o que está fazendo. Não consegue se concentrar muito tempo" (sic).

Sempre procura brincadeiras agitadas. Se está assistindo televisão não ouve o que os pais dizem. Faz karatê duas vezes por semana após a escola.

Ele é muito carinhoso, bem humorado, sabe conquistar. Faz gozação com tudo.

"Às vezes a gente precisa conter, ele resmunga um pouco, mas depois concorda. Não aceita simplesmente a primeira argumentação" (sic).

Observação: durante todo o relato, frente a quase todos os comentários os pais riam entre si antes da comunicação, pareciam tensos.

GENOGRAMA TRIGERACIONAL FAMILIAR

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE M (A)

A é o filho mais novo, tendo mais 3 irmãos.

Sua irmã mais velha tem 41 anos, é secretária, di-

vorciada, com um filho de 17 anos. Sempre trabalhou, em função disso tiveram pouco contato na infância, agora menos ainda.

Diz que sua família não é muito ligada.

Tem um irmão de 39 anos que é operador de computador, que tem um filho de 7 anos. Tiveram bastante contato na infância, que permanece até hoje.

Tem uma outra irmã de 36 anos, casada, com 4 filhos (17, 15, 10 e 6 anos), é professora. Essa irmã vive com a mãe de A, segundo ele sempre foi a filha mais protegida, para quem comprava presentes, etc. Agora a mãe cuida dos filhos dela.

A e seus irmãos nasceram no interior de São Paulo; quando ele tinha mais ou menos 7 anos, se mudaram para São Paulo.

A irmã mais velha permaneceu no interior, morando com uma tia que tinha mais posses financeiras e a outra com a avó. Só vieram para São Paulo os pais, A e seu irmão.

Sua mãe também trabalhou fora, eles ficavam sozinhos, seu irmão mais velho fazia comida e ele, com o tempo, aprendeu a cozinhar.

O pai tinha um emprego fixo (Fepasa) e sempre bebeu. Embora não fosse agressivo, sua mãe ficava nervosa, eles discutiam, brigavam e mesmo assim, ele nunca apanhou do pai.

Diz que o pai foi uma pessoa distante, que não passava com eles, não conversava, apenas se importava muito que eles estudassem. Faleceu há mais ou menos 13 anos, com 55 anos. A diz que era "desligado" (sic) na época e que não

se importava muito com o que acontecia em casa. Gostava de sair, ouvir música, conversar.

A acha que não sentiu muito a morte do pai, acha que se conformou muito rápido. Acha que o pai fez falta apenas para a mãe, mas não tem certeza.

Diz que sua relação com eles sempre foi distante, o pai em função da bebida se afastava deles, chegava tarde da noite em casa, alcoolizado e nos finais de semana passava dormindo e com a mãe até hoje conversa pouco, chegando a dizer que com ela não tem o que falar.

Relata que foi bom ter conhecido uma turma quando tinha aproximadamente 15 anos, com a qual saía, tocava violão, etc. Até hoje tem um amigo desse tempo, que é padrinho do filho, com os demais perdeu o contato.

A diz que ele e a esposa cresceram juntos, se ajudando para subir na vida.

A acha que não tem ninguém de quem foi bom ter se livrado.

Tem dificuldade em lembrar os bons momentos da infância, acha que apenas o fato de ir para a casa dos avós nas férias, que ela era uma pessoa muito carinhosa, e dava muita atenção para ele e que uma vez, quando tinha mais ou menos 4 anos, ganhou uma bola de uma tia, irmã da mãe, de quem gosta muito.

Não se lembra de experiências boas e marcantes.

Referindo-se a experiências ruins, diz achar que foi seu primeiro ano escolar, quando em função de um recado mandado pela professora, ele levou uma surra da mãe, e acha que isso influenciou muito seu comportamento, pois sem-

pre foi uma pessoa muito tímida.

Diz que a mãe sempre batia neles, mas quando a mãe não estava nervosa em função do vício do pai, ela era carinhosa com eles.

De uma forma geral, a saúde da família é boa.

Acha que na idade de **M** ele deve ter sido agitado, pois nunca conseguiu ficar parado em casa.

Trabalhou fora desde os 14 anos, fez Faculdade de Matemática à noite.

Casou-se com 23 anos, o primeiro filho nasceu 2 anos depois.

Namorou 2 anos, só tiveram problemas a nível financeiro.

MAE DE M (C)

C relata que seu pai faleceu há 5 anos, com 75 anos de idade, de enfarte. Sua mãe é viva com 74 anos e tem boa saúde.

Seu pai era trabalhador braçal do DER, bebia com pouca frequência, mas como não podia beber, qualquer dosagem o alterava.

Viveram no interior de São Paulo. Relata que no dia do pagamento o pai passava no armazém para pagar as contas do mês, o dinheiro acabava e o pai bebia mais para esquecer. Diz que sua infância foi muito triste. **C** diz que o

pai não era agressivo no dia-a-dia, mas quando bebia falava em se matar, que uma vez pediu para **C** um martelo, para dar uma martelada na cabeça. Ele foi internado várias vezes. **C** acha que isso era desespero de trabalhar muito e não ter na da e que em geral no dia do pagamento do pai acontecia sempre esse tipo de tragédia, que sem beber ele era muito bom, brincava com os filhos, era carinhoso.

Sua mãe costurava para fora para ajudar no orçamento. Seu pai plantava na beira da estrada, tanto a mulher como os filhos ajudavam a plantar, colher. **C** diz que sua mãe sempre foi muito brava com eles, diz ter mais afinidade com ela hoje que de criança, não se lembra de brincar com a mãe.

Tem 4 irmãos, a mais velha com 49 anos é casada e tem 2 filhos (26 e 23 anos), moram no interior. Como ela começou a trabalhar cedo para cuidar dos irmãos menores não tiveram muito contato, hoje se visitam sempre que podem e se dão bem.

A segunda irmã, 46 anos é professora aposentada, também mora no interior. Teve mais contato com ela, pois ela tomava conta de **C**, onde ia a levava junto. É casada, não tem filhos. Tem bastante contato.

Outra irmã, 40 anos, solteira, mora com a mãe de **C**, é secretária. Diz se relacionar bem, mas que ela é uma pessoa diferente deles, pensa de outra forma, tem amigos que não são do nosso meio.

C relata que foi em função dela que eles vieram do interior, ela veio para São Paulo antes. Diz que essa irmã não aceitava a vida que a família levava, que a irmã adora

seus filhos, que os põe até a "perder" (sic).

A irmã mais nova tem 30 anos, é solteira, também mora com a mãe, diz que ela é uma pessoa muito ciumenta, muito possessiva, que teve dificuldades gerais na vida.

Diz que morava numa cidade bem pequena, que brincava na rua, só indo para casa para comer e dormir. Brincava em terrenos baldios. Tem padrinhos que foram mais que pais (C se emociona, chora dizendo achar que não vai conseguir continuar). Seu padrinho faleceu há 10 anos, no ano em que C casou. "Eles davam uma força muito grande prá gente, praticamente fui criada lá" (sic).

O filho mais novo desse casal tinha a mesma idade que a irmã mais nova de C. "Eles foram minha segunda família" (sic). Sua madrinha ainda é viva, mora na mesma cidade, tem 80 anos. C sempre vai vê-la. "A gente tem muito amor, até hoje" (sic). (C chora). "Eu sou muito chorona mesmo, me emociono muito" (sic).

Sua infância foi feliz, gostosa, boa. Diz que a única coisa mais marcante foi o vício do pai. "De resto quando ele não bebia, era muito bom" (sic).

Acha M parecido com sua irmã de 40 anos. "Acho M parecido com ela, no sentido de ser sempre ele que decide, dele querer convencer as pessoas do seu ponto de vista. Ela é bem assim" (sic).

Veio para São Paulo com 15 anos. "Para mim não foi bom na época; minha vida era tranqüila, tinha amigos por perto, a gente passeava juntos na praça da cidade, íamos ao clube. A gente não parava em casa, mesmo no ginásio. Aqui, numa cidade grande comecei a trabalhar, estudar à noite.

Trabalhei na recepção de um hospital. Aos domingos eu tinha plantão duas vezes por mês, de manhã até 23:00 horas. A mudança foi radical. Não saía de casa, aí comecei a ficar caseira. Não tinha companhia" (sic).

Ela e o marido se conheceram através de uma amiga em comum. Descobriram que cursavam a mesma faculdade, ele cursando Matemática, ela Estudos Sociais e que tinham muitas outras coisas em comum: amigos, etc.

Depois de mais ou menos 2 meses começaram a namorar e após 2 anos casaram-se.

C relata que o marido gostava muito de viajar e ela por ser muito caseira, muito apegada ao pai, por ser a filha em quem ele mais confiava, fez com que eles agilizassem o casamento.

Na época ela já lecionava. **A** era bancário e estudava, hoje continua empregado no banco e é técnico em computação.

Dizem que as 2 famílias não acreditavam muito no casamento, mas que as reações, em geral, foram boas.

No começo sua vida não mudou muito, saíam bastante como na época do namoro.

Após 2 anos nasceu o primeiro filho, aí sentem-se mais presos, mais responsáveis.

M veio inesperadamente, na época o filho maior tinha muitos problemas de saúde (convulsões, pneumonia), e tomava muito a atenção dos pais.

A mãe relata que principalmente ela vive em função das crianças e que o marido reclama um espaço só para eles.

Dizem que sempre se envolveram muito com as crianças, principalmente o primeiro, pois acham que o primeiro filho sempre toma mais tempo, sempre solicita mais.

Relatam que, em função dos filhos, ficaram mais próximos, que entre o casal, desde a época de solteiros não houve muitas mudanças.

Dizem que, de um modo geral, eles são um casal estável, tranquilo, que se dão bem, conversam sempre, decidem coisas juntos, que cresceram na parte afetiva. Hoje estão mais ligados.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

M não foi uma criança planejada. Descobriu-se a gravidez após mais ou menos 2 meses de gestação, através de ultrassom, pois a mãe sentia muitas dores.

A mãe fez repouso, ficou de licença do trabalho por 1 mês, tomou medicações para manter a gravidez. Após esse período, a gestação ocorreu normalmente e ela voltou a trabalhar.

A criança nasceu de cesária porque a mãe não tinha

dilatação, com 50cm e 3,5Kg. Dizem que **M** era uma criança linda "todo mundo achava que ele era igual um bebê de revista" (sic).

Mamou bem no primeiro dia. Foi amamentado até o 6º mês, enquanto sua mãe tinha leite.

Dizem que o irmão não deixava ele chupar chupeta, no 2º dia de vida começou a chupar o dedo, permanecendo até os 5 anos (dedão) e que de vez em quando leva o indicador à boca.

Para dormir chupava o dedo, segurando as etiquetas da camiseta, senão não dormia.

Com 5 meses engatinhou, se arrastando. Com mais ou menos 6 meses e meio passou a engatinhar normalmente. Sentou-se por volta dos 5 meses.

Ficou de pé com mais ou menos 9 meses apoiando-se.

Andou com 11 meses; balbuciou com 9 meses. Os pais relatam que a fala foi um pouco difícil. Demorou para falar corretamente, não dava para entendê-lo bem. Com aproximadamente 1 ano e meio falava com dificuldade. Só por volta dos 3 anos, fez-se entender bem. Dizem que até hoje tem falhas na fala e que agora aparece na escrita.

Com mais ou menos 5 meses apareceu o primeiro dente. O primeiro dente de leite caiu com 7 anos. Até então só trocou 3 dentes.

Aos 2 anos tirou a fralda do dia e da noite. A adaptação demorou, mais ou menos, 4 meses, mas até hoje quando passa por uma situação de agitação, ansiedade, "faz xixi na cama" (sic).

M é uma criança muito agitada durante o dia, mas à

noite é muito tranqüilo, às vezes acorda na mesma posição que adormeceu. Dorme de boca aberta, às vezes baba, fala muito raramente durante o sono.

Sempre dormiu pouco durante o dia, no máximo uma hora, mas com um cochilo está recuperado. Sempre dormiu cedo, sem que os pais precisassem obrigar.

Mamou até 6 meses e com 2 meses passou a tomar suco de laranja, com 4 meses comida com sal, comia bem. A mãe amamentava no peito de manhã e quando voltava do trabalho; não foi uma criança que acordava durante a noite para mamar. Tomou mamadeira até os 3 anos e nessa época já não se alimentava bem, comia muito pouco.

Hoje é difícil se alimentar bem, se os pais deixarem toma um litro de leite por dia, mas não come, teve uma fase com 5, 6 anos que não comia nada, come atualmente muito pouco, em termos de quantidade, mas come um pouco de tudo.

Teve rubéola, cachumba, catapora, mas em geral, tem uma boa saúde, às vezes fica resfriado.

Vai regularmente ao pediatra, estando sempre bem. Os pais relatam um episódio de desmaio quando **M** tinha 2 anos, sem nenhuma causa mais séria, que os médicos atribuíram a uma reação alérgica.

O pai acha que **M** não tem medos. Antes via um palhaço e tremia muito, às vezes diz que tem medo de ir à cozinha sozinho, de ir ao banheiro à noite.

O relacionamento de **M** com outras pessoas, só é ruim na escola com grupos grandes. Com o irmão ele sempre quer ter razão; os pais não sabem se eles brincam ou brigam mais, mas não conseguem ficar separados. Dizem que se um a-

dulto der confiança para ele está perdido. Também se relaciona bem com crianças, em geral não briga, mas também não "*leva desaforo prá casa, se ele apanhar, ele bate*" (sic). Dizem que ele não começa uma briga, mas se defende. Sempre reagiu, apesar dos pais recomendarem para ele não brigar. Com pessoas estranhas é tímido mas ambienta-se facilmente.

Gosta muito de correr. Gosta de movimentação, não se concentra em brincadeiras paradas, jogos, etc. Não se dá bem quando algo exige controle motor. Agora começa a se interessar por video-game. Não gosta de sofrer sensações de perda. Ele até começa a jogar mas logo desiste. **M** sempre acha que o irmão rouba, quando os pais estão presentes ele se controla mais. Gosta de correr atrás de bicicletas.

Sua vida escolar começou cedo, foi para um berçário aos 4 meses, do qual saiu com 1 ano. Voltou para a escola particular com 3 anos. Se ambientou bem numa escola particular. Com 4 anos e meio foi para o Pré I, na escola que está até hoje. Como a escola era exigente, ele começou a não gostar, às vezes pedia para não ir, mas acabava indo e esquecia que não queria.

Sua coordenação motora é muito prejudicada até hoje. Tem dificuldades em recortar, pintar, colar.

Os pais relatam que começaram a ajudá-lo em casa mais em função da pouca disponibilidade deles, a ajuda era pequena. Achavam que ele fosse repetir o Pré I, mas com as novas diretrizes da escola ele foi para o Pré II. Acham que ele reage mal às limitações, precisando ficar mais solto, mais livre, por ele só brincaria. Já chegou a fugir da sala para brincar no parquinho. Atualmente, na 1ª série, as exi-

gências são maiores e ele encontra mais dificuldades.

Apresenta troca de letras na escrita e somente às vezes se dá conta disso.

Dizem os pais que se for por ele, não faz nada (como tomar banho, escovar os dentes), ele só quer brincar. "*Ele faz tudo brincando*" (sic).

A mãe estabelece e cobra uma rotina, ele se sente sozinho, mas tem que ser cobrado. Não aceita muito as roupas que a mãe escolhe, ele quer escolher. **M** cumpre com hábitos depois de alguma insistência.

Ele acorda, toma café, faz as lições, toma banho, almoça, vai para a escola. Volta, assiste TV, janta, indo dormir entre 20 e 20:30 horas. Dizem que ele não pode ficar parado, senão dorme. Para fazer a lição, a mãe tem que ficar perto, senão ele pára, querendo brincar.

A partir desse ano ele passou a ir para a escola com perua escolar e às vezes em função das outras crianças, por ouvir comentários, ele faz perguntas sobre sexo. Nunca pergunta por iniciativa própria. Até alguns meses atrás se masturbava bastante, agora parou. Toma banho com os pais desde pequeno.

A maior preocupação dos pais refere-se à escola, pois tudo o que é relacionado a controle motor para **M** é difícil e isso é exigido na escola.

Nas aulas de karatê tem dificuldades para acompanhar os outros.

Não consegue amarrar os tênis e os pais não sabem se por acomodação ou por dificuldade. Socialmente é bem solto, os pais acham que vai tudo bem.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA PELO PAI**1º DESENHO****Comentários:**

Ele: - Sou ruim de redação.

Estória:

O pai trabalha num escritório durante 8 horas por dia, a mãe cuida da casa. Tem uma pequena atividade fora também, ela pode ser independente e as duas crianças são talvez influenciadas. São dois meninos, eles estudam, brincam na rua, o normal de criança. A estória seria reunião no jantar, a família se reúne, conversam diversos assuntos, o pai pergunta como foi o dia da mãe, das crianças. Dão o relatório, o pai também conta como foi seu dia. As crianças conversam sobre os problemas que têm na escola, na vida com os colegas.

Título: O Encontro da Família.

2º DESENHO**Estória:**

Incluiria uma filha no encontro da família à noite. A filha teria uns 3, 4 anos. A menina estaria numa escolinha para se sociabilizar e poderia contar também o relato que aconteceu durante o dia. Acho que não teria muita novidade além daquelas.

Título: O Encontro da Família.

3º DESENHO**Comentários:**

Ele: - Problemas de saúde? Acho que é o pai (ri).
Acho que é um problema mais de afirmação no lar, seria em casa. De repente o pai se fecha para a família.

P: - O que esse pai está querendo, o que está precisando?

Estória:

Seria no caso um pai que precisaria de mais diálogo com a família, conversar mais com a esposa, com os fi-

lhós. Seria esse caso aí.

Acho que o pai está um pouco afastado da família. Ele trabalha, chega, fica pouco tempo com a família. Acho que é só.

Título: A Procura.

4º DESENHO

Estória:

O pai chega às 7 horas da noite, toma contato com a família. A mãe, em geral, está na cozinha, preparando a comida, os filhos estão brincando. O pai chega, todos se beijam, mas voltam à atividade deles. O pai cumprimenta a mãe, conversa sobre algum assunto, mas a mãe continua na cozinha. O pai toma um lanche, a mãe dá o jantar das crianças. O menor sempre fazendo um pouco de graça, chamando a atenção do pai.

Terminando isso, eles vão para a sala, as crianças vão estudar, a mãe ajuda. O pai vai dormir, porque tem que trabalhar de madrugada.

Título: A Rotina.

1

2

3

234

4

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA PELA MAE

1º DESENHO

Comentários:

Ela: - É difícil, eu não sei. (ri) E agora? Nem uma figura humana eu sei desenhar.

Estória:

Como posso dizer? Nós somos em quatro, estamos sempre juntos. A gente passeia bastante, sempre os 4 juntos. Procuramos levar as crianças para brincar. Nós participamos da brincadeira com eles. É uma família feliz.

Título: Minha Família.

2º DESENHO

Comentários:

Ela: - Mas eu já tenho, preciso desenhar de novo a mesma? Então vamos lá. (Ri e diz que fica difícil contar estória).

Estória:

O jeito que a gente gostaria é o nosso jeito, fica difícil sair fora dela. É o jeito que a gente vive mesmo. É um jeito simples, sempre um ajudando o outro, nas decisões a gente conversa e decide juntos. A gente procura conversar e eles participam da escolha. Se a gente vai comprar um móvel eles vão junto. Eu não queria outra família, não sonharia com outro tipo de família nem do modo que a gente vive.

Título: Minha Família (de novo).

3º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Preciso trazer o **A** para desenhar para mim, porque ele desenha bem, esse negócio de desenhar é triste. É o meu filho mais novo, eu, meu marido, meu filho mais velho e minha sogra.

Estória:

Além dela não estar bem, fica um pouco distante da gente em tudo. Ela não tem ligações com a família nem com

os netos mesmo. Mas não é distância física. Ela, não sei se não demonstra, mas não tem carinho com as crianças, com a gente, com meu marido. Ela fica meio... Não tem ligação de mãe para filho. Às vezes eu percebo que ele fica chateado, a gente também.

Obs.: Demora um pouco para dar o título.

Título: A Família Distante da Mãe, seria?

4º DESENHO

Comentários:

(Ela pára, olha, faz um gesto de desânimo)

Ela: - Não vai caber aqui, posso virar a folha?
Não vai dar, como vou fazer?

(Desenha algumas figuras e comenta): - Aqui tem mais, mas não cabe aqui, faz de conta que aqui é a continuação, acho que é isso. Minha mãe, filho mais novo e mais velho, eu meu marido, minha madrinha, minha irmã. A minha irmã é minha irmã **A**, seu marido, seu filho, seu outro filho, minha irmã **R**.

Estória:

É uma família que mesmo estando longe está sempre em contato, conversando, contando as novidades, na hora das dificuldades também, não tem mais o que falar não.

Título: Família Completa.

3

2

1

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIA POR M**1º DESENHO**

(Faz a casa, a porta e a janela).

Estória:

Eles estavam passeando, daí eles estavam voltando para casa. Foram passear no parque, estava bom lá. Voltaram para casa porque a mãe deles tinha muita coisa para fazer em casa, ia fazer um monte de coisas.

Título: A Família.

2º DESENHO**Estória:**

Era uma vez uma mãe, um menino e outro menino, eles estavam passeando (diz não saber aonde, depois diz que

é em Osasco), estava bom o passeio.

Título: A Mãe e os Filhos.

3º DESENHO

Comentários:

Ele: - Não sei o nome, não quero dar.

Estória:

Eles estão com catapora, os dois (pai e filho), a mãe não, eles foram no médico. Ele falou que não pode sair, voltaram para casa (desenha a casa), ficaram lá deitados na cama (separados). A mãe cuidou deles, eles ficaram bons mas demorou.

Título: Os Dois Com Catapora.

4º DESENHO**Estória:**

(Desenha um prédio).

Ele: - A gente está dentro do apartamento vendo fu
tebol lá na rua.

P: - Você está olhando pela janela?

Ele: - Não, no portão.

P: - Tem algum amigo seu jogando?

Ele: - Tem o Roberto.

P: - E o time?

Ele: - Tá ganhando. Eu não gosto de futebol.

P: - E seu irmão?

Ele: - Não sei.

P: - Seu pai, sua mãe?

Ele: - Não sei, sendo futebol das crianças.

P: - Você está com sono?

Ele: - Tô.

Título: O Futebol.

Obs.: Foi preciso incentivá-lo em todas as histórias.

6.2. SÍNTESE

As histórias de vida dos pais de M, mostram-se concordantes em muitos pontos: ambos mudaram do interior para a capital por volta dos 7 anos, separando-se dos irmãos mais velhos, tinham um pai que bebia, a mãe trabalhava fora e a vida tanto financeira quanto afetiva parecia difícil.

A (pai de M) e C (mãe de M) tiveram, desde cedo, que lidar com a vida, com os sentimentos de solidão, com a falta de referencial principalmente de suas figuras paternas, embora o pai de C, quando não bebia, tornava-se muito presente, afetivo e carinhoso com ela. Em contrário, quando as coisas em casa acalmavam, o pai não bebia, a mãe de A podia acalmar-se e ser mais carinhosa. O carinho que A recebeu vem em parte de sua mãe, de seu irmão e principalmente de sua avó, mostrando que encontrou mais o que precisava fora de casa, com seu irmão e amigos do que vindo de seu pai e sua mãe. Sua esposa também se enquadra em experiência semelhante, pois encontrou nos padrinhos, o aconchego, a segurança e o amor de que tanto precisava. Com sua mãe o relacionamento era mais difícil, sentia-a distante e muito brava.

Em suas vidas sempre houve a necessidade de muito trabalho, tanto de seus pais como de suas mães, deixando entrever problemas de ordem financeira, que levavam as mães a se afastarem, de seus lares e de seus filhos precoces

e intensamente, deixando-lhes uma tarefa inicialmente muito difícil — a de crescerem sozinhos, amparados por seus irmãos, especialmente.

Com todas as dificuldades vividas em suas famílias de origem, ambos se empenharam em seu desenvolvimento, com força de lutar pela vida e enquanto casal, vem superando as dificuldades financeiras que enfrentam no início do casamento e estreitando seus laços afetivos — hoje sentem-se mais ligados. Os filhos ajudaram nessa aproximação, embora A se sinta desprivilegiado em relação à atenção de C, achando que ela dá mais para os filhos que para ele.

Nos primeiros 10 anos de casados, aproximadamente, o casal parece ter revivido, sob o aspecto financeiro e das relações de trabalho, suas histórias originais, atuando uma ausência no cuidado dos filhos, delegando a outros, instituições e empregadas, que não tem vínculos afetivos com seus filhos, a tarefa de educá-los. Quem os chama a essa realidade são seus vizinhos, levando-os então a preocupar-se em oferecer a assistência de pessoas com laços de parentesco, a tia materna e evolui para que pensem na mãe reduzir sua carga de trabalho, e ter parte de seu dia dedicado ao papel materno. Isto nos leva a pensar que os pais de M vem tendo dificuldade de refletir suas próprias experiências, olhar suas faltas internas e poder desenvolver a possibilidade de dar. É provável, mesmo sem terem explicitado em seu relato, que tenham acumulado mui-

tos ressentimentos, que os dificulta dar o que não tiveram, a revanche da personalidade imatura, denotando desta forma, certa imaturidade no papel de pais, que favoreceu não só o afastamento dos filhos, como também a falta de critérios e avaliação para decidir quem poderia cuidar das crianças. Criou-se, portanto, um distanciamento na relação pais-filhos que só vem a ser percebida, francamente, no momento em que M apresenta acentuadas dificuldades escolares, pois todas as formas que encontrou anteriormente para mostrar a falta, especialmente da mãe, o sofrimento e angústias decorrentes (chupar dedo, dificuldades alimentares, com tendências a substituir o sólido pelo leite, doenças infantis, desmaios) e todo seu acúmulo de irritação e expressão da agressividade (fala tardia e difícil, sinais de ansiedade e agitação, enurese intermitente), não foram suficientes para uma retomada de posição de sua família. O casal parece ter construído uma defesa frente ao próprio sofrimento — negam e racionalizam — pois apresentam a idéia de que filhos que se separam cedo dos pais são mais independentes, teoria que comprovam com seu filho mais velho, que se mostra mais capaz e foi para o berçário aos 11 meses.

Essa teoria não funcionou para M, pois apresenta-se com tendências mais ao fechamento, a manter-se em ligação constante com a mãe, talvez até por sentir-se frágil diante da vida e das experiências e mostra-se uma criança necessitada de estimulação constante para crescer. M dorme, às vezes na mesa do jantar (às 18:30 h, 19 h) hora

em que os pais chegam, como se ao invés de brigar pela atenção, optasse pelo isolamento. Embora pareça representar a raiva dos pais pelo abandono (a qual os pais não veem, não estranham esse comportamento), seus impulsos agressivos não são utilizados por ele em favor de seu crescimento, ao contrário o atacam, provocando uma detenção no processo evolutivo, que por sua vez, pode estar funcionando como reparação dos desejos destrutivos em relação às figuras parentais.

Por todas as suas necessidades básicas e características de personalidade, M sofreu, talvez de forma mais intensa, a separação precoce da mãe, ruptura brusca de seus vínculos primários e, assustado como o mundo foi se fechando em si mesmo, apresentando em sua evolução uma tendência a apegar-se ao passado, como forma de realizar suas fantasias primitivas. Assim, não desenvolve a crítica e não evolui o pensamento, elementos básicos para dar conta do crescimento. Comporta-se como uma criança menor, com dificuldades de fala, que ainda prefere o leite a outros alimentos, que ainda não controla seus esfíncteres, talvez numa tentativa de trazer de volta o objeto de amor perdido (a mãe, o seio), a fonte de toda satisfação e prazer. Assim não é capaz de perceber outras fontes de prazer na realidade e torna sua vida desestimulante e difícil — não tem o que deseja e nada mais interessa. Não vê na aquisição de conhecimento um prazer e uma alternativa para lidar com suas próprias dificuldades de adaptar-se à realidade, ao contrário, o saber é a ameaça de separação do seu obje-

to de desejo e M, então, parece evitá-lo.

Nesse sentido, mostra-se uma criança onipotente, capaz de crer e atribuir a suas teorias pessoais uma supervalorização, tornando-se uma criança impositiva, de idéias firmes, às vezes imutáveis, dificultando seu relacionamento com as pessoas — não cede, não gosta de perder, etc ...

Com todos esses traços e o desejo de ter a mãe que também é desejada pelo pai e pelo irmão, demonstra impulsos de excluir ora um, ora outro. Em seu desenho de família, os doentes são o filho e o pai (doença infantil) e ambos melhoram com a atenção e cuidado da mãe, neste sentido pai e filho se identificam e competem. O pai, de seu próprio relato, percebe-se distante, preso aos conflitos infantis, ainda em busca de seus próprios alentos, não podendo dar a M o que ele precisa.

A mãe confirma sua distância da família, não só por apresentar uma mãe com dificuldade de contato com os filhos (sua própria história), mas por citar em sua estória do desenho de família a mãe do marido, não a dela, o que é parte de sua vivência atual. Coloca-se como uma mãe que pode suprir algumas necessidades dos filhos, mas não as efetivas. Inclusive, ainda, em sua família de origem, onde está como a filha, a irmã, talvez denotando sua dificuldade de ser esposa e ter filhos, ser mãe. Coloca, embora que sutilmente, sentimentos de rejeição em relação a M, um filho não planejado, talvez acentuado pelo fato dela se

CASO 7**7.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO**

NOME: G

IDADE: 8 anos

NASCIMENTO: Maio/82

SEXO: Masculino

ESCOLARIDADE: 1ª série

PAI: J

IDADE: 32 anos

ESCOLARIDADE: Secundário

PROFISSÃO: Comerciante

MÃE: R

IDADE: 31 anos

ESCOLARIDADE: Superior incompleto

PROFISSÃO: Comerciante

APRESENTAÇÃO

G foi trazido pelos pais por apresentar problemas escolares: além de não conseguir ler ou ter "medo" (sic) da leitura, escreve errado, separa uma palavra ou escreve duas ou três palavras juntas. É capaz de reproduzir uma estória oralmente, mas não por escrito. A princípio pensavam que era preguiça. Todos os relatórios da pré-escola, desde 1 ano e 8 meses apontavam distração. Os pais não deram maior importância ao fato até que uma psicopedagoga amiga chamou sua atenção para o problema. No ano anterior estava numa escola pública aonde o nível econômico das outras crianças era muito inferior ao seu, o que o deixava infeliz. Além disso, mudou de professora 6 vezes em 6 meses. Está satisfeito na escola atual.

Segundo os pais, tem raciocínio muito rápido para matemática. É uma criança muito alegre, feliz, com um espírito muito gozador, ao contrário da irmã mais velha, de 9 anos, que é mais séria. De acordo com os pais, a irmã é muito autoritária, brava e superprotetora em relação a **G**, que por sua vez era mais submisso até separar-se dela quando foi para a escola pública. Inicialmente, sofreu com a separação, mas, depois, ficou mais independente em relação à irmã, conseguindo defender seus pontos de vista mesmo que isso ocasionasse atritos com ela.

Os pais de **G** procuraram lidar com as dificuldades dele organizando concursos de leitura e reprodução de histórias em casa nas férias. **G** não conseguia realizar a tarefa proposta e se angustiava com isso. Os pais deram em-

GENOGRAMA TRIGERACIONAL DA FAMÍLIA

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL**PAI DE G (J)**

J vem de uma família pobre mas, segundo ele, muito unida. Tem um irmão três anos mais novo do que ele. Desde os 9 anos trabalhava junto aos pais, fazendo pipas para vender na feira, acompanhando a mãe que vendia roupas de porta em porta ou o pai que fazia carretos.

Aos 14 anos obteve seu primeiro emprego e aos 15 montou seu próprio negócio (chaveiro) com ajuda da família. O pai, embora fosse investigador de polícia, ajudou muito. Hoje trabalham com ele o pai, a mãe e a esposa. O nível de vida da família melhorou a ponto de hoje cada um ter sua casa, o que é motivo de orgulho para **J**.

Segundo **J**, as relações familiares sempre foram muito harmoniosas. Os pais se davam bem, nunca brigavam e eram muito companheiros, além de serem consistentes em relação à educação dos filhos.

O pai é descendente de italianos, fala alto, gesticula muito, parece bravo mas é muito brincalhão. Quando necessário porém, ele é sério e muito respeitado pela família. Também os pais respeitavam muito os filhos, discutindo com eles todos os assuntos. Além disso, confiavam nos filhos. Manifestação disso, para **J**, é o pai ter aberto uma conta conjunta com ele aos 15 anos e o ter colocado como responsável.

A mãe é uma pessoa muito apreensiva, preocupada em relação ao cuidado com os filhos e ao dinheiro, por ser

da roça e ter tido um início de vida muito difícil quando tinha que trabalhar muito. É uma família hospitaleira — sempre abrigaram os irmãos e os cunhados.

O irmão tem um gênio muito forte, um temperamento diferente, tinham diferentes pontos de vista sobre as coisas.

J ajudava a mãe nas tarefas domésticas e depois ia estudar e brincar. Ele se orgulha muito do que é hoje em função da educação que recebeu, que lhe ensinou a ter responsabilidade.

Na escola **J** sempre foi muito tímido, não participava da turma da bagunça, mas tinha amizade com todos. Não repetiu nenhum ano, mas foi um aluno regular, "média 7" (sic). Se dá conta que nunca gostou muito de Portugues que também é a dificuldade do filho.

Como adolescente também não era de fazer bagunça ou ser irresponsável porque já trabalhava de dia e estudava à noite. Só tinha um amigo que conserva até hoje, embora tivesse vários colegas. Teve poucas namoradas, que não foram marcantes. Ele se interessava pelos problemas das meninas e acabava virando confidente, conselheiro. Elas se apaixonavam muito por ele e sofriam muito por sua causa. Chegou a desmanchar um noivado e resolveu não namorar mais firme até encontrar a pessoa certa. Quando tomou essa resolução conheceu **R** — no começo foi leve, depois um amor fulminante. Casaram no ano seguinte.

MÃE DE G (R)

R é a mais velha de 3 irmãos, sendo a única mulher. Na sua opinião foi uma criança superprotegida, sobretudo pelo pai, pelo fato de sua mãe ter demorado 5 anos para engravidar o que teria gerado muita expectativa na família. Além disso, aos 15 dias teve desidratação e foi desengana-da pelos médicos o que gerou ainda mais cuidados.

Era neta caçula do filho caçula de modo que foi também muito mimada pela avó até os 5 anos, quando esta faleceu.

Apesar de o pai ser mais superprotetor, o que a incomodava, tem uma ligação afetiva mais forte com ele. Desde os 5 anos de idade foi sua companheira nas viagens — ele vendia coisas nas estradas — participando ativamente.

Sua mãe é uma pessoa fechada, que não mostra os sentimentos. Era muito caseira, não tinha contato com o mundo, estava "*fechada para a vida*" (sic). Cuidava da casa e dos filhos, era submissa em relação ao marido e muito dependente dele, o que deixava **R** com raiva. Antes de casar tinha outras atividades, das quais abriu mão para se dedicar aos filhos.

O pai de **R** era forte, decidido, a última palavra era sua. Ele tinha o poder e a mãe tinha medo dele. Tinham um "*carinho distante*" (sic) pela filha. Proviam proteção e coisas materiais e não carinho físico. O carinho era dado através da educação, do incentivo, do orgulho.

R sempre foi muito próxima do irmão menor, praticamente o educou. Já o irmão do meio era mais ligado à mãe.

Ele tinha ciúmes e sempre dava um jeito de **R** apanhar. Hoje se dão muito bem.

R mudou de cidade duas vezes: de Marília para Maringá e de lá para São Paulo, aonde inicialmente teve um pouco de dificuldades para se adaptar.

Na escola participava ativamente e era sempre a primeira a topar as paradas. Era escolhida para fazer teatrinho, cantar, etc. Aos 17 anos já estava cursando Administração de Empresas, mas parou no final do 3º ano por não gostar muito do curso. Antes já havia feito o curso Normal. Seu estilo era o mesmo — sempre rodeada de pessoas, com muitas amigas, disposta a participar de tudo e inventar coisas para fazer. Era extrovertida e comunicativa.

Não se encaixava em nenhuma turma específica, mas participava de todas.

O pai tinha muito ciúmes dela na adolescência. Era muito controlador, muito severo, não a deixava sair ou ir a bailes. Ao mesmo tempo ele a ensinou a dirigir aos 9 anos e aos 14 lhe deu uma móbilete com a qual a mandava sozinha até o centro da cidade.

R, por sua vez, aos 14-15 anos, fugia à noite com o carro do pai e ia tirar racha. Sua casa vivia cheia nos fins-de-semana, sempre em clima de festa. Embora tivessem muitas paqueras, o pai não deixava namorar. Assim foram namoros mais platônicos e às escondidas. Tinha decidido não namorar mais por causa da interferência do pai. Saiu com **J** durante os primeiros três meses como amiga. Era uma amizade muito gostosa, iam muito a shows, teatro, etc. Namoraram durante um ano e sempre que podiam ficavam juntos

Montaram um negócio de material elétrico no chaveiro para que ela pudesse ficar mais tempo lá. Eram muito controlados pelos pais, por isso ficaram noivos.

O pai de **R**, ao contrário do que esperavam, não se opôs ao casamento, segundo eles, porque assim se livraria da responsabilidade de cuidar para que **R** não se desviasse do caminho certo.

J queria casar porque tinha certeza de ter encontrado a outra "*metade*" (sic) e ambos sentiam falta de ter um cantinho deles para poder estar mais próximos. Era uma relação de muita confiança, liberdade e identificação mútua, sem cobranças.

O começo do casamento foi muito gostoso, moravam "*numa casa totalmente reformada, muito aconchegante*" (sic) e começaram a batalhar para conseguir o que faltava. Casaram em março de 1980 e em maio de 1981 nasceu a 1ª filha.

Foi uma decisão conjunta, era um complemento para a relação do casal. A gravidez foi muito feliz e muito esperada também pela família pois seria o primeiro neto dos dois lados. O parto porém foi muito angustiante, a criança nasceu prematura com 1kg e 900gr, cianótica e com problemas congênitos: as pernas viradas para trás. Apesar das dificuldades, não desanimaram, nem se desesperaram, procuraram encarar os problemas e ter confiança. **R** brincava com a filha, procurava acalmá-la. Após 3 meses **R** engravidou novamente. No começo se assustou e ficou apreensiva por não saber se seria uma criança normal. Após a cirurgia da filha ter transcorrido bem se acalmou e conseguiu viver a nova gravidez. A gestação e o nascimento do

Em relação à educação dos filhos assumem papéis diferentes, mas complementares. A mãe é mais exigente, mas, ao mesmo tempo, vira moleca e brinca com eles. Por isso acha que é respeitada. O pai é mais maleável, mais afetivo, menos exigente. Conversam muito com os filhos.

A filha é mais ligada ao pai e o filho à mãe embora não seja uma divisão muito marcante. O filho tem medo de se separar dos pais por medo que lhes aconteça algo na sua ausência.

O casal sente-se realizado com dois filhos embora não descarte a possibilidade de ter mais, se "*vier*" (sic). Conversam muito sobre os assuntos relativos à casa e à educação dos filhos.

Se um não aprova a conduta do outro em relação aos filhos esperam e conversam longe das crianças. Sentem que sua relação se solidificou com o tempo, são muito companheiros, trabalham juntos e tem uma sintonia muito grande entre si. Orgulham-se muito de seu relacionamento. Não chegam a brigar, tem temperamentos diferentes — ela é mais nervosa e ele mais calmo. Ela às vezes estoura por alguma coisa externa que a deixa nervosa. Se há alguma coisa na relação é falada na hora.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

A concepção de **G** ocorreu dois anos e dois meses após o casamento dos pais. Houve um período de apreensão

no início da gravidez devido a uma operação da filha mais velha e também devido ao fato de se preocuparem se o segundo filho seria uma criança normal, já que a primeira tinha nascido com problemas. O parto foi normal, a termo, correndo tudo bem. A criança nasceu com 2kg e 600gr, e com 51 centímetros.

G mamou no peito até 5, 6 meses. Era muito guloso e vomitava depois da mamada até os 4 meses aproximadamente. À noite ele chorava muito se a mãe tirava o peito, então ela dava o peito direto porque achava que era fome. Começou a dar mamadeira à noite e ele passou a dormir. Durante mais quinze a vinte dias dava o peito complementando com mamadeira até que seu leite secou. A papinha foi introduzida aos 4 meses, aceitou bem, era muito guloso. Antes de 1 ano, introduziu os alimentos sólidos que ele não aceitou tão bem. Até hoje não come carne porque tem que mastigar ou porque não gosta. Nunca comeu muito, a mãe sempre empurrou porque era difícil de comer. Na escola já comia sozinho com 1 ano e 8 meses, mas em casa a mãe tinha que dar. Até hoje **G** toma mamadeira de manhã (a mãe leva na cama) e até 1 ano e meio atrás a mãe dava mamadeira após as refeições. Sua preocupação era de prover uma boa alimentação já que os dois filhos eram "*ruins de comer, tinham preguiça*" (sic).

G não dormia até os 4 meses de idade, até que a mãe começou a dar mamadeira. Aí passou a dormir bem. Sempre dormiu no mesmo quarto com a irmã. Até há dois meses atrás quando tinham empregada ia para a cama da mãe de manhã após o pai ter saído. Nos fins-de-semana as duas

crianças vão para a cama dos pais.

G foi um bebê firme, sentou com apoio aos 4 meses e sem apoio aos 6 meses. Engatinhou pouco após os 7 meses, ficava muito em pé segurando nas coisas. Andou sozinho com 1 ano e 1 mês. Com 1 ano e 6 meses já não usava fralda à noite e com 2 anos não usava mais fraldas durante o dia mas até os 3 anos não controlava ainda totalmente, "pingava um pouco"(sic). Aos 7 meses, já tinha horário e, a mãe o sentava na privada no meio de suas pernas.

Frequentou a mesma escolinha desde 1 a 8 meses até os 5 anos. Vivia no "mundo da lua"(sic) mas os pais, na época, não perceberam. Depois disso trocou de escola três vezes e de professora várias vezes. Faz as lições espontaneamente e, em geral, é muito concentrado.

É uma criança que tem facilidade de estabelecer contatos com outras crianças. Se relaciona preferencialmente com meninos mais velhos de 12-15 anos, vizinhos e amigos do clube. Seu melhor amigo é um primo de 13 anos.

Difícilmente expressa raiva e quando é frustrado, choraminga, faz manha, insiste. Nas brigas com meninas fica sentido e choraminga, mas com os colegas se defende. É uma criança alegre, preocupada com os pais e com o bem-estar das pessoas e está perdendo a timidez.

Manifestou curiosidade sexual por volta dos 7 anos, fazendo perguntas, manipula-se, faz comentários sobre o tamanho.

Não chupou chupeta, mas chupava dedo até um mês atrás e um cobertorzinho (Biu). Deixou espontaneamente.

Tem medo de assalto, de alguém entrar armado em ca
sa e se preocupa em deixar os pais sozinhos em casa ou
se a casa está bem fechada.

Tinha dores de garganta frequentemente, a cada 15
dias, até os pais passarem a tratar com homeopatia, de
3 anos para cá. Agora é muito raro, talvez uma vez por ano.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELO PAI

1º DESENHO

Comentários:

Ele: - Não sei desenhar direito, eu faria a minha família.

Estória:

Os pais que se amam muito ... dois filhos que eles gostam, amam muito... a reciprocidade dos filhos, companheirismo, união, todos dividem tarefas se ajudando...lazer todos juntos.

Título: Família Feliz.

2º DESENHO

Comentários

Ela: - Vai ser a mesma.

Estória:

Seria a mesma estória porque eu me sinto realizado com a minha família. Sinto orgulho dela — não deixa nada a dese-

3º DESENHO:**Estória:**

Uma família, uma vez o pai ficou doente, acamado e as crianças vinham fazer companhia para ele, lhe davam remédio, conversavam, tranquilizavam que o comércio estava tudo bem; tudo sob controle, e torcendo para que ele sa-asse logo.

Título: O restabelecimento do Papai.

Inquérito:

P: - Qual a doença?

Ele: - Suspeita de meningite, dor de cabeça muito forte — foi logo descartada, foram feitos alguns exames, tomou medicação, logo sa-rou — foi por um curto período. No caso era eu que estava doente, não me recorde que doença foi diagnosticada. Precisou vir uma pessoa tirar sangue — o médico veio em casa também. Em questão de uma semana não havia mais nada.

- Logo se restabeleceu e todos ficaram contentes.

P: - O que aconteceu para o pai ficar doente?

Ele: - Segundo o médico foi um vírus de gripe muito forte que causa dor de cabeça.

4º DESENHO**Comentários:**

Pede para modificar os desenhos anteriores. Eram dois meninos — apaga as pernas de um deles em cada desenho e desenha uma saia no lugar

Estória:

Esse desenho corresponde ao desenho cujo autor apesar de não saber desenhar tem sentimentos de uma família completa, uma família realizada em que o pai percebe que todos são felizes, todos se expressam com clareza, todos demonstram ser muito felizes. É um casal que tem um casal de filhos que todos se amam muito.

Título: Uma Família Feliz.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELA MÃE**1º DESENHO****Estória:**

Uma tarde de domingo chuvosa, Joaquim resolve contar uma estória a seus filhos, todos acendem a lareira e vão para ouvir a estória, todos muito à vontade. Joaquim conta sua estória, logo em seguida começam a jogar outros jogos propostos por um de seus filhos. Observam a chuva cair através da janela, observam o verde fora da janela, que está úmido. Aos poucos a chuva se vai, isso já é noite e eles resolvem ir se deitar.

Na segunda levantam cedo, cada qual com seu objetivo. O dia se passa com muita rapidez e logo mais à noite retornam para seu cantinho aconchegante aonde cada qual conta sua experiência do dia. Aproveitam o momento para fazer suas lições, expor suas dúvidas e assim, novamente vão se deitar.

Título: O Domingo Chuvoso

2º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Seria essa mesma.

Estória:

R e **J** levantam-se cedo e vão correndo buscar o jornal e o leite num domingo ensolarado. Logo em seguida ao chegar em casa encontram mãe e **G** quase prontos para ir ao clube, só esperando eles chegarem.

Todos se animam, tomam um café rapidamente, pegam suas mochilinhas, tratam dos cachorros, vão direto para o carro para se dirigirem ao clube. Chegando lá, **H** e **G** caem logo na água. **R** e **J** tomam um pouco de sol, vão até a lanchonete, tomam um refrigerante. Logo vão se juntar aos dois que estão na água, dão um longo mergulho — retornam novamente para tomar sol. Logo vão lanchar com as crianças, vão jogar bola ou fazer outras atividades à tarde. Logo retornam para casa, todos cansados e loucos por um banho e em busca de um cantinho aconchegante. Dirigem-se todos para a sala, ouve-se um som e vão se deitar.

A semana passa com muita rapidez por todos estarem ocupados entre si e cada um com seus afazeres. Novamente vem um domingo e eles podem passar o dia mais tranquilos e mais juntos, fazendo muitas atividades.

3º DESENHO**Estória:**

Papai não amanheceu muito bem. Foi ao médico com mamãe e ele pediu para que fizesse repouso até melhorar. Voltando para casa papai deita-se, toma seus remedinhos e todos ficam muito apreensivos por uma rápida melhora. Todos se colocam à disposição para que possam ajudar no que for preciso. Apesar de brincarmos, sempre preocupados com a melhora. Além dos remédios vamos dar muito carinho para que logo retorne ao convívio normal com muitas brincadeiras e o estar bem. Passados três dias o remédio fez efeito, houve a melhora e todos voltaram a sorrir. Todos relaxaram mais, acabou a apreensão e mamãe e papai e os filhos voltaram ao seu convívio normal sem ninguém dodói.

Título: Papai não está bem.

Inquérito:

P: - O que ele tinha?

Ela: - Papai estava com amigdalite e essa amigdalite provocou febre, mal-estar, cansaço físico, tosse.

4º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Gostaria de fazer numa roda.

Estória:

J veio com uma de suas idéias maravilhosas: "Voces topariam ir para a Bahia acampar e passar uns dias nessas férias?" Obviamente todos ficaram muito excitados pelo passeio, começou-se os preparatórios, convidamos alguns amigos, eles aceitaram, passaram 15 dias na Bahia. Partimos então no começo de janeiro. Nossa viagem foi muito gostosa, muito cheia de novidades, tanto para as crianças como para nós. Houve conhecimentos novos, situações novas, belos visuais, muita estrada, muita cultura diferente, enfim houve uma modificação do comportamento dos quatro. Cada qual pode perceber que ninguém é dono da situação, é seguro o suficiente a ponto de que não precise do outro. Pegamos muito sol juntos, sentamos para conversar, contar piadas ao anoitecer, passeamos o máximo de tempo, enfim, o nosso retorno foi de muita felicidade estampada no rosto de cada um.

Título: A viagem relâmpago.

O desenho

1

2

Papai não está bem

3

A namorada da papai

4

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS POR G

1º DESENHO

Estória:

Era uma vez o meu pai foi no Clube do Continental e foi nadar. Quando ele saiu de casa estava um sol maravilhoso e quando chegou lá viu que ia dar uma tempestade. Aí voltou para casa e falou: *"queria tanto nadar, mas não posso"*. Aí minha mãe foi lá. *"Agora dá para mim nadar"*. Nadou, nadou, nadou. Agora vou voltar para casa e trazer o **G**, a **H**, o **J**. O **J** falou que ia começar a chover. O **G** falou: eu vou com a mãe no Continental. A **H** também quis ir. Aí foram os três: **G**, **H** e a mãe. Aí não choveu. O pai ficou furioso. Depois de uma semana quis ir ao clube: *"já que eles foram, eu também vou."* Os três passaram porque já tinham feito exame médico. O pai voltou para casa porque tinha esquecido o dinheiro. Voltou, fez exame médico e foram nadar os quatro, felizes.

Título: O pai que queria nadar.

2º DESENHO

Estória:

Um dia o amigo da **G** comprou uma extra-light. O **G**

nota preta. Ele queria ganhar uma dela também porque era leve para andar. Ele chamou a mãe dele, e ela disse:

- "G, eu não posso comprar agora porque estou gastando uma nota preta na casa — olha como está meu quarto — o gesso caindo no canto, tudo emendado."

- "E quando acabar a reforma você compra para mim?"

- "Compro".

Daí, ele chamou o pai dele e disse:

- "Por favor compra uma bicicleta igual à do Rica".

Ele:

- "Também não posso - tenho que consertar meu quarto, colocar pedras no corredor, vou gastar uma nota preta".

Daí eu aguentei até acabar a reforma e ganhei uma extra-light e fiquei andando com meu amigo, feliz.

Título: Minha família nadando no dinheiro.

3º DESENHO

Estória:

Minha tia fumava muito. Ela ficou muito velha e foi ficando cada vez mais fraca. Um dia caiu da cama e quebrou a perna. Ficava todo o dia na cama, quase não conseguia respirar. Estava quase indo embora. Foi muitas vezes pedir para minha mãe se poderia ficar em casa, mas minha mãe não ia poder fazer quase nada no trabalho dela. Falou:

- "Terça-feira venho te buscar".

E pensou, pensou:

- "Então não vai dar para buscá-la". Vou chamar o Carlitinho. O Carlitinho falou:

- "Vou trazer ela para cá mesmo". Daí ela foi melhorando — ele foi tratando dela cada dia. Depois que ela ficou melhor, foi ficando cada vez mais fraca, até que um dia não pode aguentar e teve que morrer.

Minha mãe não pode ir no enterro porque ela estava longe de onde Tia Nenê morreu. Ela foi na missa, mas graças a Deus não morreu na mão da minha mãe.

Aí ela foi esquecendo e esqueceu.

Título: A tia Nenê doente.

Inquérito:

P: - Por que graças a Deus não morreu na mão da sua mãe?

A: - Porque senão não ia poder explicar para os primos e para os irmãos, porque eles iam ficar apavorados como ela morreu.

4º DESENHO

Estória:

Eu estou estudando. Eu estava na 1ª série. Minha mãe desde o começo do ano começou a pegar no meu pé:

- "Faz lição, faz lição". Eu gostava de fazer de

manhã, mas ela queria que eu fizesse à noite — viu como é bom — agora você pode brincar de manhã, ontem à noite você não ia poder brincar. Foi desde o começo do ano assim comigo. Por sorte dela nós passamos de ano sem reforço, só com o reforço dela. Aí ficamos de férias felizes com meu avô, minha avó, meu tio, minha tia, meu priminho.

Título: O final de ano.

Inquérito:

P: - Porque por sorte dela?

A: - Porque ela pegou no pé da gente e fazia a gente estudar todos os dias — ela ficou feliz e falou: - "*Viu como foi bom?*". E nós também ficamos felizes porque passamos de ano.

2

1

4

3

7.2. SÍNTESE

A história mostra que J (pai de G) sempre teve total apoio da família, sentia-se contido, respeitado, mas ao mesmo tempo não expõe qualquer ordem de dificuldades, problemas ou desencontros — descreve uma família unida, ideal, onde os problemas sempre são resolvidos pelos pais. Coloca-se como um filho adaptado às exigências dos pais (a rebeldia ficou para o irmão), define-se sempre como um "bom" filho, um "bom" menino, um "bom" rapaz, todos o querem, é muito desejado.

Por outro lado, R (mãe de G), única menina da casa conta que foi muito protegida, sobretudo pelo pai, que acabou sendo sua companhia em sua infância. Revelou uma dificuldade no contato com sua mãe. De qualquer forma eram provedores, de conforto, mas não de atenção e amor. Em casa representava o papel da "boa" filha e da filha prodígio mas, na adolescência e fora da casa, buscou dar vazão aos seus impulsos, mostrando sinais de pouca crítica sobre eles — se propunha a experiências perigosas.

Ambos, portanto, revelam que partes de seu ser não puderam ser contidos pelas suas respectivas famílias levando-os à não experiência (no caso de J) ou a negação e contenção (no caso da mãe).

Repassem essa experiência na relação com seus filhos — suprem o exterior, dando conforto, diversão,

oportunidades — mas não os contém por inteiro, desejam ter um contato com a parte mais integrada, mais tranquila.

São portanto, presentes, por um lado, e completamente distantes, de outro, não entram em contato com a realidade psíquica de seus filhos não fornecendo a eles, portanto, a possibilidade de se ver e encontrar sua identidade.

G demonstrou ter vindo um bebê voraz, que lutava pela satisfação de seus desejos de forma muito presente (chorava muito quando a mãe tirava o peito) e acabava por encontrar a aquiescência da mãe nos seus primeiros cinco meses (mamava quando queria), mostrando a dificuldade de lidar com a separação. Vomitava após as mamadas, como quem põe fora algo ruim que vem junto o leite, talvez a introjeção de seus impulsos agressivos em direção ao seio. Demonstrava a presença de ansiedades persecutórias, confusionais intensas nos primeiros meses, como se revelassem uma falta de acolhimento, de um colo continente, tranquilizador — a calma era estabelecida no seio (relação simbiótica). Assim, proporcional aos seus impulsos, precisava de uma mãe muito presente, mas parece não ter sido o que aconteceu pois G, ao complementar 1 ano e 8 meses, iniciou sua escolaridade, cuja adaptação inicial mostrou-se difícil.

De um lado aparece uma criança que necessita a experiência emocional com sua mãe para conter-se e acalmar-se e de outro, talvez uma mãe assustada com seu bebê.

que para acalmá-lo se mistura com ele (dá o seio), afasta-o de si (escolaridade precoce) ou o ilude com sua presença, mantendo a mamadeira até hoje (8 anos) como que para simbolizar o cuidado e a atenção para com o filho.

G parece lidar mal com as frustrações, com as etapas de seu desenvolvimento: apresenta dificuldades alimentares até hoje, talvez como manifestação da dificuldade de se separar do seio e de sua mãe, que também reaparece na sua relação com a escolaridade.

Observamos que G procura manter uma relação mais privativa com a mãe e busca formas alternativas de encontrá-la, entre elas suas dificuldades escolares, encontrando na figura materna campo para a realização da fantasia de que ainda é um bebê e que não precisa resolver seus problemas e suas atribuições, assim não percebe a necessidade de limitar seus desejos e impulsos, evita o sofrimento e não pode encontrar-se, ser o que é e posicionar-se dentro da família e na vida, condição também da própria mãe que, possivelmente desta forma, se afasta do confronto com seu próprio papel.

Ambos tanto a mãe como o pai, mostram dificuldades de entrar em contato com a própria realidade psíquica, com suas emoções, sofrimentos e frustrações. Criam para tanto, mecanismos de defesa como a evasão, a negação e a idealização, o que os leva a submeter-se à realidade, sem crítica ou transformação, como forma de encontrar a

alegria e a satisfação. Valem-se de modelos, clichês de felicidade — "*todos juntos fazendo algo*", mas é apenas uma experiênica aparente, pois ambos se sentem sós, não vistos e não expressam suas necessidades. Empobrecem seu relacionamento e a construção de uma nova família, que é calcada, basicamente na atribuição de papéis, com suas respectivas funções de pai e mãe. Não podem "*ser*" nestas relações, como se não soubessem o que é ser pai e mãe, embora se comportem como tal.

As queixas, dentro desse funcionamento familiar, não podem se manifestar. Cada um tem que estar sozinho nos problemas, o que não é exteriorizado não existe, e conflitos internos não podem existir porque a família é feliz. Essa pode ser uma das causas dos sintomas da criança aparecerem fora da casa, na escola.

Tem que aparecer uma família feliz onde os aspectos infelizes tem que ficar recolhidos e manejados individualmente. Assim, uma parte da energia psíquica fica presa para resolver problemas internos, sobra pouco para lidar com as dificuldades exteriores.

Dentro desse contexto, G não pode expressar seus sentimentos de raiva, hostilidade, inveja, tem que contê-los, talvez por isso expresse o desejo de satisfação imediata — se atendido, se acalma. Mesmo assim, revela a falta de continência afetiva, consegue apenas uma satisfação concreta, que aplaca, não desenvolve e não acalma.

Demonstra sentir-se insuficiente para conquistar os verdadeiros cuidados de que precisa e o amor da mãe. Parece não acreditar num eu independente, liga-se à mãe para sentir-se forte, seguro; caso contrário pode morrer. Essa ilusão, dificulta que ele se depare com as próprias limitações e dificuldades e possa desenvolver uma solução para elas, embora seu desenvolvimento. Usa como referencial a crítica da mãe sobre a realidade "*o que é bom para ela, é bom para mim*" — e perde com isso, à custa de manter um vínculo simbiótico, o prazer de encontrar sua própria identidade e satisfazer-se com suas realizações.

Por outro lado, coloca também os pais como interessados mais em si mesmos que nos filhos e suas necessidades, além de revelar uma figura paterna muito distante.

Talvez um pai que não pode dar conta de que cresceu e acumulou experiências que o possibilitariam lidar com a realidade, coloca-se como frágil, infantilizado, talvez mais como filho, quem sabe para manter-se em sua família original, onde tinha os cuidados de mãe e do pai.

Se os pais são filhos, os filhos estão sós, desamparados, por isso a defesa é não olhar para suas necessidades, deparar-se com ansiedades confusionais e de abandono. Sente-se excluído da relação, assim ter problemas na escola, acaba sendo uma forma de tornar-se objeto de interesse deles, especialmente da mãe.

CASO 8**8.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO**

NOME: F

IDADE: 8 anos

NASCIMENTO: Fevereiro/82

SEXO: Masculino

ESCOLARIDADE: 2ª série

PAI: A

IDADE: 36 anos

ESCOLARIDADE: Colegial

PROFISSÃO: Gerente Administrativo

MÃE: L

IDADE: 33 anos

ESCOLARIDADE: Colegial

PROFISSÃO: Prendas domésticas

APRESENTAÇÃO

F foi trazido por seus pais quando tinha 8 anos por apresentar problemas escolares desde os 3 anos de idade.

Demonstra imaturidade emocional, falta de atenção e memorização, dificuldade na produção escrita-reescrita. Para executar tarefas escolares ele necessita da presença da mãe. Além dessas questões, no relacionamento com os amigos é retraído e dominado nas brincadeiras, *porém parece entusiar-se quando há bagunça na sala de aula, sendo que a professora muda-o de lugar pois nesses momentos torna-se perfeito moleque de rua* (sic).

É uma criança dócil, mas a partir do momento que entrou na 1ª série. Tornou-se agressivo: responde para os pais quando não quer cumprir uma ordem que lhe é dada e bate na irmã quando está insatisfeito com alguma coisa que ela lhe fez.

A mãe relata ser extremamente preocupada em relação à **F**, *"nem deixo brincar na rua; acho que sou super-mãe" e talvez isso o influencie. Sinto também que o pai faz diferença entre ele e a irmã, às vezes acho que **A** o rejeita e é por isso que ele briga com a irmã por qualquer motivo* (sic).

F tem uma irmã mais velha de 10 anos. Os pais tem nível secundário completo e sócio-econômico médio; a mãe dedica-se apenas aos afazeres domésticos e acompanha os filhos em todas as atividades. *"Não permito que eles vão à escola, com amigos ou ônibus escolar. Tenho receio que possa acontecer alguma coisa"* (sic).

GENOGRAMA TRIGERACIONAL DA FAMÍLIA

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE F (A)

A é o segundo filho da família. Ficou órfão por parte de mãe desde muito cedo passou algum tempo morando com vizinhos e posteriormente seu pai casou-se e passou a morar com o pai e a madrasta.

Desse segundo casamento não há filhos, pois a madrasta não podia tê-los.

O seu relacionamento com seu pai sempre foi muito bom, mas este viajava e a maior parte do tempo ficava com a madrasta. Seu pai faleceu há 12 anos.

O irmão mais velho de **A** após o segundo casamento de seu pai, passou a morar sozinho e era muito aventureiro, viajava muito, cada hora estava em um lugar, e mantinha pouco contato com a família, casou-se, desquitou-se e desde 1983 que não mantém contato com **A**.

A madrasta de **A**, sempre foi uma pessoa muito dinâmica, adora viajar e o fez com frequência, às vezes sem acusá-lo deixando-o preocupado. É professora do curso colegial, leciona Biologia e vai aposentar-se no fim de 1991.

A não tem informação sobre seus avós paternos pois seu pai veio fugido da Suíça na época da guerra. Em relação aos avós maternos também não tem informações.

MÃE DE F (L)

L é a mais novas dos três irmãos, tendo o mais velho se casado e constituído família, e o outro é solteiro e mora com seus pais.

Na família de **L** todos os homens tem o mesmo nível de escolaridade, exercem a mesma profissão, e trabalham na mesma empresa. Atualmente, o pai aposentado e tem um sítio em Minas, onde praticamente fixou residência, vindo esporadicamente à Santos, onde a família reside. A mãe de **L** passa parte do tempo no sítio, com o marido e outra parte em Santos com o filho solteiro.

L e sua família moram em São Paulo. Constantemente visitam os irmãos em Santos ou a família toda reúne-se no sítio.

A família é muito unida, mantém ótimo relacionamento, todos são muito apegados, *"se vou sair de casa o dia todo, aviso meus pais e meus irmãos, pois se eles me telefonam e eu não atendo o telefone todos ficam preocupados e vice-versa"* (sic).

O relacionamento de **L** com sua mãe é muito bom, o mesmo ocorrendo com pai e os irmãos.

O casal se conheceu num clube, num baile. **L** nunca saia de casa sozinha e o dia em que saiu, conheceu o **A** e em seguida iniciou o namoro. Nessa época, **L** trabalhava na mesma instituição bancária que **A**, mas em agências diferentes.

O namoro durou 5 meses e em seguida **A** propôs noi-vado e **L** aceitou. Após um ano e sete meses de noivado, **L**

e **A** decidiram casar e nesse período já haviam construído a casa e mobiliado.

As famílias de **L** e **A**, sempre aceitaram o casamento e se relacionam muito bem. Após o casamento **L** continuou trabalhando, porém em outra instituição bancária.

Decorridos três meses do casamento, **L** engravida de sua primeira filha e quando está no nono mês de gravidez, **L** pára de trabalhar pois **A** havia sido transferido para outra cidade na qual não havia agência da instituição bancária em que **L** trabalhava.

A família permaneceu nessa outra cidade um período curto, mais ou menos cinco meses, e em seguida **A** é transferido novamente para a cidade de origem e nessa época **L** estava grávida de **F**, que nasceu em Santos. Depois de mais algum tempo, vieram para São Paulo.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

A gravidez de **F** não foi planejada. Engravidou quando a primeira filha tinha um ano e dois meses e se sentiu mais experiente nesta segunda gravidez. "*Na primeira gravidez não consegui amamentar*"(sic).

Quando soube que estava grávida ficou muito contente, pois sempre quiz ter filhos, até mais que dois, — "*ele (A) quem quiz só dois*" (sic). **A** menciona querer só dois filhos, para poder cuidar bem, inclusive economicamente

poder assisti-los da melhor forma possível.

No período da gravidez de ambos teve pré-eclampsia. Na primeira foi percebido a partir do 7º mês — e na 2ª já teve acompanhamento mais específico desde o segundo mês.

F nasceu de 9 meses completos e parto cesária pois estava em sofrimento fetal e com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Apresentou alteração nos batimentos cardíacos, sendo diagnosticado sopro cardíaco. Pesou 3.650 kilos e mediu 49 centímetros.

Durante os primeiros 3 meses, seu desenvolvimento foi normal nunca usou chupeta, nem mamadeira, foi amamentado até dois anos e meio e mamava quando tinha vontade, quando bebê nunca interrompeu seu sono para lhe dar o seio diz a mãe. Aos três meses, foram introduzidos sucos, papas de frutas e aceitou muito bem esses alimentos. Come bem e tem tendência a comer muito.

O sono de **F**, sempre foi tranquilo desde bebê. Atualmente baba no travesseiro e ronca baixo. Até um ano e meio dormia no quarto dos pais, por ser mais prático para amamentação (sic).

No que se refere ao desenvolvimento motor, com mais ou menos um ano, começa a engatinhar e foi se firmando, adquirindo maior estabilidade até chegar a andar. Nessa mesma época começa a falar. Por volta de 4-5 anos, foi encaminhado à fonoaudióloga pois falava pelo nariz; após a cirurgia de adenóide, aos 5 anos, fez algumas sessões de fono para estética, pois devido a adenóide respirava de boca aberta e foram necessários alguns exercícios de correção.

Apresenta boa coordenação motora fina, é canhoto e faz as atividades vagarosamente.

Aos cinco anos quando foi submetido à cirurgia de adenóide fica hospitalizado por algumas horas em companhia de seus pais. A mãe de F mostrou-se preocupada, apesar de saber que é uma cirurgia comum em crianças. Nessa mesma época, após alguns meses, teve catapora e também foi cuidado com muita atenção por parte de sua mãe.

Passados alguns meses, nesse mesmo período (5 anos), foi mordido por um cachorro (da vizinha) de forma brusca e violenta, sendo submetido à uma pequena intervenção cirúrgica levando 25 pontos externos-internos e tomou uma série de remédios e vacinas. Este incidente os pais relataram como sendo uma experiência muito dolorosa e difícil.

Os pais mencionam que F é uma criança corajosa, não chora quando se machuca, e demonstra preocupação com sua mãe, que às vezes considera muito sensível. Procura confortá-la dizendo *"que está tudo bem e que dói só um pouquinho"* (sic).

Aos oito anos quando voltava da escola, caiu, cortou o queixo e levou cinco pontos.

F demonstra interesse em fazer amizades, entretanto é sempre liderado nas brincadeiras. Adora ir às festas, inclusive comemorar o seu aniversário que geralmente faz com os amigos da escola (na própria escola) e familiares (em sua casa ou casa dos avós).

Diante das frustrações, geralmente fica emburrado, mas é por pouco tempo, depois *"parece esquecer"* (sic). Atualmente parece estar mais nervoso e agressivo, *"está mais com jeito de moleque"* (sic). É afetivo principalmente com a

mãe. No que se refere à sexualidade, às vezes se masturba e comenta sobre a "*transa dos amigos no banheiro da escola*"(sic), os pais se referem à esse assunto apenas quando F pergunta algo a respeito.

F foi para a escola com 3 anos e desde então já haviam queixas sobre sua falta de atenção, dificuldade de memorização e distração.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELO PAI**1º DESENHO****Comentários:**

Ele: - (ri) Isso me mata.

- Desenhar pessoas.

Estória:

Uma família normal, todos parecem viver bem, demonstram felicidade pelo sorriso e vão levando a vida.

2º DESENHO**Comentários:**

Ele: - Não sou bom desenhista, você me mata, vou tirar xerox — esse aqui ficou mais manco.

Estória:

Uma família, alegre e feliz; demonstram tranqui-

lidade, paz, vivem em harmonia e vão levando a vida de novo.

3º DESENHO

Estória:

O pai da família (o marido) deve ter sofrido um acidente e infelizmente encontra-se numa cadeira de rodas, porque quebrou a perna. Mesmo assim estão todos tranquilos, porque não é nada de mais sério e grave.

4º DESENHO

Comentário:

Ele: - Chega de família, tenho que apontar o lápis.

Estória:

Todos alegres demonstram que vivem felizes, sem
preocupação e vão levando a vida.

Obs.: Negou-se a dar títulos para as estórias.

4

3

/

2

1

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELA MÃE

1º DESENHO

Comentários:

Ela: - Difícil! ... Tem que desenhar mesmo, não tem jeito né? Vou tirar zero nessa prova.

Estória:

Minha família, estão sorrindo, pousando para uma foto. Estão felizes porque acho que estão passeando, estão visitando o zoológico e se divertindo como que estavam fazendo. No caso, minha família toda gosta de animais. Viram os animais e saíram satisfeitas do zoológico.

2º DESENHO

Comentários:

Ela: - Para mim é a minha família mesmo, não queria mudar em nada. Pra mim do jeito que está, está ótimo exceto os imprevistos como esse, vir procurar alguém mais experiente, mas acho que isso não é nada, porque exis-

Estória:

Era uma vez uma família, na qual a menina e o menino estudavam e a menina praticava esporte, após certo tempo houve uma competição. Aí meu marido saiu para o trabalho e a mãe e seus filhos foram para a competição torcer. Nesse dia, infelizmente o dia em que ela participava não ganhou. A menina ficou chateada mas eu disse que não importava, que o que vale é a experiência de ter jogado. Aí fomos embora conversando à respeito e se conscientizando que no próximo jogo tentaria fazer o melhor.

3º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Bem fisicamente ou psicologicamente, porque aí fica difícil... Minha sogra não sei, se meu marido falou...

Estória:

Num sábado de manhã fomos fazer uma visita para toda a família. E como sempre fazemos, de tarde fomos à casa da minha sogra. Chegamos lá, entramos, mas logo per

cebemos que ela estava nervosa, porque estava inquieta, com rosto sério, e conversando. Percebi que estava muito nervosa, porque esperava uma ligação que não chegava — estava muito ansiosa, não falava em outra coisa, só nisso e como sempre só comenta comigo e não com o A; ele (A) estava lá fora no jardim sempre mexendo em alguma coisa, até que a hora foi passando, já era noite e nós fomos embora.

Comentários:

Ela: - Minha sogra tem 62 anos e se apaixonou por um rapaz de 23 anos, é um absurdo, isso mexeu com a cabeça dela, eu e o A nem gostamos de comentar. Não sei se ele falou aqui.

4º DESENHO

Comentários:

Ela: - Pode ser família dos meus pais, é família mas por um outro grupo.

Estória:

Algum tempo atrás, tinha uma família de cinco pessoas, Sempre que podiam saiam a passeio. Se bem que quase sempre iam numa praia, um pouco mais afastada. Chegando lá, tomavam banho de mar, brincavam, passeavam pela praia, descansavam, passavam algum tempo conversando e sem ao menos perceber, passava o dia rápido e já estava ficando escuro e já era hora de ir embora.

Mas no caminho conversavam à respeito de quanto foi gostoso aquele pic-nic, e com certeza de que não seria o último.

Obs.: Não deu o título das estórias.

2

296

4

1

3

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS POR F

1º DESENHO

Estória:

Um dia o menino foi passear e o papai também foi junto, e levou o bebezinho e chutou a mamadeira para fora, o bebê chutou a mamadeira. E a mamãe teve vontade de bater nele e o papai falou para a mãe não ficar preocupada que ele pega depois. Daí a mãe falou que ia levar o bebê no parque para ver se ele sabia andar nos carrinhos de bater. Daí o bebê foi andar e não conseguiu atravessar nenhum carrinho; a mãe ficou muito brava e nunca mais levou ele no shopping.

Título: O papai, a mamãe e o filhinho.

2º DESENHO

Estória:

Um dia um papai e a mamãe que estava do outro lado, foi viajar para a casa da mãe da mãe (da avó). E como a criança tinha tomado remédio que faz vomitar a criança vomitou dentro do carro. Depois o pai ficou muito bravo e quase bateu o carro e o pai falou que nunca mais ia viajar com você (com o filho dele). A criança começou a cho-

rar. Depois quando eles voltaram era bem de noite e depois o papai falou: deita na cama já, porque amanhã você vai ter que ir para a escola. Aí ele disse para a mãe quando o pai dormiu: mãe posso ligar a TV aqui no quarto? e a mãe respondeu: não filhinho, porque amanhã você tem escola cedo. Aí ele foi para a escola e a noite pensou duas vezes que não queria mais ir para a casa da avó dele.

Título: Um garoto que não queria ir para a casa da avó dele.

3º DESENHO

Estória:

Um dia um menino foi andar de Tobogã, e ele ao invés de ficar sentado, levantou até virar cambalhota e cair lá embaixo. Como caiu muito fundo, a perna virou para frente e o papai e a mamãe dele ficou muito preocupado. Ligaram para o médico para falar se estava bom e o médico disse que mais uma semana vai para casa. Daí ele disse para o médico, por favor deixe sair daqui, o médico disse eu deixo, mas nunca mais você me atrapalha quando eu for fazer exame de uma pessoa.

Título: Um menino infeliz.

4º DESENHO**Estória:**

Um dia né, eu, minha mãe e meu pai, fomos até o sítio da minha avó. Daí quando acordei, tomei meu café e logo fui andar de mobilete. Meu pai disse, chega de andar vai cair, vai quebrar e eu quem vou ter que pagar; e a minha mãe ficou muito preocupada que eu caia e meu avô disse para minha mãe não se preocupar, que eu não ia cair porque já tinha andado várias vezes. E meu avô e meu pai iam buscar capim para as vacas e a minha mãe disse que eu não podia ir porque era muito perigoso, tem cobra lá; e o meu pai disse deixa ele ir porque não vai sair da caminhonete. E o meu pai disse: vamos sim. E a minha mãe teve que vir junto comigo e o meu avô foi pegar capim no meio do mato. E o capim que ele cortava, meu pai pegava e punha na caminhonete.

Minha mãe falou: — você não saia da caminhonete, e eu saí. O capim caía e eu ajudava colocar dentro da caminhonete. Quando meu avô pegou bastante fomos embora para o meu rancho e no dia seguinte fui embora para minha casa. Quando fui embora para minha casa, fui andar de bicicleta, mas achei estranho, porque tinha andado na mobilete do meu avô; aí fui andar na rua e às 5:30 guardei a bicicleta e fui dormir.

Título: Um sítio que tinha uma mobilete.

8.2. SÍNTESE

A (pai de F) em seu relato, traz um luto (perda da figura materna) que parece, aparentemente, não ter tido profunda representatividade, na medida em que, com o 2º casamento de seu pai, incorpora a nova mãe, como se tivesse sido sempre sua. Ao mesmo tempo que a madrasta preenche o lugar da mãe, ele também diz que não dá para contar com ela. Perdeu também seu pai quando tinha 24 anos e encontra-se muito pouco com seu irmão mais velho.

Poderíamos dizer que A tem muitos motivos para não recordar o passado, que vem carregado de vínculos frágeis e desfeitos. Diante de tantas rupturas, onde, por certo, sentiu-se abandonado e reviveu impulsos destrutivos não se observa em sua história momentos de irritação, rebeldia ou agressividade. Ao contrário, coloca-se de maneira conformista diante da realidade, ou se distancia dela e dos possíveis sentimentos que poderia despertar, como raiva, ciúme, inveja, evitando experiências de frustração.

Na sua relação atual, onde é o pai, também evita frustrar o filho, quem sabe por não saber e por manter distantes, sentimentos que não pode expressar.

Em contrapartida, L (a mãe de F), traz a história de uma família unida, calma, afetiva, mas todos parecem indiferenciados, indiscriminados não se pode ver

quem é quem — quem é o pai, quem é o filho (todos trabalham no mesmo lugar identificados com o pai).

O vínculo de L com sua família de origem, parece muito forte, pois até hoje preocupa-se em informá-los onde está, como se ainda fosse a filha (identificada com o papel). Nesta família, que se mostra a "*ideal*", não se vêem sentimentos de hostilidade, ciúme, inveja, o que pode ter contribuído para a permanência no papel de filha e na contenção dos impulsos agressivos do filho, que provavelmente não saberia lidar.

Sejam quais forem as razões, o casal constitui uma família também "*ideal*" (sem problemas e com muito amor), que exclui uma parte da existência de cada um, impedindo a experiência de viver plenamente, ser satisfeito e frustrado e, principalmente a possibilidade de separar a fantasia da realidade, portanto, uma experiência sadia de desenvolvimento, que vai dando ao eu a possibilidade de diferenciar-se e transformar-se.

F demonstrou desde o nascimento uma dificuldade de se separar de sua mãe (cordão enrolado, desmame tardio) desejos esses plenamente satisfeitos pela mãe que atende prontamente seu bebê quando ele quer e até o mantém em seu quarto até 1 ano e meio. Sustenta, portanto, sua fantasia de ligação e dependência. Essa parece ser uma relação tão estreita, que F, às vezes, reage frente à vida de forma mais madura que sua mãe e vice-versa — a mãe parece conter a parte fraca dele e ele a parte forte

dela. Assim reage frente à vida com "coragem" diante de situações difíceis, talvez negando sua realidade psíquica, suas emoções e fragilidade e construindo uma fantasia de onipotência. Demonstra por vezes recursos além de sua capacidade e, em outros momentos, como diante de sua escolaridade, não sabe como resolver seus problemas.

Por todas as situações difíceis pelas quais passou (nascimento, queda, mordida de cachorro), seria esperada a presença de ansiedades e medos frente à vida, sentimentos que não aparecem, ou melhor que ele não permite que apareçam.

Além disso, coloca-se como quem não sente "dor" como se não fosse dono nem mesmo do próprio corpo, e até do próprio eu.

Essa relação "plena" entre ele e a mãe, acaba evitando as frustrações, o que não favorece seu desenvolvimento, não lhe permite formar uma crítica sobre a realidade, sua mãe também parece não ter (amamenta até 2 anos e meio).

Por outro lado uma criança satisfeita não pode demonstrar impulsos de raiva, não haveria motivo. Pode ser esta uma hipótese para uma mãe tão "presente" pois parece difícil para ela entrar em contato com a agressividade de seu filho e a própria.

O pai de F mostra-se frágil, inseguro frente à realidade, que lhe parece ameaçadora e da qual se defen

de negando, ou idealizando. Parece distante de sua realidade psíquica.

A mãe, por outro lado, também se posiciona como alguém sem recursos para lidar com a vida, com tendências a negar ou minimizar as dificuldades e muito assustada com a responsabilidade de ser mãe. Fica identificada com seus filhos, sofre com seus fracassos, vendo-os como derrota, não como uma forma de crescimento, e previne-os o tempo todo da realidade, como se ela só tivesse coisas ruins. Assim leva todos a uma relação intrincada, onde as pessoas não podem reconhecer-se ou identificar-se.

Diante dessa família, com figuras parentais, frágeis, inseguras, despreparadas para a paternidade, ou por ainda serem filhos, ou por não terem vivido essa experiência, colocam F numa situação semelhante ao abandono, onde qualquer proposta de crescimento é sentida como ameaça ao seu sistema de relacionamento. Além disso, seus pais não favorecem a identificação, que leva à conquista da identidade.

O não reassseguramento dos avanços de F dificulta o desenvolvimento da confiança em si mesmo para que possa se reconhecer como pessoa capaz e com limitações — o que pode e o que não pode, o que tem e o que não tem, o que sabe e o que não sabe. A vida torna-se, assim, uma experiência de risco e talvez o retraimento seja uma saída, a negação da realidade psíquica outra.

A dificuldade de discriminar o próprio eu e se ver como um eu independente com capacidade e limites, leva F a uma adaptação ineficaz à realidade, o que não pode ser visto pela família, que insiste no tema da família feliz, unida, idealizada, indiferenciada. Este tipo de ligação camufla a revelação da imaturidade principalmente da mãe, que ainda se coloca na posição da filha, ligada a família original. Ainda parece estar presa ao passado e ao invés de orientar e educar seus filhos, identifica-se com eles.

A mãe apresenta em sua produção uma representação pobre, coartada das idéias e emoções que ela desperta, coincidindo com um dos sintomas do filho — ele tem idéias, mas não consegue transcrevê-las (identificação — mãe - filho).

CASO 9**9.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS****IDENTIFICAÇÃO****NOME:** H**IDADE:** 9 anos**NASCIMENTO:** Maio/81**SEXO:** Feminino**ESCOLARIDADE:** 3ª Série**PAI:** J**IDADE:** 32 anos**ESCOLARIDADE:** 2º Grau**PROFISSÃO:** Comerciante**MÃE:** R**IDADE:** 31 anos**ESCOLARIDADE:** Superior incompleto**PROFISSÃO:** Comerciante

APRESENTAÇÃO

H. segundo seus pais apresenta dificuldades de raciocínio abstrato. Também não gosta de Ciências e Estudos Sociais, tem dificuldades de entendimento acerca de coisas que não consegue concretizar.

Em Língua Portuguesa ela vai bem, é rápida e escreve bem. Tem boa memória, mas às vezes não consegue desenvolver e entender um raciocínio. Ela ora faz as coisas rapidamente, ora não faz nada ou é lenta.

Frente a esses problemas se fecha perdendo a vivacidade que lhe é habitual.

Suas dificuldades são opostas às do irmão menor, que são na área de leitura e escrita. Ela também é mais séria do que ele e às vezes se irrita com suas brincadeiras. Ela é autoritária, brava e superprotetora em relação a ele, mas também é muito afetiva.

H. nasceu com vários problemas congênitos. As pernas estavam em posição de 4 e teve problemas no quadril, joelho e pé. Ficou engessada dos 14 dias aos 4 meses, usava fraldão e aos 8 meses foi operada do pé. Após os 4 meses fez natação. Até a idade de andar já havia feito todo o tratamento e o desenvolvimento foi normal.

Aos 6 anos estava gorda e com escoliose. Desde então faz tratamento com um treinador de ginástica olímpica. No início não sabia nem correr, hoje faz todos os equipamentos, mas não compete.

Ano passado H. fez uma cirurgia plástica para corrigir suas orelhas de abano e talvez ainda tenha que fazer nova cirurgia no pé

GENOGRAMA TRIGERACIONAL DA FAMÍLIA

LEGENDA

ENTREVISTA TRIGERACIONAL

PAI DE H (J)

J vem de uma família pobre mas, segundo ele, muito unida. Tem um irmão três anos mais novo do que ele. Desde os 9 anos trabalhava junto aos pais, fazendo pipas para vender na feira, acompanhando a mãe que vendia roupas de porta em porta ou o pai que fazia carretos.

Aos 14 anos obteve seu primeiro emprego e aos 15 montou seu próprio negócio (chaveiro) com ajuda da família. O pai, embora fosse investigador de polícia, ajudou muito. Hoje trabalham com ele o pai, a mãe e a esposa. O nível de vida da família melhorou a ponto de hoje cada um ter sua casa, o que é motivo de orgulho para **J**.

Segundo **J**, as relações familiares sempre foram muito harmoniosas. Os pais se davam bem, nunca brigavam e eram muito companheiros, além de serem consistentes em relação à educação dos filhos.

O pai é descendente de italianos, fala alto, gesticula muito, parece bravo mas é muito brincalhão. Quando necessário porém, ele é sério e muito respeitado pela família. Também os pais respeitavam muito os filhos, discutindo com eles todos os assuntos. Além disso, confiavam nos filhos. Manifestação disso, para **J**, é o pai ter aberto uma conta conjunta com ele aos 15 anos e o ter colocado como responsável.

A mãe é uma pessoa muito apreensiva, preocupada em relação ao cuidado com os filhos e ao dinheiro, por ser

da roça e ter tido um início de vida muito difícil quando tinha que trabalhar muito. É uma família hospitaleira — sempre abrigaram os irmãos e os cunhados.

O irmão tem um gênio muito forte, um temperamento diferente, tinham diferentes pontos de vista sobre as coisas.

J ajudava a mãe nas tarefas domésticas e depois ia estudar e brincar. Ele se orgulha muito do que é hoje em função da educação que recebeu, que lhe ensinou a ter responsabilidade.

Na escola J sempre foi muito tímido, não participava da turma da bagunça, mas tinha amizade com todos. Não repetiu nenhum ano, mas foi um aluno regular, "média 7". Se dá conta que nunca gostou muito de Português que também é a dificuldade do filho.

Como adolescente também não era de fazer bagunça ou ser irresponsável porque já trabalhava de dia e estudava à noite. Só tinha um amigo que conserva até hoje, embora tivesse vários colegas. Teve poucas namoradas, que não foram marcantes. Ele se interessava pelos problemas das meninas e acabava virando confidente, conselheiro. Elas se apaixonavam muito por ele e sofriam muito por sua causa. Chegou a desmanchar um noivado e resolveu não namorar mais firme até encontrar a pessoa certa. Quando tomou essa resolução conheceu R — no começo foi leve, depois um amor fulminante. Casaram no ano seguinte.

MÃE DE H (R)

R é a mais velha de 3 irmãos, sendo a única mulher. Na sua opinião foi uma criança superprotegida, sobretudo pelo pai, pelo fato de sua mãe ter demorado 5 anos para engravidar o que teria gerado muita expectativa na família. Além disso, aos 15 dias teve desidratação e foi desengana-da pelos médicos o que gerou ainda mais cuidados.

Era neta caçula do filho caçula de modo que foi também muito mimada pela avó até os 5 anos, quando esta faleceu.

Apesar de o pai ser mais superprotetor, o que a incomodava, tem uma ligação afetiva mais forte com ele. Desde os 5 anos de idade foi sua companheira nas viagens - ele vendia coisas nas entradas — participando ativamente.

Sua mãe é uma pessoa fechada, que não mostra os sentimentos. Era muito caseira, não tinha contato com o mundo, estava "*fechada para a vida*". Cuidava da casa e dos filhos, era submissa em relação ao marido e muito depen-dente dele, o que deixava R com raiva. Antes de casar ti-nha outras atividades, das quais abriu mão para se dedicar aos filhos.

O pai de R era forte, decidido, a última palavra era sua. Ele tinha o poder e a mãe tinha medo dele. Tinham um "*carinho distante*" (sic) pela filha. Proviam proteção e não carinho físico. O carinho era dado através da educação, do incentivo, do orgulho.

R sempre foi muito próxima ao irmão menor, praticamente o educou. Já o irmão do meio era mais ligado à mãe.

Ele tinha ciúmes e sempre dava um jeito de **R** apanhar. Hoje se dão muito bem.

R mudou de cidade duas vezes: de Marília para Maringá e de lá para São Paulo, aonde inicialmente teve um pouco de dificuldades para se adaptar.

Na escola participava ativamente e era sempre a primeira a topar as paradas. Era escolhida para fazer teatrinho, cantar, etc. Aos 17 anos já estava cursando Administração de Empresas, mas parou no final do 3º ano por não gostar muito do curso. Antes já havia feito o curso Normal. Seu estilo era o mesmo — sempre rodeada de pessoas, com muitas amigas, disposta a participar de tudo e inventar coisas para fazer. Era extrovertida e comunicativa.

Não se encaixava em nenhuma turma específica, mas participava de todas.

O pai tinha muito ciúmes dela na adolescência. Era muito controlador, muito severo, não a deixava sair ou ir a bailes. Ao mesmo tempo ele a ensinou a dirigir aos 9 anos e aos 14 lhe deu uma mobilete com a qual a mandava sozinha até o centro da cidade.

R, por sua vez, aos 14-15 anos, fugia à noite com o carro do pai e ia tirar racha. Sua casa vivia cheia aos fins-de-semana, sempre em clima de festa. Embora tivesse muitas paqueras, o pai não deixava namorar. Assim foram namoros mais platônicos e às escondidas. Tinha decidido não namorar mais por causa da interferência do pai. Saiu com **J** durante os primeiros três meses como amiga. Era uma amizade muito gostosa, iam muito a shows, teatro, etc. Namoraram durante um ano e sempre que podiam ficavam juntos

Montaram um negócio de material elétrico no chuveiro para que ela pudesse ficar mais tempo lá. Eram muito controlados pelos pais, por isso ficaram noivos.

O pai de **R**, ao contrário do que esperavam, não se opôs ao casamento, segundo eles, porque assim se livraria da responsabilidade de cuidar para que **R** não se desviasse do caminho certo.

J queria casar porque tinha certeza de ter encontrado a outra metade e ambos sentiam falta de ter um cantinho deles para poder estar mais próximos. Era uma relação de muita confiança, liberdade e identificação mútua, sem cobranças.

O começo do casamento foi muito gostoso, moravam *"numa casa totalmente reformada, muito aconchegante"* (sic) e começaram a batalhar para conseguir o que faltava. Casaram em março de 1980 e em maio de 1981 nasceu a 1ª filha.

Foi uma decisão conjunta, era um complemento para a relação do casal. A gravidez foi muito feliz e muito esperada também pela família pois seria o primeiro neto dos dois lados. O parto porém foi muito angustiante, a criança nasceu prematura com 1kg e 900gr, cianótica e com problemas congênitos: as pernas viradas para trás. Apesar das dificuldades, não desanimaram, nem se desesperaram, procuraram encarar os problemas e ter confiança. **R** brincava com a filha, procurava acalmá-la. Após 3 meses **R** engravidou novamente. No começo se assustou e ficou apreensiva por não saber se seria uma criança normal. Após a cirurgia da filha ter transcorrido bem se acalmou e conseguiu viver a nova gravidez. A gestação e o nascimento do segundo filho correram muito bem.

Em relação à educação dos filhos assumem papéis diferentes, mas complementares. A mãe é mais exigente, mas, ao mesmo tempo, vira moleca e brinca com eles. Por isso acha que é respeitada. O pai é mais maleável, mais afetivo, menos exigente. Conversam muito com os filhos.

A filha é mais ligada ao pai e o filho à mãe embora não seja uma divisão muito marcante. O filho tem medo de se separar dos pais por medo que lhes aconteça algo na sua ausência.

O casal sente-se realizado com dois filhos embora não descarte a possibilidade de ter mais, se "*vier*" (sic). Conversam muito sobre os assuntos relativos à casa e à educação dos filhos.

Se um não aprova a conduta do outro em relação aos filhos esperam e conversam longe das crianças. Sentem que sua relação se solidificou com o tempo, são muito companheiros, trabalham juntos e tem uma sintonia muito grande entre si. Orgulham-se muito de seu relacionamento. Não chegam a brigar, tem temperamentos diferentes — ela é mais nervosa e ele mais calmo. Ela às vezes estoura por alguma coisa externa que a deixa nervosa. Se há alguma coisa na relação é falada na hora.

ENTREVISTA DE ANAMNESE

H foi uma criança desejada pelos pais. Sua concepção deu-se três meses após o casamento e não havia preferência por um sexo específico.

A gestação transcorreu sem problemas.

O parto foi realizado por uma parteira na maternidade. H nasceu cianótica e com as pernas "*víradas para trás*" — ficou com as pernas em 4 durante a gestação.

H pesava 1 kg 940 gramas e media 52 cm. Ela não tomou leite materno, ficou 9 dias na estufa, onde tomava mamadeira. Quando foi para casa tomou um mês e meio de leite materno e mamadeira, mas a mãe desistiu de dar o peito porque ela não mamava muito e preferia mamadeira. Até hoje a mãe dá mamadeira de manhã e à noite porque ela não se alimenta bem.

A passagem para a papinha foi muito difícil. H não aceitava papinha caseira — gostava de uma da Nestlé. Também nunca gostou de frutas. A passagem para os alimentos sólidos deu-se com menos dificuldade. H sempre foi gordinha, embora não comesse muito. Os pais insistiam para que comesse, empurravam, faziam "*aviãozinho*" e usavam uma técnica de separar a comida em montinhos "*que não eram para ela comer*"(sic) — aí ela comia. Não tiraram a mamadeira, porque complementavam a alimentação insuficiente com o leite, então, se comia um pouco já estava bom.

H chorava muito quando bebê até 3 a 4 meses para tomar banho, não gostava de tirar a roupa.

Ela dorme no quarto com o irmão menor e necessita que o abat-jour do corredor fique aceso. Fala dormindo e algumas vezes ano passado (aproximadamente em maio/junho de 1989) acordou assustada e foi para o quarto dos pais. Segundo os pais, a mãe de uma empregada contou histórias que metiam medo de bonecas que tinham vida à noite e vinham enforçar.

Apesar dos problemas congênitos que teve, **H** teve um desenvolvimento dentro dos padrões normais. Sentou aos 4 meses com apoio, aos 5 meses sem apoio, engatinhou de 8 meses a 1 ano, andou com ajuda aos 10 meses e sem ajuda com 1 ano e 1 mês. Caía com frequência por causa da bota que usava.

H ficou engessada até os 3 meses — a perna direita inteira e a perna esquerda até o joelho. Usava, também, um fraldão no quadril para fazer rotação das pernas a 180°. Aos 3 meses e meio começou a fazer natação e aos 5 meses fez uma cirurgia para alongamento do tendão do pé. Talvez necessite fazer nova operação aos 11 ou 12 anos. Aos 5 anos tirou radiografias e descobriu-se que tinha escoliose. Para corrigi-la faz ginástica olímpica.

A escola ajudou muito a mãe na questão do controle esfinteriano de **H**. Com 1 ano 6 meses começou a colocá-la no pinico. Ela às vezes fazia e às vezes não, levantava e fazia na calça 15 minutos depois. Aos 2 anos e meio aprendeu e parou de fazer na calça.

H não é uma criança muito ágil e esbarra e deixa cair coisas com frequência.

De 1 ano e 8 meses até 6 anos de idade frequentou uma escola maternal. Depois foi para outra escola onde cursou a 1ª e a 2ª séries. **H** demorou muito para ser alfabetizada e começou a ficar para trás em relação às outras crianças. As dificuldades de compreensão começaram a se evidenciar. Passou "raspando" (sic) da 1ª para a 2ª série. Mudou novamente de escola no início da 3ª série porque além das suas dificuldades teve problemas com a profes

sora que segundo os pais, teria sido inadequada. Já na 2ª série ficou com raiva (sic) de Ciências e Estudos Sociais por causa da professora. A escola também, segundo uma psicopedagoga amiga e conselheira dos pais, se preocupava mais com quantidade do que qualidade, exigia muitas coisas que não faziam parte do mundo de H e não trabalhava muito com o concreto. Atualmente está numa escola estadual com uma professora muito boa — ela gosta de ambas e está se esforçando muito.

Além das dificuldades de raciocínio H apresenta também troca de letras: s por c, ç por s ou ss. Embora esteja fazendo grandes progressos, segundo os pais, *"gosta mais de atividades físicas do que mentais"* (sic).

H é uma criança sociável, tem facilidade de estabelecer contatos com outras crianças e é bem aceita. Tem um gênio forte, é autoritária e luta para defender algo em que acredita. Se relaciona com crianças de sua idade e mais velhas, até 12, 13 anos, principalmente seus vizinhos e primos. Brinca no clube, na casa da vizinha e principalmente em casa. Sai com outras crianças para brincar, mas ficar fora os pais não deixam. Passa férias com os avós.

Se dá muito bem com adultos também.

É uma criança extrovertida, atirada, agressiva nas brigas. Quando frustrada fica triste, mas esquece logo.

Manifestou curiosidade sobre relação homem/mulher. A mãe lhe deu esclarecimentos, já falou sobre menstruação, puberdade, adolescência. Além disso comprou livros explicativos, reuniu as crianças e conversou com elas. H já teve namoradinho na escola, sente-se atraída por me-

ninos, procura chamar sua atenção, é muito romântica.

Chupou dedo até 2 anos atrás, parou e depois voltou por 3 a 4 meses. Chupou chupeta também, até o começo deste ano. Rói as unhas.

Tinha amigdalite, a cada 15 dias, aproximadamente, acompanhada de febre alta durante 2 dias, mais ou menos. Agora, após ter começado a tratar com homeopatia, de 4 anos para cá, tem uma gripe por ano. Teve alguns episódios de desmaios: aos 7 anos, após andar muito de bicicleta ficou com a boca roxa. Os pais levaram no cardiologista e no neurologista e não foi constatado nada anormal. No começo de 89 teve um desmaio sem fazer exercício físico e no começo de 90 outro, após andar muito de bicicleta. Percebe que vai desmaiar, irrita-se, começa a gritar.

Por volta de 3 a 4 anos, à noite tinha dificuldade para inspirar. Fez tratamento por um ano mais ou menos e curou com homeopatia.

No ano passado tinha dores de cabeça frequentes causadas por sinusite. Também curou com homeopatia.

Faz ginástica olímpica todos os dias das 8 às 12 horas. Almoça lá inclusive. À tarde vai à escola e faz os deveres quando volta ou após o jantar. Só brinca nos fins de semana, quando a família vai ao clube ou passear.

H é mais afetiva com o pai, o trata como amigo, conta dos namorados. A mãe já é mais exigente, o "modelo" (sic). É muito ligada à avó materna.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELO PAI

1º DESENHO

Comentários

Ele: - Não sei desenhar direito, eu faria a minha família.

Estória:

Os pais que se amam muito... dois filhos que eles gostam, amam muito... a reciprocidade dos filhos, companheirismo, união, todos dividem tarefas se ajudando... lazer todos juntos.

Título: Família Feliz.

2º DESENHO

Comentários / Estória:

Ele: - Vai ser a mesma.

Seria a mesma estória porque eu me sinto realizado com a minha família. Sinto orgulho dela — não deixa nada a desejar do que sonhei quando solteiro.

Título: Uma Família Feliz.

3º DESENHO:**Estória:**

Uma família, uma vez o pai ficou doente, acamado e as crianças vinham fazer companhia para ele, lhe davam remédio, conversavam, tranquilizavam que o comércio estava tudo bem, tudo sob controle, e torcendo para que ele sarrasse logo.

Título: O restabelecimento do Papa.

Inquérito:

P: - Qual a doença?

Ele: - Suspeita de meningite, dor de cabeça muito forte — foi logo descartada, foram feitos alguns exames, tomou medicação, logo sarrou — foi por um curto período. No caso era eu que estava doente, não me recordo que doença foi diagnosticada. Precisou vir uma pessoa tirar sangue — o médico veio em casa também. Em questão de uma semana não havia mais nada.

- Logo se restabeleceu e todos ficaram contentes.

P: - O que aconteceu para o pai ficar doente?

Ele: - Segundo o médico foi um vírus de gripe muito forte que causa dor de cabeça.

4º DESENHO**Comentários:**

Pede para modificar os desenhos anteriores. Eram dois meninos — apaga as pernas de um deles em cada desenho e desenha uma saia no lugar.

Estória:

Esse desenho corresponde ao desenho cujo autor apesar de não saber desenhar tem sentimentos de uma família completa, uma família realizada em que o pai percebe que todos são felizes, todos se expressam com clareza, todos demonstram ser muito felizes. É um casal que tem um casal de filhos que todos se amam muito.

Título: Uma Família Feliz.

1

2

3

4

2º DESENHO**Estória:**

Todo dia eles jogavam aquela brincadeira de bobinhos. Todo dia jogando, eu, meu irmão, meu primo e minha prima. A gente brincava de queimada também. A gente também se machucava. Os adultos também começaram a brincar — era férias — todo dia.

Aonde a gente ia passear a gente brincava. No McDonald's e em cima do cavalo. Foi sempre assim, até acabar as férias das sete e meia até as seis.

Título: A brincadeira de bobinhos.

Inquérito:

P: - Que brincadeira de bobinhos?

Ela: - Se deixar cair a bola no chão, entra no meio. Aí precisa ficar jogando e esse que tá no meio.

P: - Quem ficava de bobinho?

Ela: - Quem deixava cair a bola no chão, todo mundo, até os adultos.

Obs.: H pede para desenhar outro desenho que não seja de família.

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS PELA MÃE

1º DESENHO

Estória:

Uma tarde de domingo chuvosa, Joaquim resolve contar uma estória a seus filhos, todos acendem a lareira e vão para ouvir a estória, todos muito à vontade. Joaquim conta sua estória, logo em seguida começam a jogar outros jogos propostos por um de seus filhos. Observam a chuva cair através da janela, observam o verde fora da janela, que está úmida. Aos poucos a chuva se vai, isso já é noite e eles resolvem ir se deitar.

Na segunda levantam cedo, cada qual com seu objetivo. O dia se passa com muita rapidez e logo mais à noite retornam para seu cantinho aconchegante aonde cada qual conta sua experiência do dia. Aproveitam o momento para fazer suas lições, expor suas dúvidas e assim, novamente vão se deitar.

Título: O Domingo Chuvoso.

2º DESENHO

Comentários

Ela: - Seria essa mesma.

Estória:

R e J levantam-se cedo e vão correndo buscar o jornal e o leite num domingo ensolarado. Logo em seguida ao chegar em casa encontram mãe e H quase prontos para ir ao clube, só esperando eles chegarem.

Todos se animam, tomam um café rapidamente, pegam suas mochilinhas, tratam dos cachorros, vão direto para o carro para se dirigirem ao clube. Chegando lá, H e G caem logo na água. J e R tomam um pouco de sol, vão até a lanchonete, tomam um refrigerante. Logo vão se juntar aos dois que estão na água, dão um longo mergulho — retornam novamente para tomar sol. Logo vão lanchar com as crianças, vão jogar bola ou fazer outras atividades à tarde. Logo retornam para casa, todos cansados e loucos para um banho e em busca de um cantinho aconchegante. Dirigem-se todos para a sala, ouve-se um som e vão se deitar.

A semana passa com muita rapidez por todos estarem ocupados entre si e cada um com seus afazeres. Novamente vem um domingo e eles podem passar o dia mais tranquilos e mais juntos, fazendo muitas atividades.

Título: A Família Ideal

3º DESENHO**Comentários:**

P: - O que ele tinha?

Ela: - Papai estava com amigdalite e essa amigdalite provocou febre, mal-estar, cansaço físico, tosse.

Estória:

Papai não amanheceu muito bem. Foi ao médico com mamãe e ele pediu para que fizesse repouso até melhorar. Voltando para casa papai deita-se, toma seus remedinhos e todos ficam muito apreensivos por uma rápida melhora. Todos se colocam à disposição para que possam ajudar no que for preciso. Apesar de brincarmos, sempre preocupados com a melhora. Além dos remédios vamos dar muito carinho para que logo retorne ao convívio normal com muitas brincadeiras e o estar bem. Passados três dias o remédio fez efeito, houve a melhora e todos voltaram a sorrir. Todos relaxaram mais, acabou a apreensão e mamãe e papai e os filhos voltaram ao seu convívio normal sem ninguém dodói.

Título: Papai não está bem.

4º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Gostaria de fazer numa roda.

Estória:

Paulo veio com uma de suas idéias maravilhosas: "*Vocês topariam ir para a Bahia acampar e passar uns dias nessas férias?*". Obviamente todos ficaram muito excitados pelo passeio, começou-se os preparativos convidamos alguns amigos, eles aceitaram, passaram 15 dias na Bahia. Partimos então no começo de janeiro. Nossa viagem foi muito gostosa, muito cheia de novidades, tanto para as crianças como para nós. Houve conhecimentos novos, situações novas, belos visuais, muita estrada, muita cultura diferente, enfim houve uma modificação do comportamento dos quatro. Cada qual pode perceber que ninguém é dono da situação, é seguro suficiente a ponto de que não precise do outro. Pegamos muito sol juntos, sentamos para conversar, contar piadas ao anoitecer, passeamos o máximo de tempo, enfim, o nosso retorno foi de muita felicidade estampada no rosto de cada um.

Título: A viagem relâmpago.

2

1

3

4

DESENHOS DE FAMÍLIA COM ESTÓRIAS POR H**1º DESENHO****Estória:**

Um dia fomos chupar sorvete e tava um sol bem gostoso. Depois fomos nadar no clube, depois fomos na cachoeira, depois fomos para casa tomar banho de mangueira, depois fomos brincar, depois tomar banho, depois fomos no McDonald's, depois fomos dormir.

Domingo fomos andar a cavalo das sete e meia até às sete da noite. Depois fomos no McDonald's. Depois tomamos banho, depois dormimos.

Acordamos, fui na ginástica olímpica, meu irmão ficou andando de bicicleta, meu pai e minha mãe foram para o trabalho.

Cheguei da ginástica almoçada, minha mãe ia levar meu irmão para a escola. Tomei um banho aprontei minha mala. Ele entra à 1:00 hora, eu fui à 1:15 para a escola. Todo dia é assim.

Sábado ficamos das 7:30 até 12:00 nos brinquedos do Shopping Continental. Convidamos amigos para andar a cavalo do meio-dia até às sete horas. Depois fomos para o McDonald's, lanchamos e voltamos para casa.

Título: O passeio encantado.

3º DESENHO**Comentários:**

Ela: - Pode ser que morreu?

P: - Como você quiser ...

Estória:

Ela estava em São Paulo, caiu num degrau e quebrou a perna; está na cama com a perna quebrada. Foi para a Ilha Comprida aonde morreu.

Ela — Tia Nenem — tia da minha mãe. Ela estava descendo o degrau para abrir o portão para a filha dela. O joelho dobrou para cima, ela ficou gritando por uma hora. Depois o filho dela chegou e levou ela no hospital. Depois tirou o gesso, veio para São Paulo, voltou para Ilha Comprida. Depois ela tinha 80 anos e o pulmão dela encheu de água porque teve que ficar deitada muito tempo. Ela morreu na Ilha Comprida na casa do filho dela. Minha avó foi para o enterro e voltou hoje de manhã.

Título: A morte da tia Neném

Comentários Finais:

Ela: - Essa tela você que desenhou?

P: - Não.

Ela: - Eu fazia curso de pintura. Saí porque o professor não dava atenção.

4º DESENHO

Comentários:

Ela: - Tem muita gente! Vou desenhar bastante pe
soas.

Estória:

Era uma familia muito, muito grande. Essa familia brincava demais, era muito brincalhona. Até que um dia reu niu todo mundo e fomos andar a cavalo. Não sobrou ninguém. Eu tinha uma bisavó que tinha quinze filhos. Agora ela morreu e só tem nove.

Todos foram andar a cavalo.

Eu peguei o cavalo que galopa, fui para o rodeio, só eu, ganhei uma medalha de 100 metros. Depois fomos no McDonald's e fomos andar a cavalo de novo, oito horas, cavalo que corria mesmo. Depois todo mundo começou a fazer aula de cavalo, eu não parei e ninguém conseguiu me ultrapassar. A minha prima caiu do cavalo e se machucou. Foi para o pronto-socorro, quebrou a perna. Depois que conser-tou, voltou a fazer aula. Todos foram para o rodeio competir e ganharam medalha de 5 metros.

Fui a vencedora campeã do Brasil, viajei para muitos lugares para competir.

A família inteira só viajou cinco vezes, e eu viajei mais de cem, mais de mil vezes.

Até os 50 anos fui amazona. Eu morri com 60 anos, mas continuei a ter uma fazenda muito grande. Minha fazenda ficou para minha família.

Título: A Família.

9.2. SÍNTESE

H é irmã de G (caso 7). A história mostra que J (pai de H) sempre teve total apoio da família, sentia-se contido, respeitado, mas ao mesmo tempo não expõe qualquer ordem de dificuldades, problemas ou desencontros — descreve uma família unida, ideal, onde os problemas sempre são resolvidos pelos pais. Coloca-se como um filho adaptado às exigências dos pais (a rebeldia ficou para o irmão), define-se sempre como um "bom" filho, um "bom" menino, um "bom" rapaz, todos a quem querem, é muito desejada.

Por outro lado, R (mãe de H), única menina da casa, conta que foi muito protegida, sobretudo pelo pai, que acabou sendo sua companhia em sua infância. Revelou uma dificuldade no contato com sua mãe. De qualquer forma eram provedores de conforto, mas não de atenção e amor. Em casa representava o papel da "boa" filha e da filha prodígio, mas, na adolescência e fora de casa, buscou dar vazão aos seus impulsos, mostrando sinais de pouca crítica sobre eles — se propunha a experiências perigosas.

Ambos, portanto, revelam que partes de seu ser não puderam ser contidas pelas suas respectivas famílias levando-os ou à não experiência (no caso de J) ou à negação e contenção (no caso da mãe).

Repassam essa experiência na relação com seus filhos — suprem o exterior, dando conforto, diversão, oportunidades — mas não os contém por inteiro, desejam ter um contato com a parte mais integrada, mais tranquila.

São portanto presentes por um lado, e completamente distantes de outro, não entram em contato com a realidade psíquica de seus filhos não fornecendo a eles, portanto, a possibilidade de se ver e encontrar sua identidade.

H vem mostrando em seu desenvolvimento, desde que nasceu até hoje, uma dificuldade de crescer, ou seja, de ultrapassar as angústias e dificuldades de cada etapa de sua vida (nasceu cianótica, com problemas nas pernas, chorava ao tirar a roupa, amidalites frequentes).

Parece lutar muito contra a separação de sua mãe, acabam acontecendo situações que requerem atenção e cuidado sistemáticos.

H foi separada de sua mãe logo ao nascer (precisou ficar na incubadeira) e essa ruptura brusca da mãe parece ter provocado fortes sentimentos de abandono, que por sua vez despertaram ansiedades.

Por outro lado, H separou-se precocemente do seio (1 mês e meio), pois sua mãe achou que ela mamava pouco e deixou de dar o seu leite. Essa reação de pouco entusias-

mo frente ao seio, quem sabe advinda de ansiedades causadas pela separação abrupta da mãe ao nascer, pode ter investido o seio de impulsos sádicos, destrutivos e o consequente medo de entrar em contato com ele (fantasia de destruição do objeto). O alimento, até os dias de hoje, parece investido de sentimentos negativos (dificuldades alimentares).

Sua história traz sempre um componente de dificuldade de lidar com a realidade e a necessidade de objetos intermediários, como a chupeta e o chupar dedo (até 8 anos) para garantir esse contato. Mostra-se insegura e ameaçada (rói unhas, dores de cabeça).

Já apresentou algumas vezes (com 7, 8 e 9 anos) reações de descarga de tensão: irrita-se, começa a gritar, quase desmaia, talvez por irromperem ansiedades das quais não dá conta.

A expressão motora de suas emoções, bem como a conservação da mamadeira até hoje, mostram como H ainda reage de forma regredida frente a realidade, além de revelar sua dificuldade de crescer e a luta para manter-se ligada à mãe, que por sua vez alimenta esse sonho, não colocando limites, não informando sobre a vida.

H parece ter uma dificuldade de discriminação e atuação da crítica (introjeção do superego), e de acreditar em si mesma, num "eu" com condições de defender-se das adversidades da vida. Sente-se incapaz, dependente.

Seu potencial agressivo tem aparecido apenas como descarga da irritabilidade, mas não serve para criar uma angústia que seria positiva para levá-la ao desenvolvimento. É uma raiva que, ao contrário, ataca seu próprio desenvolvimento, tornando-a uma criança lenta frente às aprendizagens de uma forma geral.

Assim, também seus pais, atribuem às frustrações hostilidade, ciúmes, entre outros, apenas uma conotação negativa, não percebem o aspecto construtivo da queixa, da desavença, da oposição. Todos tem que manter a fachada da família feliz e, entre outras, a saída parece ser a formação dos pares - mãe-filho, pai-filha, uma solução edípica para os conflitos familiares.

Os filhos parecem ser a forma dos pais evitarem a solidão e a expressão das próprias realidades. Submetem-se à realidade expressa por H, como forma de encontrar a alegria e a satisfação. Empobrecem assim seu relacionamento e a construção de uma nova família, repetem sua história de submissão — de bons filhos a bons pais, o que só conseguem através da negação e idealização. São de fato, pais imaturos, representantes de papéis e atribuições, mas não podem "ser" nestas relações, como se não tivessem internalizados as figuras de pai e de mãe.

As queixas, dentro desse funcionamento familiar não podem se manifestar, talvez por isso H mostre de forma tão intensa — é mais difícil não ver. Cada um tem que

estar sozinho nos problemas, o que não é exteriorizado não existe e o que é colocado para fora é mal interpretado. Os conflitos internos não podem existir porque a família é feliz, o que leva H a se sentir muito sozinha e recorrer a ser contida até fora de casa, na escola onde podem aparecer suas ansiedades.

Tem que aparecer como uma família feliz onde os aspectos infelizes tem que fica recolhidos e manejados individualmente, o que pode ter favorecido a H uma ligação identificada com a mãe. Enquanto misturada, não entra em contato com suas emoções e com as que poderiam ser despertadas pela separação — medo, ciúme, inveja. Vincula sua sobrevivência à mãe, a quem se liga de forma dependente. Vê a mãe como a parte sadia e idealizada de si mesma.

Assim olhar-se é confrontar-se com todas essas emoções e se desesperar. A saída é continuar sendo um nenê ou desenvolver a fantasia onipotente de que sozinha vai vencer, é melhor que as outras. Negando sua própria realidade e a incapacidade de suportar suas dificuldades e limitações e enfrentá-las, não se desenvolve e não pode responder às exigências das diferentes etapas de sua vida — os recursos mostram-se não atualizados.

B - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

B.1. ELES, OS PAIS

Encontramos alguns pontos comuns, na maioria das famílias, os quais se encontram particularmente descritos em cada síntese, e que procuramos reunir e discutir a seguir.

Existe uma tendência nos pais observados de prender-se ao concreto, a experiências vividas e uma dificuldade acentuada, na maioria, de fantasiar ou cogitar um mundo de desejos — relatam os fatos nas entrevistas em geral, destituindo-os dos sentimentos decorrentes, e atêm-se à família que tem, independente de estarem liberados (como no DF-E) à possibilidade de incluírem outras famílias. Talvez por essa razão, idealizam a família e suas relações vêem-se como um casal que se dá muito bem, sem queixas, que se adaptam à realidade, negando suas dificuldades de relacionamento.

Observamos, na grande maioria dos casos, analisando suas famílias de origem, figuras internalizadas de pais distantes, frágeis, pouco afetivos, mas sempre desenvolvendo a função de provedores (casos 2, 3, 4, 5, 6 e 8). Em alguns casos aparecem pais considerados modelos, idealizados disciplinadores (casos 1, 7 e 9) e apenas em dois casos, seus pais são considerados mais afetivos, pelas mulheres (caso 1 e 8), embora no primeiro tenha havido falecimento do pai e, no segundo, o pai se alcoolizava — concretiza-

ram ausências definitivas ou intermitentes, tornando-se, portanto, figuras paternas inconsistentes ou, de alguma forma, abandonadoras.

Por outro lado, as figuras maternas mostram-se também distantes, ocupadas com as tarefas domésticas e os cuidados externos de sua prole, na grande maioria dos casos, numerosa (casos 2, 3, 4, 6, 7). Alguns pais (casos 1, 3, 5), referem-se a mães mais autoritárias, afetivas, ainda que muito ocupadas e, em outros as mães são idealizadas, vistas como mulheres especiais (casos 9 - do pai, 3 - do pai, 8 - da mãe). Encontramos ainda um caso (8 - do pai) em que houve a perda da mãe, que foi substituída por outra, que também representou uma figura distante.

Os pais demonstram trazer em sua bagagem histórica situações de vida difíceis, pois são provindos de famílias numerosas, a maioria de famílias simples, onde todos, inclusive os filhos eram incluídos nos trabalhos dentro e fora do lar, exceto o pai de uma das famílias (caso 1) que não tinha problemas desta ordem, e a mãe da mesma, até os seus 12 anos.

A relação desses pais com seus respectivos pais parecia limitar-se à convivência rotineira, não se mostrando figuras consistentes, presentes no seu mundo interno. Reproduziam papéis de provedores e disciplinadores e, pelos relatos, revelam relacionamentos parciais: as famílias contém somente o lado bom dos filhos. Desenvolvem um

sistema de relações onde são ressaltados a cooperação, a amizade, o amor, a obediência e não há lugar para sentimentos de ciúme, raiva, inveja, hostilidade. É como se esses pais não pudessem entrar em contato com as angústias e frustrações de seus filhos. A eles foram destinados papéis, com funções específicas e só lhes restava cumprí-las para serem aceitos. Caso contrário, como aconteceu concretamente no caso 3, poderiam ser rejeitados, expulsos do lar.

Como vimos pelas análises, a tendência de todos era adaptar-se ao exigido, pelo menos em seis dos casos, tanto dos homens como das mulheres, exceto nos casos 3, 5, onde o enfrentamento parecia mais direto ou às escondidas (caso 7), quando a filha conta que se divertia sem que os pais soubessem.

Os pais nessa tarefa de ensinar sobre a vida e a realidade, auxiliando seus filhos a se adaptarem às circunstâncias e terem num contexto afetivo as primeiras experiências, só favoreceram o desenvolvimento de partes da personalidade dos filhos. Também ajudaram no estabelecimento de defesas, tais como a negação, a idealização, a evasão, que de alguma forma os livram do sofrimento, evitando que vejam suas faltas internas, abafam os sentimentos de oposição e garantem maior sujeição ao que é proposto, ou seja, menos contestação à autoridade, redução de sua crítica. Todos esses dados se confirmam nos DF-E dos pais.

Essas famílias dão origem a novas famílias que trazendo internalizadas esta bagagem de figuras parentais distantes, às vezes ausentes, pouco afetivas e incontinentes, constituem famílias imaturas, despreparadas para atuar em seus papéis de pai e mãe. Tendo tido uma experiência parcial, pouco rica, às vezes até dolorosa, não contestam o que receberam, não encontram sua identidade como pais, situam-se em suas famílias atuais seguindo modelos do passado. Assim, repetem uma ligação com a criança onde a figura paterna se coloca distante, frágil, vazia de conteúdos, incapaz de conter emoções, as suas e as dos demais familiares, enquanto que a mãe cobre a criança de cuidados externos e não fica livre para outras experiências mais profundas com a criança, tal como a experiência emocional.

As famílias constituídas tendem a ser imaturas, inseguras, pouco afetivas, mas sempre muito idealizadas, com tendências a seguir o melhor modelo de educação, quase sempre construído com base nos seus referenciais internos ainda ligados aos seus ancestrais, sem atualização, o que acaba por mantê-los distantes dos seus filhos e de suas necessidades. Os vínculos que esses pais estabelecem com seus filhos são frágeis, mas aparentemente consistentes e presentes. Nessa relação de abandono, o mundo é introjetado pelas crianças já com desvios de interpretação (objetos internos dos pais) e repleto de objetos frágeis de relação que dificultam o seu desenvolvimento causando sentimentos de insegurança, incapacidade, que alimentam a dependência e levam a uma dificuldade de discriminação e de

construção de um self pleno — capaz e limitado. Não sabendo quem é e do que é capaz, conflito de identidade pelo prejuízo nos processos de identificação e pela falha na contenção dos impulsos instintivos, a criança não pode dar conta das exigências da realidade, nem desenvolver seu potencial, constrói um falso self, calcado principalmente sobre defesas como a onipotência, identificação negação, entre outras.

Observamos, neste trabalho, a existência de um objeto familiar inconsciente, que modela a qualidade das interações interpessoais atuais das famílias analisadas, tanto representado pelos pais como pelas mães. Assim, essas famílias estabelecem em seu interior interações específicas criadas pelo encontro da familiaridade de seus membros, interação essa que não é organizada, como vimos, pelos aspectos adultos da familiaridade o que levaria a todos, crianças e pais, ao desenvolvimento, mas se dá de forma imatura, projetiva, os aspectos descartados em si pelos pais são colocados nos familiares e o vínculo que estabelecem é a garantia da conservação do sintoma.

As relações circulam de forma a não conter o objeto e não ocorrem, portanto mudanças (relacionamento mais do tipo esquizo-paranóide). Dentro dessa perspectiva de relacionamento, essas famílias apresentam-se com dificuldades de conter a própria imaturidade e em consequência, a imaturidade dos seus filhos. O mundo, visto desta forma, fica permeado das projeções dos objetos internos de cada um

distorcido em sua verdadeira natureza, impedindo desta forma um encontro mais direto com a realidade. Esse tipo de relacionamento, gera muita confusão entre o que está dentro e fora da família e das pessoas, e não auxilia as crianças, que já se apresentam com suas confusões internas geradas pela própria condição de nascimento a se sentirem contidas dentro desse contexto.

Essas famílias mostraram-se incapazes, por seus aspectos de imaturidade, de suportar a situação de dependência total que a criança traz ao nascer, condição essencial para o alcance da maturidade, da independência, da identidade.

As famílias são aqui representadas por mães que se mostram incapazes de suportar suas próprias angústias e em consequência, também a de seus bebês: não podem amenizar suas projeções, devolver ao bebê de modo digerível suas emoções e sensações que ainda são para ele insuportáveis. São mães, portanto, incapazes de receber as identificações projetivas de seus bebês, incapazes de *réverie*, que acabam por constituir famílias incapazes de suportar e tratar a dependência de seus filhos, condição para o desenvolvimento da autonomia e da identidade.

Os familiares confundem-se na sua identidade, não sabem quem são e o que cabe a cada um, unem-se uns aos outros, por exigências narcísicas, numa fantasia onipotente e apresentam-se como bons pais, atentos aos filhos, interessados e felizes.

Essa relação de dependência pais-filhos parece ser a garantia do ideal narcisista das figuras parentais e, nesse sentido, a independência dos filhos poderia representar a ameaça a esse sistema de funcionamento, a tomada de consciência de seus falsos selves, desenvolvidos possivelmente para encobrir a existência de conflitos pessoais infantis.

O jogo das relações familiares se dá nesse sentido para impedir o afloramento das emoções, tem um caráter defensivo, pois os pais parecem sentirem-se ameaçados pela revelação de suas limitações, temem talvez perder o lugar de pais fortes, presentes (ideal narcisista) e assumir o lugar de pais fracos, distantes (a realidade). Escondem-se atrás desses pressupostos idealizados de si mesmos, não se desenvolvem, afastam-se das experiências emocionais com seus filhos, levando-os também a desenvolver falsos selves, calcados sobre fantasias onipotentes.

B.2. ELAS, AS CRIANÇAS

Vimos, na parte anterior, que as crianças observadas nasceram em famílias com dificuldades de acolhimento, voltadas, do ponto de vista psíquico, para suas próprias experiências.

Por outro lado, nas crianças encontramos a necessidade intensa de serem contidas, desde o nascimento. Por natureza, grande parte delas mostrou-se com tendências a permanecerem ligadas à mãe e com dificuldades de desligar-se dela e vice-versa, seja no nascimento (casos 1, 4, 8, 9) seja no desmame (casos 2, 3, 5, 6, 7), o que as levou a negar essa separação (a união é mantida pela dependência) e a estabelecer um vínculo com a mãe, onde a mãe é o ego forte realizador e a criança representa o ego esvaziado.

Nesta relação mãe-filho, ambos desenvolvem uma experiência pobre, o bebê vê a mãe como objeto parcial, em quem projeta sentimentos ambivalentes de amor e ódio e desenvolve com ele uma relação indiferenciada.

As crianças desta pesquisa parecem manter um funcionamento mas característico da posição esquizo-paranóide, onde predomina a ameaça, a sensação de aniquilamento e o ego recorre à cisão para emergir do caos, saindo assim da impotência, seu estado original, para a onipotência.

Nesta experiência com a mãe, o bebê tem dificuldade de ultrapassar esse momento do desenvolvimento para alcançar uma relação de objeto total, onde ele reconheceria a mãe boa e má e se veria como um bebê bom e mau, teria contato com a essência da natureza humana e poderia perceber o quanto ela é limitada.

Sabemos no entanto que essa passagem só é possível ao bebê, se ele pode ter a vivência do 1º momento, que é a dependência total. Em nossas análises dos casos, vimos a dificuldade das mães em lidar com esse momento do desenvolvimento, causando possivelmente uma ruptura brusca e precoce dos laços entre elas e seus bebês, o que intensificou a ação de impulsos destrutivos dirigidos ao objeto (a mãe) e introjetados novamente (ao próprio ego).

É como se essas crianças não pudessem suportar a separação da mãe, entram em desespero quando frustradas da ligação, o que leva à intensificação dos mecanismos projetivos (o ego não é capaz de conter a emoção), levando ao empobrecimento do ego, que não contém a ambivalência.

Nesse jogo de relação com a mãe, a criança não se depara com a culpa pelos ataques ao objeto (ao seio e à mãe), não desenvolve a necessidade de reparação, que constitui a base da criatividade e da sublimação. A preocupação com a mãe, decorrência desta posição, levaria à inibição de parte dos impulsos e deslocamento e substituição de ou tros, exatamente o que acontece na sublimação, necessária

para que a criança dê vazão a outras formas de contato com a realidade.

Esse mundo de fantasias que a criança vive ao nascer, tem que ser limitado pelos pais (experiência de realidade), para que a criança desenvolva o pensamento, atividade que serve para suportar as tensões internas e a satisfação. Desta forma, a criança incorpora os pais, parte diferenciada do ego (superego) que se opõem aos seus impulsos instintivos, desenvolvendo a crítica e o juízo sobre a realidade, desenvolvendo sua capacidade de discriminar, de prestar atenção, de suspender a emoção, aquisições da posição depressiva, e básicas para a aprendizagem.

Com isso, novamente, estamos enfatizando que pela sua própria natureza e por ação dos fatores ambientais, a criança não ultrapassa a primeira etapa do desenvolvimento (esquizo-paranóide), dificultando a entrada na posição depressiva. Assim, sentindo-se constantemente ameaçada, pode fugir para o objeto "*bom interiorizado*" — fuga para a fantasia — ou subordinando-se à realidade — representando o desejo dos pais. O ego, desta forma fica fraco, dependente e apoiado na mãe, sua parte criativa e se utiliza de defesas primitivas (da posição esquizo) como a divisão, a identificação, a negação, entre outros, que reforçam a onipotência e o controle onipotente do objeto. A criança não percebe sua limitação, sua dependência (posição depressiva), não evolui para outras defesas como a sublimação, por exemplo, e sua adaptação à realidade só é

conseguida à custa de paradas no desenvolvimento, ou da criação de comportamentos alternativos (os sintomas) para lidar com a vida.

As crianças da nossa amostra, colocam-se dentro desses critérios de adaptação, pois parecem não conter suas angústias, lidam com elas através de objetos substitutivos da mãe (o dedo, a chupeta, o seio, a comida), prendendo-se ao passado, não podendo, portanto, atualizar os recursos que seriam necessários para a realização de uma experiência nova — a escola e tudo que ela implica.

A escola confirma a separação da criança de sua mãe e vice-versa, e a coloca assim despreparada para esta vivência, pois até aqui, vem se nutrindo da fantasia de que ambas (a mãe e a criança) ainda estão juntas. Para se livrar deste sofrimento, cria outras formas de ter a mãe de volta, quando através de suas dificuldades escolares, a mãe se vê obrigada a se aproximar da criança, preocupar-se com ela e acompanhá-la.

Observamos em todas as crianças uma dificuldade de crescer e se separar da mãe. Algumas mamam até hoje (7, 9), outras chupam dedo ou chupeta (2, 6, 9), outros desenvolveram dificuldades de expressão própria (3, 6, 8), outros criam um mundo imaginário (1, 4, 5), outros se retraem no relacionamento social (1, 2, 3, 6), mostrando de uma forma ou outra um contato difícil com a realidade e uma dificuldade de ultrapassar o primeiro interesse do

bebê, que é a mãe.

Encontramos, no entanto, em todas as crianças uma relação particular com o alimento. A maioria delas (2, 3, 4, 5, 6, 7 e 9) mostra-se desinteressada da comida, como se não tivessem desenvolvido o conhecimento de que comer é necessário para o corpo; abdicam desta experiência como se não tivessem um julgamento próprio diante do alimentar-se ou vivessem a fantasia de que se bastam ou de que assim teriam de volta a mãe, objeto perdido, dedicada inteiramente a elas. Sabemos que a inapetência e as dificuldades alimentares das crianças preocupam as mães e as mantém ligadas aos filhos de uma ou outra maneira, seja no buscar o que os agrada, seja no ritual de alimentá-las. Por outro lado, encontramos em outras (1 e 8), uma busca intensa do alimento, uma tendência a comer mais, como se pudessem assim viver a experiência do desejo: através do alimento, ter a mãe constantemente dentro de si.

De qualquer forma, essas crianças mostram ou que o alimento, símbolo do seio, está investido de ameaça e impulsos destrutivos que ingeridos serão destruídos, ou que são de consistência frágil, pois dentro da criança não duram, elas logo tem fome de novo, talvez em função de seus próprios ataques.

Observamos, em decorrência das análises, que todas elas colocam-se, principalmente nas histórias do DF-E como sozinhas, não vistas, doentes e revelam o distanciamento das figuras paternas, tanto a mãe, como o pai, ou se

ja um ambiente desfavorável para o seu desenvolvimento. É como se não sentissem os pais vivos dentro de si, um objeto interno integral, capaz de dar origem a um pensamento mais evoluído, mais articulado e assim não podem confrontar-se consigo mesmas, é como se olhassem o vazio, e ao mundo externo, que as ameaça e assusta.

Resta, portanto, a essas crianças manter-se como bebês atados às mães, assim detém seu desenvolvimento pois a experiência de crescer inclui-se na fantasia de perder-se, desesperar-se, é o encontro com a solidão. A ligação dependente, mantém-nas acompanhadas, levando-nos a pensar que essas crianças não desenvolveram a capacidade de estar só, ou seja, a mãe não parece ter sido assimilada como objeto interno no ego e, portanto, tende a ser muito exigida externamente.

Possivelmente em experiências, como as tidas dentro da escolaridade, a criança não se saia bem por não poder olhar-se, buscando seus conteúdos necessários à aprendizagem, discriminação, capacidade de atenção, de julgamento e principalmente, uma energia fluida, livre que será usada para a aquisição de novos conhecimentos (resultado da sublimação), mas que parece encontrar-se comprometida na tarefa de contenção dos impulsos instintivos, que insistem em aflorar (falha nas relações objetais primitivas) ou a serviço de impedir à criança o êxito, que é sentido como não merecido (superego rígido).

Vimos que há uma tendência nas crianças de se sentirem más, inadequadas, não desejadas (1, 2, 3, 5, 6, 7), o que pode tê-las levado a não se sentirem merecedoras do amor dos pais e, em última instância, de não poderem sentir-se felizes, de não poderem acesso a experiências de sucesso e realização.

A criança precisa, portanto, sentir-se exclusivamente amada e atendida (experiência onipotente, narcísica), para adquirir a confiança em si, nos outros e poder ir suportando as contínuas retiradas de narcisismo a que vai sendo submetida na vida, o desmame, o início da relação com o pai (Freud, 1905). Tem que poder retirar-se do centro do universo da mãe, mas para isso precisa existir no centro de tudo, acreditar, pela experiência, nesse amor que lhe é oferecido. Caso contrário, sua vida se centrará na experiência repetida de busca do objeto de amor (a mãe) ao invés de investir em si mesma e no seu desenvolvimento, investe nessa busca, o que acaba por levá-la a uma experiência parcial e restrita com o mundo. Neste sentido, suas dificuldades, seus fracassos, suas detenções, podem tornar-se o meio de atingir o seu desejo maior, o encontro com o objeto de amor (a mãe), seus impulsos destrutivos voltam-se contra ela, a atacam em primeira instância e escravizam os pais em segunda instância (triunfo maníaco) e não contém a angústia, que leva ao desenvolvimento, cria contradições e impulsiona a conquistas. Parece que assim mantém a ilusão de que não sofrem. Como seus pais, mostram-se incapazes de suportar o sofrimento, encarar as frustra

ções, não vêem o sentido positivo que tem a dor — ela evidencia a falta, e o ego podendo ater-se a ela pode encontrar na realidade a solução para seus conflitos, oque, consequentemente opera o crescimento.

B.3. ELES E ELAS

Entendemos e enfatizamos em todo o nosso trabalho a função adaptativa e integrativa do grupo familiar sobre a natureza da criança e que, em última instância, tudo começa em casa, na relação da mãe com o seu bebê.

Concordamos com as idéias de Winnicott (1988) que quando os bebês forem bem "segurados" (fase de holding), poderão adquirir confiança em um mundo mais amigável e serão capazes de atravessar bem as fases de seu desenvolvimento emocional. E continua:

"... quando a mãe e o bebê chegam a um acordo na situação de alimentação, estão lançadas as bases de um relacionamento humano. É a partir daí que se estabelece o padrão da capacidade da criança de relacionar-se com os objetos e com o mundo "(id, ibid, 1988, p. 55).

Obtivemos, a partir das análises dos casos, um ponto comum a todas as crianças: apresentaram-se ao mundo com "fome" (grifo nosso), ávidas pela mãe, inconformadas com a separação, inevitável no nascimento e que põe fim ao estado de fusão, o que demonstram a partir de sua reação ao desmame. Desde então, sua relação com o alimento tem sido uma questão levada com dificuldades pela mãe, seja porque a criança sente-se desestimulada a comer (inapetência), seja porque come demais, o tempo todo (bulimia). Revelam, portanto, traços de ansiedade em sua relação com o mundo e o desejo maior de ter de volta a mãe, como no estágio ori-

na fantasia, o que as afasta do princípio de realidade.

Esse tipo de vivência pode levar a uma dificuldade de discriminação do mundo externo, de evolução das defesas primárias (da onipotência, idealização para a sublimação), de desenvolvimento de uma relação simbólica (garantia da presença do objeto interno), de por fim aos desejos instrutivos, de poder deter a atenção sobre um foco, condições *sine qua non* para a adaptação escolar eficaz.

Poderíamos concluir deste estudo que se os pais não podem por limites aos desejos inconscientes de seus filhos, não favorecem sua adaptação à realidade, dificultando-lhes o acesso ao próprio desenvolvimento e à experiências de existir em si mesmo.

A energia psíquica que as crianças e os pais poderiam utilizar para evoluir seus conflitos básicos em direção ao desenvolvimento e que, especialmente as crianças poderiam usar para alcançar uma boa adaptação escolar, nesta relação familiar está a serviço de manter essas vivências contidas: os pais e as crianças não podem ser espontâneos e viver livremente uma relação emocional e criativa. Estabelecem um contato distante entre si e com os filhos, não podendo desta forma ajudar-se mutuamente. Assim, as situações difíceis vão se somando na experiência da vida e se repetindo de formas diversas ou contínuas, o que se vê através dos sintomas, indicação de que não há plenitude interior.

ginal, no útero, com exclusividade, atendidas em suas necessidades imediata e prontamente, mostrando baixa tolerância à frustração. Diante dela podem reagir com tirania (impulsos agressivos) em relação à mãe, escravizando-a de uma ou outra forma, ou porque comem muito ou porque não comem.

A única chance que o bebê teria de separar-se de sua mãe, sem tanto sofrimento ou desespero, seria ele crescer-se capaz de lidar com a realidade a partir dos próprios recursos, evoluindo da forma projetiva de atribuir à mãe a capacidade realizadora. Isso só é possível se a mãe, através da sua sensibilidade e experiência emocional, puder fazê-lo sentir um mundo menos hostil. Assim, suavizando essa experiência de contato com o mundo, através do seu afeto, aconchego, continência e experiência de realidade — onde a mãe passa o que é possível nas situações de amor e ódio (o que é fantasia e realidade), o bebê pode ultrapassar os momentos difíceis que o próprio desenvolvimento propõe.

Vimos, em nossa experiência, que as mães das crianças estudadas, não se mostravam sensíveis, algumas até se assustaram com seus bebês, rompendo a ligação ao nascer (caso 4, 9) ou desligando-se precocemente (caso 2, 3, 5, 6) ou atendendo-os prontamente (casos 1, 7, 8) como que para acalmá-los. Nas primeiras formas de contato o bebê se frustra intensamente dando maior vazão aos seus impulsos destrutivos, fica dominado por ansiedades de confusão e perseguição, tendendo a incorporar sentimentos de rejeição

e abandono; enquanto, que na última, não se frustra e mantém a ilusão de que ainda se encontra na barriga da mãe e que ela lhe pertence. A mãe, nas duas situações falha em sua possibilidade de apresentar o mundo, nem tão hostil, nem tão maravilhoso. São, provavelmente, mães pouco preparadas para a maternidade, com falhas em seu próprio desenvolvimento, que não puderam atualizar e elaborar seus próprios conflitos, comportando-se de forma imatura (como filhas) diante do seu bebê. Deixam que o bebê se iluda de que é um bebê devorador, esvaziador, capaz de estragar o seio e o mundo (perduram as fantasias onipotentes destrutivas) ou de que ele deve ter o que quiser da mãe e do mundo, pois é "*Sua Magestade o Bebê*" (conservam-se as fantasias onipotentes de amor). Ambas as situações tendem a levar a criança à construção de um falso self: na separação brusca da mãe a criança não tem a experiência de ser onipotente, isto é, de ter a mãe curvada a ele, Sua Majestade (Freud, 1905) e no desmame tardio, acredita que é o máximo, vive em onipotência, vê a mãe como um objeto a serviço dele, um desejar sem controle.

Sabemos, no entanto, que ambas as situações são importantes para a vida sadia da criança, tanto a fase onipotente quanto a limitativa. Nestas duas experiências o bebê poderia sentir-se acolhido em suas necessidades e contido em seus impulsos, condição básica de adaptação à realidade.

Os resultados de uma educação sem limite, como coloca Aberastury (1971) demonstram-se ineficazes ou até prejudiciais e as crianças mostram-se insatisfeitas, inadaptadas e com angústias sérias. Em sua experiência com adultos, pode concluir que as crianças "não haviam vivido este regime de liberdade como carinho e segurança, mas pelo contrário: como abandono e insegurança absolutos" (id, ibid., 1971, p. 78).

O processo de crescimento, portanto, só pode ocorrer num ambiente facilitador, principalmente no período em que a relação do bebê com sua mãe é de dependência absoluta.

Coloca Winnicott (1986, p. 113):

"O ambiente facilitador requer uma qualidade humana, e não uma perfeição mecânica, de tal modo que a expressão 'mãe satisfatória' me parece atender às necessidades de uma descrição daquilo que a criança precisa, se os processos de crescimento herdados se tornarem uma realidade no desenvolvimento dessa criança específica. No início, a totalidade do processo de desenvolvimento ocorre devido a tendências herdadas tremendamente vítaís em direção ao desenvolvimento, à integração, ao crescimento: a coisa que um dia faz a criança querer andar e assim por diante. Se houver uma provisão ambiental satisfatória, essas coisas ocorrem com a criança. Porém, se o ambiente facilitador não for satisfatório, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança, à plenitude pessoal".

Temos enfatizado o papel da mãe, na relação com a criança, mas consideramos como Winnicott (1987) que o pai se situa ao lado da mãe, como a figura continente de suas emoções frente à maternidade, num primeiro momento e o limitador dessa experiência: é ele que põe fim ao período em que a mãe como o bebê sente que perdeu sua individualidade, pois, como marido abandonado, reclama o seu lugar e a atenção da esposa.

Neste estudo observamos que os pais não se colocam próximos das suas esposas na questão da maternidade, alguns até concretizam a sua ausência (casos 1, 4), não reclamam seu lugar, na medida em que não parecem saber qual é. Desta forma, não podem interromper o enlevo da mãe e do bebê, que mantém-se ligado à mãe, a quem dirige todos os impulsos, tanto amorosos como destrutivos. Os pais parecem que assistem a essa relação, se submetem à experiência, não se impõem, mas como vimos, principalmente em suas histórias de vida e no DF-E, eles se sentem excluídos, incluem-se apenas no papel de provedores, distantes de suas mulheres, como se os filhos estivessem colocados entre eles.

Na medida em que o pai não reclama seu lugar, mantendo-se distante, não favorece as identificações da criança com ele, os possíveis sentimentos de rivalidade e hostilidade em relação a ele, não podem ser evidenciados, dificultando que as crianças saiam da situação edípica e que limitem suas fantasias nesse sentido.

Como vimos neste trabalho, as crianças centram seu universo na mãe, e não em si mesmas, possivelmente por perceberem-se como vazias de bons conteúdos. Conseguem, através da questão alimentar, realizar a fantasia de unidade com sua mãe, preocupando-a com sua inapetência ou ocupando-a pela constância e quantidade com que solicitam o alimento (inicialmente, o seio). São crianças que estão sempre buscando esse estado de ligação permanente com a mãe, o que repetem nas dificuldades escolares, quando exigem que os pais se voltem novamente para elas.

Encontramos uma concordância entre essas crianças inapetentes ou bulímicas, pois ambas apresentam-se constitucionalmente ávidas ou vorazes e com dificuldades de ultrapassar o período onipotente (posição esquizo-paranóide) recusando-se a aceitar a limitação do objeto provedor (a mãe), não chegando portanto, à experiência de um eu limitado, dependente (posição depressiva). Desta forma submetem-se e à família a um funcionamento dependente ou idealizado, onde não se pode entrever os selves verdadeiros. Acontece no núcleo da família, um jogo de relações de falsos selves, onde a experiência de existir originariamente não se estabelece nas primeiras relações, impedindo que a criança perceba a realidade, seus limites e exigências, e dê conta dela.

Poderíamos desta forma hipotetizar que essas famílias contém elementos e personalidades que se entrelaçam compondo uma unidade onde todos são imaturos para enfren-

tar a vida e revivem através do sintoma da adaptação escolar ineficaz sua dificuldade de buscar conhecimentos e significados sobre a vida e sua própria realidade psíquica. A busca de conhecimento amplia a possibilidade de ver-se e ao mundo e é disso que a família quer se afastar, pois entendem que olhar-se é sofrer, revoltar-se, não vêem na evolução do pensamento uma saída para seus conflitos. Essa parece ser a experiência dos pais, que se repetem com seus filhos.

Vimos que também os pais abandonam seus projetos de desenvolver-se profissionalmente, às vezes frustrados, voltam seus interesses mais para a sobrevivência e ocupam-se do provimento da família, talvez defesa contra o desenvolvimento da consciência sobre si e os outros.

Os pais, desta forma, não se mostram capazes de conter as emoções e necessidades de seus filhos, colocam-se sem condições de sustentá-las e assim as crianças desviam do olhar-se, única forma de resolver seus próprios problemas.

Parecem viver internamente uma experiência de solidão. As crianças sentem-se diante de uma realidade ambivalente, dividida, pais presentes ausentes, próximos — distantes, que externamente realizam a experiência de pais idealizados e perfeitos, mas internamente a de pais abandonadores, logrando às crianças a experiência de crescer sem continência, sem parâmetros da realidade, mais voltadas para suas necessidades primitivas — a busca do prazer

VI. UM MOMENTO PARA REFLETIR

Nosso objetivo nesse trabalho foi investigar os fatores psicodinâmicos associados à adaptação escolar ineficaz.

Esse estudo nos levou a vários resultados colocando-nos reticentes em assinalar conclusões; preferimos atribuir-lhes o caráter de contribuições ou hipóteses a serem verificadas em estudos posteriores.

Encontramos algumas concordâncias com todos os trabalhos que se referem de uma ou outra forma ao tema. Destacamos entre eles:

1. Não é possível analisar a criança com adaptação escolar ineficaz fora do contexto familiar;
2. As dificuldades escolares da criança podem ser vistas como emergentes de uma determinada situação familiar e não como uma disfunção em si mesma.

Observamos que o tema família mostrou-se altamente angustiante, na medida em que levou todos os pais e crianças a lidar com ele de forma defendida: apresentavam

no grafismo, o humano de forma simplificada, esquematizada ou simbolizada e até representado por animais ou objetos.

Em todos os DF-E dos pais e das crianças, vimos também que existe uma tendência ao empobrecimento no grafismo e na estória na medida em que vão se aprofundando no tema. Ao mergulhar nessa experiência, aproximando-se mais dos seus aspectos inconscientes, as defesas se acentuam, talvez como saída para a angústia, revelando as dificuldades de todos para confrontar-se com sua realidade interior e com a realidade de sua família.

As crianças não expressam conscientemente a distância das figuras parentais, ao mesmo tempo que os pais não revelam seu sentimento de impotência diante desses filhos que não estão bem (exceto nos casos J e M) e desse conjunto de desencontros nas relações familiares (exceto caso L). A maioria deles opta por manter o tema imaginário da "*Família Feliz*". Parecem não acreditar que é possível encontrar a felicidade na realidade, então a buscam na fantasia, revelando assim seus traços de imaturidade e uma possível incapacidade para a resolução de seus problemas. Isso leva a família à estagnação e possivelmente a uma sobrecarga emocional, pois as situações de angústia não são elaboradas, vão se somando, tornando cada vez mais difícil encontrar as soluções e favorecendo cada vez mais o distanciamento das pessoas de si mesmas e dos outros, saída para o afastamento de sua própria dor, da sua solidão.

As famílias, desse ponto de vista, parecem um conjunto de eus solitários, que se fecham em sua experiência de existir — não trocam, não se enriquecem, não evoluem, e fallham em uma de suas tarefas básicas que é a continência das ansiedades e atendimento às necessidades básicas de afeto. Esse aspecto da relação, como vimos nesta nossa experiência, às vezes desespera as crianças, que se colocam como crianças abandonadas, à mercê de fortes angústias. Para fugir deste estado, se apegam à fantasia de felicidade, colocando-se como parte de uma família amiga e feliz.

Observamos em quase todos os casos, que tanto os pais como as crianças, não se permitem perceber que poderiam ter uma vida melhor — não sonham nem quando é permitido, pois ao lhes ser proposto a "*Família que você gostaria de ter*", muito poucos se permitiram apresentar seus desejos (caso 6, o pai e o filho: o pai acrescenta uma filha; o filho tira a irmã).

Além disso, percebemos, principalmente o ser proposto tema "*Sua família*", as crianças não expressam claramente sua solidão, em geral reportam-se a um dia agradável com a família e os pais se colocam como quem encara a difícil realidade de ter filhos com sérias dificuldades como algo bom, não se permitindo nem falar deste sofrimento que é tão natural, de se sentirem limitados para realizar o que desejariam para seus filhos. Isso fica bem evidente em algumas famílias (casos 3 e 5) em que as crianças apresentam uma natureza bem complexa, já constitucionalmente definida.

riam dar conta sozinhos. Saber isso poderia aliviá-los, diminuindo a possível culpa que carregam, ou por se sentirem responsáveis pelos problemas do filho ou pela impotência para lidar com as dificuldades que eles apresentam. Mediante o alívio, teriam a possibilidade de serem mais criativos e, possivelmente a energia utilizada para impedir o afloramento destas angústias, estaria liberada para encontrar novas alternativas de auxiliar seus filhos.

Tivemos a oportunidade de atender uma família nesta experiência, onde seus dois filhos (G e H) apresentam dificuldades escolares acentuadas, o que nos levaria a concluir que pais imaturos, inseguros, presos ao passado, e a seus próprios conflitos, poderiam conduzir seus filhos a uma experiência de solidão, da qual as crianças não dão conta, diante da qual se desesperam e fogem para a fantasia, buscam a dispersão como saída para a dor de olhar o fogo; ou aproximam os pais criando cada vez mais situações que chamam sua atenção. Por outro lado, encontramos famílias, onde as crianças observadas tem muitos problemas de adaptação escolar, mas seu irmão realiza de forma satisfatória o contato com a aprendizagem (caso 1 e 6 entre outros) o que nos leva a pensar que existe uma natureza própria da criança que participa direta e decisivamente de sua forma de colocar-se diante da vida e, mais especificamente de sua relação com a aprendizagem.

Como vimos no capítulo anterior, são crianças que vem com tendências fortes a querer manter-se no centro da

atenção dos pais, especialmente da mãe, a querer ter exclusividade no atendimento, que apresentam dificuldade de compartilhar e que colocam a mãe como seu objeto; de amor e desejo e, portanto, como seu objetivo, tudo que represente um distanciamento desta meta, provoca fortes sentimentos de raiva e a irrupção dos impulsos destrutivos que são projetados nas pessoas da família (mãe, pai, irmãos) e reintrojetados pela criança, levando-a à sensação de aniquilamento (Klein, 1934).

Diante dessas crianças, os pais precisariam estar mais presentes, mais seguros e capazes de limitar a natureza das crianças, para assim reduzir sua onipotência, a ação dos impulsos destrutivos, para que elas pudessem adaptar-se ao mundo. Teriam que seus pais consistentes na apresentação dos limites e da realidade, atualizados e não submetidos às exigências dos seus filhos, teriam que ser capazes de impor-se por acreditar que são bons pais e porque tem experiências emocionais, que lhes garantem uma sabedoria sobre a vida.

Todos os resultados tirados desta experiência vem demonstrar que é necessário um estudo mais aprofundado sobre a figura do pai e seu valor no conjunto das relações familiares e no processo de identificação de seus filhos em busca de sua identidade pessoal.

sugerem também a importância de incrementar os trabalhos com os pais, dentro do atendimento psicológico procurando reassegurá-los em seu papel de ampliadores e limitadores das experiências de seus filhos, estabelecendo

a confiança em seus recursos e desenvolvendo-lhes a autonomia que parece que perderam.

Esse estudo vem reforçar o pêsso tão significativo das boas experiências nos primeiros momentos do bebê e sua mãe, indo desde a gestação, parto até o puerpério e o período de amamentação, colocando em destaque também a importância de um relacionamento maduro do casal, para que possam colaborar e se unir na tarefa de receber e educar a criança.

Sentimos, em decorrência dessas análises, que se faz necessário cada vez mais alertar toda a equipe de saúde — ginecologistas, pediatras, psicólogos, educadores, entre outros — para a atenção aos aspectos da relação mãe-bebê, para a consideração do pai como elemento importante de sustentação para esta relação e a importância de se levar em conta tanto a natureza do bebê, quanto a forma como se dão as relações familiares.

Por tudo isso que observamos, entendemos que é difícil ao professor lidar sozinho com essas dificuldades das crianças, o que sugere a importância de um trabalho de equipe dentro da escola e da inclusão da família na abordagem e tratamento da adaptação escolar ineficaz. Entendemos, também, que o próprio processo de formação de educadores deveria incluir o aprofundamento em questões relativas à dinâmica familiar e seus reflexos na dinâmica individual, ampliando o conhecimento sobre os efeitos da re-

lações sobre o indivíduo.

Sentimos que seria importante atender as crianças dentro de suas necessidades, acreditando na força de uma relação satisfatória, num jogo claro, sem culpas, pois acreditamos que, desta forma, a mente de todos se abre e é capaz de criar alternativas para lidar com essas crianças com desadaptação escolar, que, em última instância, sofrem de solidão, pois não se sentem acolhidas e ajudadas, sofrem com suas fantasias e não encontram no ambiente o limite para o sofrimento.

Ressaltamos ainda que os recursos utilizados para a investigação — Entrevistas Trigeracional e de Anamnese e mais especificamente os Desenhos de Família com Estórias (DF-E) — revelaram-se importantes instrumentos diagnósticos. Mostraram-se capazes de destacar aspectos particulares das personalidades dos sujeitos (pais e crianças) como também permitiram entrever aspectos da psicodinâmica familiar (dados sobre as imagos parentais introjetadas pelos pais e pelos filhos). Além disso, possibilitaram um maior conhecimento das relações das famílias nucleares com suas famílias de origem e permitiram ver como as famílias atualizam ou não essas relações internalizadas.

Os diagnósticos, dentro dessa concepção, favorecem, o manejo da entrevista devolutiva e um maior envolvimento dos pais no tratamento da situação em questão. Na medida em que se sentem participantes, vão tendo *insights* no decorrer do processo, compreendem melhor onde se misturam

com as dificuldades dos filhos, aceitam melhor as indicações posteriores, colocando-se com mais possibilidades de engajar-se na continuidade desta experiência.

Acreditamos, no entanto, que esta prática diagnóstica, de integração dos pais no processo, não basta para definir o seu engajamento, eles precisam estar angustiados diante de suas próprias questões, buscando novos significados e confiando na possibilidade de poderem ser ajudados, o que só é possível se puderem diminuir sua onipotência. A onipotência dos pais parece-nos a defesa frente aos sentimentos de impotência diante da natureza de seus filhos, e a alternativa para manter afastada da consciência os sentimentos de culpa que desenvolvem nessa relação.

Entendemos, por essas razões, que cabe ao psicólogo, uma prática cada vez mais integrativa com os pais, até mesmo dentro do psicodiagnóstico e num desdobramento para o atendimento dos pais, a fim de atenuar suas culpas onipotentes e permitir-lhes se sentirem pais humanos, com limitações, abrindo mão de suas exigências de perfeição, e pondo fim a seguir modelos externos de serem pais.

Assim, consideramos que, o aprofundamento desse estudo, poderia levar esse trabalho a se constituir num método de atendimento psicológico breve, mais econômico, dirigido aos pais, pois cremos que um ambiente favorecedor leva a acriança a se desenvolver melhor. Torná-lo favorecedor seria oferecer aos pais a possibilidade de se libertarem de seus aprisionamentos internos, fruto provavelmente

de suas vivências do passado, e poderem viver uma relação atual com seus filhos, entregues a uma experiência emocional, próximos e presentes. Para isso é preciso que também o psicólogo, dentro desse trabalho, não atue seus conflitos internos, esteja livre de julgamentos, e consciente de sua limitação, assim poderá "viver" esse encontro buscando os significados das relações e do posicionamento dos pais dentro da experiência, não repassando, como pretendem fazer os pais ideais, modelos externos de serem bons pais. Temos os pressupostos, de alguma forma sabemos o que seria um ambiente favorecedor, mas devemos nos colocar humildes diante dos pais, pois reconhecemos que essa função não se ensina, tem que ser vivida e tirada da experiência do encontro: dentro da família, entre a mãe e o pai com seu filho; no atendimento escolar, entre o professor e o aluno; no trabalho terapêutico, entre o psicólogo e o paciente, aqui representado pelos pais.

Acreditamos que, para a captação do funcionamento básico da mente, assim como suas disfunções e para a habilidade interpretativa dos conteúdos das fantasias dos pacientes, é necessário que o psicólogo se submeta a uma análise pessoal, apóie-se num substrato teórico e possa utilizar-se de recursos no manejo clínico da situação terapêutica de processos tais como a transferência e a contra-transferência. Com isso queremos dizer que consideramos o respeito e o cuidado que se tem que ter quando o trabalho tem como lugar a experiência humana. As famílias se alicerçam sobre suas defesas, removê-las é uma tarefa lenta, delicada e deve ser feita com cautela, somente após o aflora

mento de recursos substitutivos capazes de sustentar as experiências de confronto com as revelações de suas limitações e faltas internas.

Abordamos neste trabalho a questão da adaptação escolar ineficaz no âmbito das relações familiares, sem contudo, como enfatizamos anteriormente, deixar de reconhecer a presença e importância de outros fatores de ação e interferência sobre a adaptação escolar, tais como a escola, a sociedade, o próprio organismo da criança, entre outros.

Consideramos que ainda há muito que se pesquisar sobre este tema, pois cabem responsabilidades a cada ambiente que contém ou recebe a criança, no sentido de promover condições saudáveis para o seu desenvolvimento e tratamento adequado de suas dificuldades ou características. Assim sendo, embora tenhamos destacado o ambiente familiar e suas influências sobre a criança, não retiramos da escola e dos educadores a tarefa de promover condições favoráveis ao desenvolvimento da criança e de buscar os recursos necessários para lidar com suas dificuldades e limitações.

Cabe a todos pais e profissionais de saúde, encontrar o caminho de acesso à criança, seu estado interior, despertando nela a disposição para o crescimento e resolução de seus conflitos. Na medida em que acreditamos na sua capacidade e no seu ser, criamos uma situação de vínculo, condição principal para que ela possa lidar com sua

de Psicologia da Universidade de São Paulo.

HAMMER, Emanuel F. Aplicações clínicas dos desenhos projetivos. Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.

IDOL-MAESTAS, Lorna. Behavior patterns in families of boys with learning and behavior problems. Journal of Learning Disabilities, Austin, TX, 14(6):347-349, June/July 1981.

JOODE, Margaret S. de. O desenho cinético da família (KFD) como instrumento de diagnóstico da dinâmica do relacionamento familiar. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, 28(2):149-162, Abril/Junho 1976.

KLEIN, Melanie. Psicanálise da Criança. São Paulo: Editora Mestre Jou, 3ª ed., 1981.

KLEIN, Melanie. Contribuições à Psicanálise. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1981.

KOLCK, Odette Lourenção van. Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico. São Paulo: EPU, 1984.

LAPLANCHE, L. & PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 9ª ed., 1986.

LAPLANCHE, J. Vida y muerte en la Psicoanalysis. Buenos Aires: Amorrato Ed., 1973.

solidão, conquistar o pensar por si e, em última instância, existir em si mesma. Esta segurança interior e a conquista de um estado de paz é o que garante à criança poder vencer os obstáculos e as exigências da vida e encontrar o prazer de viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda. Aportaciones al Psicoanálisis de Niños. Buenos Aires: Ed. Paidós, 3ª ed., 1973.

ACKERMAN, Nathan W. Diagnóstico e tratamento das relações familiares. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ADAMS, Ruth I. et al. Children with learning problems: a developmental view for parents. Journal of Learning Disabilities, Austin, Texas, 12(5):315-319, May 1979.

AJURIAGUERRA, J. de Manual de Psiquiatria Infantil. São Paulo: Ed. Masson do Brasil Ltda, 2ª ed., 1983.

AMERIKANER, Martin J. & OMIZO, Michael M. Family interaction and learning disabilities. Journal of Learning Disabilities, Austin, TX, 17 (9): 540-543, Nov. 1984.

ANDOLFI, Maurizio et alii. Por trás da máscara familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ANDOLFI, Maurizio & ANGELO, Claudio. Tempo e mito em psicoterapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

- ARRUDA, Maria Lígia Leite & SANTOS, Manoel Antonio dos. O desenho grupal de mães como instrumento de avaliação da personalidade dos pais de crianças submetidas a psicodiagnóstico em grupo. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, 3(1):2-17, Jan./Abr. 1987.
- BARONE, Leda M. Codeço & TRINCA, Walter. O uso do procedimento de desenhos e estórias no diagnóstico psicopedagógico: um estudo exploratório. Boletim da Associação Estadual de Psicopedagogos de São Paulo, São Paulo, 3(5):5-16, Ago. 1984.
- BERENSTEIN, Isidoro. Família e doença mental. São Paulo: Ed. Escuta Ltda., 1988.
- BLEGER J. Critérios de Diagnóstico, Revista de Psicoanálisis, Buenos Aires, XXX, 1973.
- BLEGER J. Bleger L. Grupo Familiar, Psicologia e Psicopatologia in Grimber et all - Grupo Psicológico, Buenos Aires, Nueva Vision, 1962.
- CAGLAR, Huguette. Étude à travers le Test du Dessin de la Famills des Troubles das apprentissages scolaires liés à des difficultés d'identification. Bulletin de Psychologie, Paris, 33(343):165-171, Nov./Déc. 1980.
- CALABRESE, Raymond L. et alii. The identification of alienated parents and children: implications for School Psychologists.

Psychology in the Schools, Brandon, Vermont, 24(2):145-150, Apr. 1987.

CAMBIER, A. & VU, Pham Hoang Quoc. Problématique oedipienne et représentation de la famille. Bulletin de Psychologie, Paris, 38(369):217-229, Jan./Fev. 1985.

CASELLA, Maria Augusta M. Mitos e segredos: um estudo sobre a estrutura e a dinâmica familiar no psicodiagnóstico infantil. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado). PUC-SP.

CHANDLER, Herry N. & JONES Karen. Learning disabled or emotionally disturbed: does it make any difference? Part 1. Journal of Learning Disabilities, Austin, Tx, 16(7): 432-434, Aug./Sep. 1983.

CHANDLER, Harry N. & JONES, Karen. Learning disabled or emotionally disturbed: does it make any difference? Part II. Journal of Learning Disabilities, Austin, Texas, 16(9):561-564, Nov. 1983.

CHILAND, C. L'école sur le chemin de la dépendance a l'indépendance. Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence, Paris, 38(4/5):282-288, Avr./Mai. 1990

COLEMAN, Marilyn & GANONG, Lawrence H. Effect of family structure on family attitudes and expectations. Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies, Saint Paul, Minneapolis, 33(3):425-432, July 1984.

- COUDERT, A.J. Psychopathologie de l'enfant et scolarité. Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence, Paris, 33(8/9):321-334, Août/Septembre 1985.
- COUTROT, A. M. L'enfant et les nouvelles formes da familles. Neuropsychiatrie de l'Enface et de l'Adolescence, Paris, 37((7):309-316, Juillet 1989.
- CROUTER, Ann C. et alii. Parental monitoring and perceptions of children's school performance and conduct in dual - and single - earner families. Developmental Psychology, Arlington, Virginia, 26(4):649-657, July 1990.
- DADOS, Mark R. Families and the origins of child behavior problems. Family Process, New York, NY, 26(3): 341-357, Sep. 1987.
- DUARTE, Walquíria. O uso de escala de indicadores emocionais de Koppitz no prognóstico do desempenho escolar de crianças de 4ª série. São Paulo, 1986. 196 p. Dissertação (Mestrado). IPUSP.
- EIGUER, A. Um divã para a família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- EVÉQUOZ, Grégoire. Analyse systémique des interactions école-famille: proposition d'un cadre théorique. Bulletin de Psychologie, Paris, 41(384):355-363, Janvier/Mars 1988.

FONTES, Agda Terezinha, Fatores Psicodinâmicos Associados à Dificuldade de Criança em Cursar a Primeira Série do Primeiro Grau. Dissertação de mestrado em Psicologia clínica, PUC, Campinas, 1990.

FREUD, Sigmund. Três ensaios para uma teoria sexual (1905). Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1980.

FREUD, Sigmund. Romances familiares (1909/1908/). In: "Grávida" de Jensen e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Análises da fobia de um menino de cinco anos (1909). Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1980.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1980.

FU, Victoria R. et alii. Children's thinking about family characteristic and parent attributes. Journal of Genetic Psychology. Washington, DC., 148(2):153-166, June 1987.

GREEN, Robert J. Family communication and children's learning disabilities: evidence for Coles's theory of interactivity. Journal of Learning Disabilities. Austin, TX, 23(3):145-148, March 1990.

HABER, Belinda. A família da fantasia, a fantasia da família: a produção da criança como expressão da fantasia familiar.

São Paulo, 1989. 112 p. Dissertação (Mestrado). Instituto

LEBOVICI, S. O conhecimento da criança pela Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1984.

LEBOVICI, S. O bebê, a mãe e o psicanalista. Porto Alegre: Artes Médica, 1981.

LE MOS, Ada Pellegrini. A família e a escolaridade. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, 5(11):14-19, Ago. 1986.

MASSADAR, Cláudia T. Família e problemas de aprendizagem. Boletim da Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, 6(13):36-40, Junho 1987.

McLOUGHLIN, James A. et alii. Perspective on parental involvement in the diagnosis and treatment of learning disabled children. Journal of Learning Disabilities, Austin, TX., 11(5):291-296, May 1978.

MEYER, Luiz. Família, dinâmica e terapia: uma abordagem psicanalítica. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NANPON, Hubert. Les parents et les grands-parents dans le dessin de la famille. Enfance, Paris, 39(4):367-377, 1986.

NOLLER, Patricia & TAYLOR, Robert. Parent education and family relations. Family Relations: Journal of Applied Family and Child Studies, Saint Paul, Minneapolis, 38(2): 196-200, Apr. 1989.

- OCAMPO, M.L.S. e colab. O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas. São Paulo: Martins Fontes, 4ª ed., 1985.
- ORTEGA, Antônio Carlos & SANTOS, Mônica P. dos. O desenho da família como técnica de investigação psicológica: influências da idade, sexo e ordem de nascimento. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, 3(3):239-249, Set./Dez. 1987.
- PAIN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. Teoria do vínculo. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1986.
- PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- PINCUS & DARE. Psicodinâmica da família. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª ed., 1987.
- PLATONE, María Luisa Lodo de. Los patrones familiares y su influencia en el rendimiento escolar. Niños, Caracas, 20(60):51-56, Enero/Junio, 1985.
- PLATONE, María Luisa Lodo de. Integracion del sistema escolar y del sistema familiar, sus efectos sobre la conducta infantil. Niños, Caracas, 22(65):67-75, Julio/Diciembre, 1987.

- POROT, Maurice. A criança e a família. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1958.
- PORTO, Valdeque R.N. Estudo de validação de um procedimento de desenhos de família com estórias, destinado à exploração clínica da personalidade da criança. Campinas, 1985. 140 p. Dissertação (Mestrado). PUCCAMP.
- RICHTER, H.E. A família como paciente: a origem, a natureza e o tratamento de conflitos conjugais e familiares. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- ROBERTS, William & STRAYER, Janet. Parents' responses to the emotional distress of their children: relations with children's competence. Developmental Psychology, Arlington, Virginia, 23(3):415-422, May 1987.
- SAFRA, G. Um Método de Consulta Terapêutica através do uso de estórias infantis, Dissertação de Mestrado, São Paulo, Instituto de Psicologia, USP, 1984.
- SEARIGHT, H. Russell et alii. Family environment of children with school behavior problems. Psychological Reports, Missoula, Montana, 60(3, Pt2):1263-1266, Jun. 1987.
- SEGAL, Hanna. Introdução à obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.
- SIMS, Clive A. Kinetic Family Drawings and the family relations indicator. Journal of Clinical Psychology, 30(1):

- SMITH, Douglas K. & LYON, Mark A. School Psychologists' attributions for success and failure in consultations with parents and teachers. Professional Psychology Research and Practice, Arlington, Virginia, 17(3):205-209, June, 1986.
- SOIFER, Raquel. Psicodinamismos da família com crianças: terapia familiar com técnica de jogo. Petrópolis, Ed. Vozes, 1982.
- SOUZA, Andrey S.L. Indicadores diagnósticos e prognósticos na entrevista familiar diagnóstica de escolares com inibição intelectual. São Paulo, 1987. Dissertação (Mestrado). PUC-SP.
- STEVENSON, David L. & BAKER, David P. The family-school relation and the child's school performance. Child Development, Chicago, Illinois, 58(5):1348-1357, Oct. 1987.
- TORO, Paul A. et alii. A comparison of children with and without learning disabilities on social problem-solving skill, school behavior, and family background. Journal of Learning Disabilities, Austin, TX., 23(2):115-120, Feb. 1990.
- TRINCA W. O pensamento clínico em Diagnóstico da Personalidade, Rio de Janeiro, Vozes, 1983.
- TRINCA et alii. Diagnóstico Psicológico - A Prática Clínica, São Paulo, E.P.V., 1984.

- TRINCA, Walter & LIMA, Célia Blini. O procedimento de Desenhos-Estórias: características e fundamentação. Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, São Caetano do Sul, 1(3):78-84, Ago. 1989.
- TRINCA, W. O procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) na investigação da personalidade de crianças e adolescentes. São Paulo (SP), Boletim de Psicologia, 39 (90/91), 1989.
- TRINCA, Walter et alii. Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): avaliações de um caso. Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, São Caetano do Sul, 2(2): 30-41, Abr. 1990.
- TRINCA, W. et alii. Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Avaliações de um caso clínico. S.C. Sul (SP), Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia, 2(2): 30-41, 1990.
- TRINCA, W. et alii. O procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E) no Diagnóstico Familiar: Utilização cruzada com a criança e os pais. Ribeirão Preto (SP), XXª Reunião Anual de Psicologia da Soc. Psicologia Ribeirão Preto, Resumo dos Anais, Pat. 1990.

TRINCA, W. et alii. Procedimento de Desenhos de Família com Estórias (DF-E): Avaliações de um caso clínico. Ribeirão Preto (SP), Resumo dos Anais da XXª Reunião Anual de Psicologia da Soc. Psic. Ribeirão Preto, Pat. _____, 1990.

TRINCA, W. et alii. Estudo histórico sobre Desenhos de Família. S.C. Sul (SP), Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia. (No Prelo - Aceito para ser publicado nº 1 - nº de 1991).

WAGGONER, Karen & WILGOSH, Lorraine. Concerns of families of children with learning disabilities. Journal of Learning Disabilities, Austin, TX, 23(2):97-98 e 113, Feb. 1990.

WEISS, Bahr & HOFFMAN, Jeffrey A. Family dynamics and presenting problems in college students. Journal of Counseling Psychology, Arlington, Virginia, 34(2):157-163, Apr. 1987.

WINNICOTT, D.W. A família e o desenvolvimento do indivíduo. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

WINNICOTT, D.W. O ambiente e os processos de maturação, Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D.W. Os Bebês e suas Mães, São Paulo, Martins Fontes, 1988.

WINNICOTT, D.W. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D.W. Natureza Humana. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.